



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

Francine Delavald Bottoni

**UMA PALAVRA PARA DIZER O MURMURAR DOS VENTOS:
A URGÊNCIA COMO CONSTITUINTE DA SUBJETIVAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Porto Alegre

2017

Francine Delavald Bottoni

**UMA PALAVRA PARA DIZER O MURMURAR DOS VENTOS:
A URGÊNCIA COMO CONSTITUINTE DA SUBJETIVAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2017

Francine Delavald Bottoni

**UMA PALAVRA PARA DIZER O MURMURAR DOS VENTOS:
A URGÊNCIA COMO CONSTITUINTE DA SUBJETIVAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 13 de Julho de 2017.

Dr. Luis Artur Costa – Orientador (PPGPSI/UFRGS)

Dr. Luciano Bedin da Costa – PPGPSI/UFRGS

Dr. Rodrigo Lages e Silva – FACED/UFRGS

Dr. Danichi Hausen Mizoguchi - UFF

AGRADECIMENTOS

PARA a **Helena, personagem** que me permitiu desdobrar a questão de pesquisa que me convocou ao Mestrado;

PARA os **acazos** da vida e para todos os **acontecimentos** que foram compondo comigo a escolha e a busca pelo Mestrado em Psicologia Social e Institucional;

PARA a **CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo auxílio que me permitiu dedicação exclusiva e a coragem de me mudar para a capital, descobrindo a imensidão que habita não apenas o mundo, mas também a mim;

PARA A **UFRGS** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), pela educação gratuita e de qualidade;

PARA o **Artur**, orienta(dor) atento e generoso: orientou a dor de tal modo inenarrável, que fez dela e desse trabalho saúde, narrativa, afeto, leveza. A cada orient(ação), eu ia descobrindo que a dor era, também, voltar-me aos odores do mundo e compor com eles outras histórias para Helena. Obrigada pela acolhida na UFRGS, por apostar na minha ideia de pesquisa e por acreditar que eu suportaria a dor. Pois, ela não seria apenas dor. E eu não seria mais apenas Francine após isso;

PARA a **banca examinadora**, pela leitura sensível e rigorosa, pelas literaturas, respiros e brechas, pelos ritmos outros na operação da escrita, pelo olhar que me conduziu a “dar mais corpo” à personagem e às narrativas;

PARA os **colegas** do Programa de Residência Multiprofissional do Hospital Santa Cruz/UNISC, pela participação nas oficinas de escrita e por, mesmo não entendendo o que se passava lá, seguirem tentando me ajudar. Essa primeira ideia de pesquisa potencializou o que se desenrolou ao final. O agradecimento volta-se em especial para: Ana Regina, Andreia, Betina, Cristiane, Juliano, Katiane, Kelli, Mariana, Raquel, Robson e Vanessa;

PARA a **coordenação** do Programa de Residência Multiprofissional do Hospital Santa Cruz/UNISC e à preceptoria (**Aline**) e tutoria (**Simone**) da Psicologia, pela compreensão e flexibilidade durante o primeiro semestre do Mestrado, permitindo que eu me deslocasse a Porto Alegre e cumprisse a carga horária de modo diferenciado;

PARA os **colegas do grupo** de pesquisa coordenado pela professora **Rosane** e em especial a ela própria, pelo acompanhamento da pesquisa, pelos deslocamentos sugeridos e pelos apontamentos tão precisos e preciosos ao estranhamento do objeto urgência. Para Anete, Brida, Eduardo, Júlia, Moisés, Tiago entre outros, entre idas e vindas;

PARA a **Fernanda**, amiga e colega desde 2009, muito obrigada pelas palavras de conforto, pelo compartilhamento de preocupações, pelos desbravares em Porto Alegre;

PARA os **colegas** da turma de Mestrado, pelos estranhamentos que ampliaram minha visão de mundo;

PARA os meus **pais, Auri e Lia**, pela transmissão de amor, pela sustentação e pelas raízes; por nunca, em nenhum segundo, duvidarem de mim;

PARA as minhas **irmãs, Bárbara e Natália**, pelo sentimento inexplicável que nos une, pela familiaridade tão acalentadora que os nossos encontros me concede,

PARA o **Alexandre**, por ser meu aconchego nos momentos mais difíceis desse processo de pesquisa. Pelas asas e rizomas, por escrever uma história compartilhada de vida comigo;

PARA a **Guilhermina**, pelo carinho, pelo chimarrão, pelos cartões de aniversário, pela fortaleza de uma velhice frágil;

PARA a **Roberta**, pela sensibilidade, pela narrativa (im)possível, pelos encontros tão potentes e que desassossegam minhas escolhas, aproximando-as do que me faz vibrar;

PARA a **Camila, Luciele, Paula, Gabriele e Bruna**, pela amizade que segue se inventando;

PARA os esquecidos, para todos aqueles que fizeram parte da minha história em algum momento, compondo uma vida entre urgências e tentativas de parada. Obrigada!

"As palavras me escondem sem
cuidado.

Aonde eu não estou as palavras
me acham.

Há histórias tão verdadeiras que às
vezes parece que são inventadas.

Uma palavra abriu o rouço pra
mim. Ela diz que eu a sija.

A terapia literária consiste em desre-
sumar a linguagem a ponto que ela ex-
presse os mais fundos desejos.

Quero a palavra que viva na bo-
ca dos passarinhos "

Manoel de Barros

RESUMO

Esta pesquisa toma a ficção como um método que nos permite complexificar as tramas sensíveis-conceituais com o mundo. Partindo de narrativas da personagem Helena, cartografam-se as linhas que configuram a questão da urgência entre uma lógica disciplinar e uma lógica do controle. De uma urgência concebida como acontecimento extraordinário, a ser isolado em um espaço e disciplinado por protocolos biomédicos, para uma urgência intensiva, constituinte do nosso cotidiano e de seus processos de subjetivação. Pelas narrativas de Helena, apreendemos as diversas operações de ambas as modulações da urgência, bem como entrevemos brechas para desviar das mesmas em fugas: a literatura menor e a possibilidade de afirmar paradas vibráteis são apostas deste trabalho como operação de resistência às capturas líquidas das urgências contemporâneas.

Palavras-chave: Urgência do controle; Ficção; Processos de Subjetivação; Cartografia.

ABSTRACT

This research takes fiction as a method that allows us to complexize the conceptual-sensitive frames with the world. Starting from the narratives of the Helena character, the lines that configure the question of the urgency between a disciplinary logic and a control logic are mapped. From an urgency conceived as an extraordinary event, to be isolated in a space and disciplined by biomedical protocols, to an intensive urgency, constituent of our daily life and its subjectivation processes. Through the narratives of Helena, we learn the different operations of both modulations of urgency, as well as we look at gaps to divert them in fugues: the smaller literature and the possibility of affirming vibrating stops are bets of this work as an operation of resistance to net catches of emergencies contemporary.

Keywords: Urgency of control; Fiction; Subjectivities processes; Cartography.

Algumas Pistas

à história que

Se vai

Contar...

--- Sobre Helena ---
(Helena)

VIVE ENTRE SUBMISSÕES E TENTATIVAS DE DESVIO À LÓGICA HEGEMÔNICA

Alegria
Delicadeza no jardim, brutalidade no beijo

Manias de boneca luxuosa, Resvalares de quem só anda de chinélos.

For de conta ao tocar guitarra

Gostava de usar salmão e de meias

Beijo com gosto de batom ralizar-se de mar

Planejamentos

Produtiva

Balançar do rosto parar sem parar o banho

Arma o balançar do mar, ocupada

GRAVIDEZ AOS 17

Rotulos de cerveja

ADOLESCÊNCIA, GAROTOS, MAGALHENS E BOUDAS

ENFERMEIRA NA FÉDIA TRIPA

NARRAR GALVA

RESASAS

AN SI GIDA DE

RESPONSÁVEL

Supervilha

Desfilava na beira da praia

na de estégio e nus joelhos

CONVERSAS DE FINAL DE TARDE

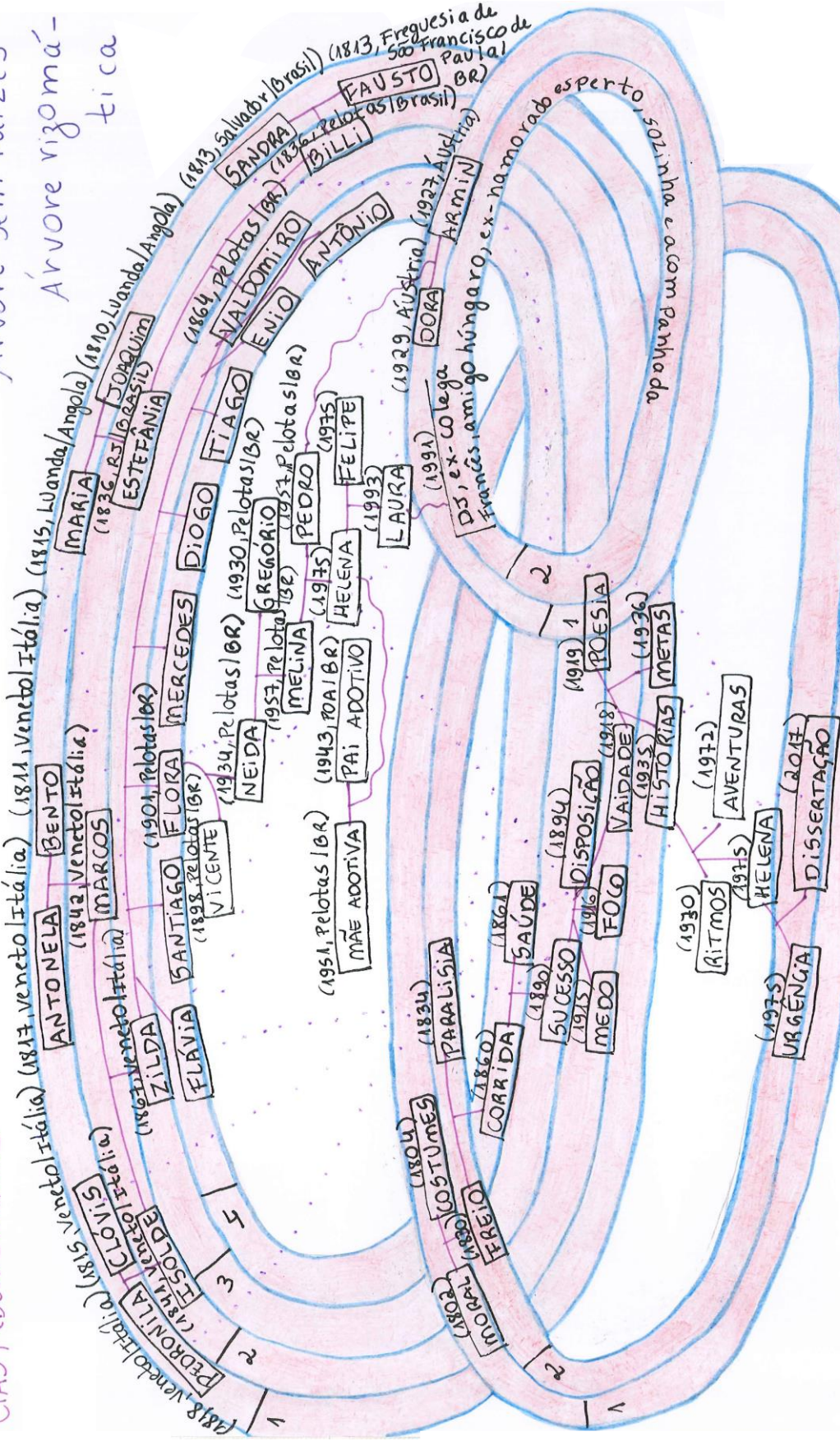
RUGAS COMEÇAVAM A SE FORMAR EM SUAS MÃOS

Amor

GOSTAVA OO QUE MORRIA UM POUCO NELA, DEIXAN DO VIBRAR O JÁ NOVO

PISTA DE IMPROCEDÊN --- Árvore não-genealógica ---
 CIAS, (DES)ORIGENS

Árvore sem raízes
 Árvore rizomá-tica



Uma cidade

Fictícia, entre misturas de vivências e lugares imaginados...

MADROS AO CANTO DOS PÁSSAROS.

ANTIGOS E ATÉ

PREÉDIOS IMENSOS, TOMBADOS, MIS- TURADOS

CIDADE - ANDAN- SAs

PARECEM ESPELHAR O MUNDO

VIDA; CIDADE - HISTÓRIA DE HELENA,

POR VEZES RITMADAS, DETALHADAMENTE RIT-

COMPRIPIREM O CORPO E ESPAÇAREM OS OUVIDOS. RUAS

AMPLIAREM O OLHAR ... OS OLHOS EN

Zona urbana - me valece em nela...

frontereiramente distante da capital.

quela vez a aproximação - a de im-

Cidade de -

vida; cidade - história de Helena;

por vezes ritmadas, detalhadamente rit-

comprimirem o corpo e espaçarem os ouvidos. ruas

ampliarem o olhar ... os olhos en

zona rural... mas ser e "interior" para natural - a na-

possíveis "região metropolitana... e é "interior", por-

ção da presença Helena. In-

veimentos.

SHOPPING S

desritmada

VIAREMO A ESTRUTU-

AS ENVIDAS DAS

que a sua ... Ruas d

SOBRE A SUA

FRONTEIRA

FRONTEI

Passar suas

SAÍDAS

Sua Helena

Sua Helena

SAÍDAS

SAÍDAS

SAÍDAS

SUMÁRIO

1 HELENA.....	16
1.1 Contar Helena.....	21
1.2 Urgências.....	27
1.3 Helena cerzida pelas urgências.....	35
1.4 Helena e uma urgência colorida.....	38
1.5 Helena e uma urgência-mundo.....	50
1.6 Uma urgência a compor vacúolos.....	63
2 BORRIFADAS E SUJEIRAS: POR OUTRAS POSTURAS NA PESQUISA.....	67
2.1 Uma urgência a pulsar e alguns frascos derramados.....	71
2.2 Com o pé na areia da escrita, Helena coloca o dedo no mar da crítica.....	78
2.3 Borrifadas outras: outra personagem de mim.....	98
3 HELENA RASGA A CONTEMPORANEIDADE: SEGURANÇA, URGÊNCIA E RISCO EM MEIO À LIQUIDEZ HIPERDISPERSIVA.....	103
3.1 Risco.....	108
3.2 Risco e aceleração intensiva.....	113
3.3 Helena e a potência de não reagir.....	155
4 PARADA VIBRÁTIL.....	161
4.1 Para uma delicadeza.....	174
4.2 Para umas histórias.....	181

4.3 Para umas inutilidades.....	183
REFERÊNCIAS.....	185
REFERÊNCIAS OUTRAS.....	193

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto – parada vibrátil 1 – Um sonho de Helena.....	33-34
Foto – parada vibrátil 2 – Outro sonho de Helena.....	44-45
Foto – parada vibrátil 3 – Mais um sonho de Helena.....	51
Foto – parada vibrátil 4 – Um diário de campo de Helena.....	57
Foto – parada vibrátil 5 - Outro diário de campo de Helena.....	62
Foto – parada vibrátil 6 – Passa-se um sonho.....	83-84
Foto – parada vibrátil 7 – Um sonho da diferença.....	96-97
Foto – parada vibrátil 8 – Um sonho misto.....	117-118
Foto – parada vibrátil 9 – Sonhando acordada: acordes.....	130-131
Foto – parada vibrátil 10 – Mais um diário de campo de Helena.....	140-141
Foto – parada vibrátil 11 - Sonhar.....	150-151
Foto – parada vibrátil 12 – Diá/rio.....	158
Foto – parada vibrátil 13	160
Foto – parada vibrátil 14	166
Foto – parada vibrátil 15	172-173
Foto – parada vibrátil 16	177-178

1 HELENA

Helena suave. Sentia os pingos escorrendo lentamente por baixo da blusa, até alcançarem os pés e desaparecerem nos chinelos velhos. A personagem carregava um recipiente pesado de madeira, repleto de embalagens com morangos. As frutas pareciam apetitosas, mas a estrada por onde Helena andava e deixava rastros de seu suor, lhe provocava medo. Tudo lhe era estranho, inclusive os chinelos e a roupa que usava. Percebeu que a camiseta que vestia continha um crachá pendurado com sua foto. Arrancou-o, jogou-o em uma lixeira e seguiu andando, cautelosa. A estrada enviesada e em ruínas parecia não ter fim, até que uma sequência de árvores lhe indicou que chegara a uma praça. O local estava repleto de pessoas. Algo havia ali. Se comício, reunião, evento com shows e danças... Não sabia. Aproximando-se, percebeu que havia uma organização das pessoas em forma de círculo. Parecia-lhe um debate, um diálogo aberto, uma conversa pública... Ou seria um teatro? As pessoas usavam vestimentas antigas. Resolveu juntar-se. Colocou o recipiente de madeira com os morangos no centro da roda, permitindo que quem se interessasse, comesse.

Todos que formavam o círculo se voltaram para Helena, estupefatos. Eu lhes disse! Eu lhes disse! Um senhor de barba longa gritava entusiasmado. Helena permaneceu em silêncio, esperando que alguém lhe desse uma pista em relação ao que estaria acontecendo. O silêncio imperou geral. Até que um jovem levantou-se cuidadosamente, voltou-se para Helena, e esclareceu: Peço desculpas pelo susto de todos. Mas é que o senhor de barbas longas sonhou que hoje chegaria alguém em nosso diálogo da praça portando morangos. Esse alguém proferiria acerca do cuidado de si,

pois exercitava tal prática em seu cotidiano com êxito. Bem, duvidamos do sonho, mas agora vemos que estávamos equivocados. Por favor, comece a nos contar.

É uma farsa! É uma farsa! Gritavam alguns. Essa mulher é a sobrinha do senhor de barba longa, veio a pedidos! Gritavam outros. Helena ficou paralisada. Estudara Michel Foucault durante o Mestrado, e sabia que o cuidado de si o autor francês “roubara” dos gregos helenistas, pensando-o como uma ética e estética da existência que ultrapassava um cuidado individualista. Estaria Helena tão próxima dos gregos helenistas, de modo a poder tocá-los e dialogar com eles?

Tentou lembrar-se das aulas e das leituras... O helenismo (período, ao que lhe parecia, em que se encontrava) para alguns estudiosos correspondia a um declínio da experiência democrática, da política e da *polis*, levando os conceitos de cidadania e de política a se afastarem do centro da *polis*. Como se homem e cidadão estivessem cindidos, assim como ética e política... “A impotência do cidadão frente à cidade e à política abriria, por outro lado, uma nova dimensão, a do indivíduo, como uma espécie de evasão para as questões do si como resultante de um distanciamento das questões sociais e políticas” (TESTA, 2011, p.21). Todo esse contexto (lembrava-se Helena), para alguns estudiosos, potencializava uma fuga das questões coletivas e reforçava uma ocupação individualista para consigo.

Michel Foucault, não obstante, questionava as caracterizações descritas acima. O estudioso argumentava sobre o equívoco de se vincular o período helenístico apenas a uma decadência da vida cívica: “(...) trata-se, primeiramente, de contestar a tese de um esfacelamento do quadro político da cidade nas monarquias helenísticas” (FOUCAULT apud TESTA, 2011, p.23). A intensificação das questões políticas e as articulações dos “gregos helênicos” a um viés coletivo, ao invés de mero isolamento e individualismo, evidenciam-se.

Em vez de uma redução ou de uma anulação das atividades políticas, pelos efeitos de um imperialismo centralizado, convém pensar na organização de um espaço complexo: muito mais vasto, muito mais descontínuo, muito menos fechado do que poderia sê-lo o espaço das pequenas cidades-Estado (FOUCAULT apud TESTA, 2011, p.23).

Faz-se, a partir dos excertos e descrições acima, um deslocamento do cuidado de si como um ocupar-se consigo individualista, para um cuidado de si que se exerce no viver junto (DECOTELLI, 2017). Uma atitude que não remete apenas a si próprio, mas

também aos outros e ao mundo, uma vez que o “si próprio” é tramado pelos jogos de verdade (jogos, esses, pensados enquanto um conjunto de regras de produção de verdade), de modo à subjetividade e à verdade estarem imbricadas (FOUCAULT, 2004). Assim, se em alguns momentos esses jogos de verdade foram amarrados a uma prática coercitiva (sistema penitenciário, psiquiátrico...), aqui Foucault (2004) os vincula a uma prática de autoformação do sujeito:

É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser (FOUCAULT, 2004, p.99)

Tomando o excerto e as ideias acima descritas, pode-se dizer que os jogos de verdade, atrelados a uma prática de autoformação do sujeito, tramam um modo de ser implicado a práticas libertárias, e não libertadoras ou de mera liberação. O exercício de si aparece, assim, como um constante reinventar-se, no período greco-romano. O sujeito se constitui através de jogos de verdade e de práticas de poder, o que indica a recusa a uma teoria “a priori” acerca do sujeito. Cuidar de si desdobra-se em um caráter ético, quando pratica a liberdade através do conhecer a si e do ocupar-se de si para munir-se de verdades. Verdades atreladas a regras de conduta e a princípios, o que leva à imbricação entre jogos de verdade e ética (FOUCAULT, 2004).

Para os gregos, a ética vinculava-se ao modo de ser e de se conduzir. Ao que parece, é nesse ponto que o cuidado de si se destaca como prática que não é individualizada – conforme Helena lembrava-se em seus estudos – pois a ética apresenta-se, para os gregos, como

(...) um modo de ser do sujeito e uma certa maneira de fazer, visível para os outros. O êthos de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar (...) Esta é para eles [gregos] a forma concreta da liberdade; assim eles problematizavam sua liberdade. O homem que tem um belo êthos, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a Uberdade de uma certa maneira (...) para que essa prática da Uberdade tome forma em um êthos que seja bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo, é preciso todo um trabalho de si sobre si mesmo (FOUCAULT, 2004, p.102).

Esse exercício de liberdade, enquanto trabalho de si, é político. Pois, a liberdade é política: a “(...) não-escravidão em relação aos outros é uma condição: um escravo não tem ética” (FOUCAULT, 2004, p.102). Nesse sentido, o abuso de poder e a escravidão aparecem como riscos à liberdade grega. Riscos que, importante ressaltar, decorrem do fato de o sujeito não haver praticado o cuidado de si. Quando há um cuidado de si ao modo greco-romano, não há um amor exagerado em relação a si mesmo e que acabe por negligenciar os outros ou abusar do poder exercido em relação a eles (FOUCAULT, 2004).

Trata-se, então, de um cuidado de si que, pensando em si mesmo, pensa no outro? – Sim, certamente. Aquele que cuida de si, a ponto de saber exatamente quais são os seus deveres como chefe de casa, como esposo ou como pai, descobrirá que mantém com sua mulher e seus filhos a relação necessária (FOUCAULT, 2004, p.104).

O modo como Helena proferiria sobre o cuidado de si, aos gregos helenistas, a aturdia. Pois, como contar-lhes seus êxitos em relação a esse cuidado, se encontrava tantas dificuldades em exercê-lo de modo político, coletivo, complexo? Ainda assim, era urgente que o fizesse. Via, na praça onde estava, os olhares enraivecidos e impacientes voltarem-se para ela.

Helena sentia o chão da praça desconfortável. Os morangos seguiam intocados. O calor estava deixando-os podres. O braço do homem ao seu lado encostava-se a suas costas, escorrendo suor. Percebeu que o homem ao seu lado estava deitado e dormia. Era seu esposo, Felipe, que dormia ao seu lado. Helena estava em sua cama. Acordara.

Sentada na cama sonolenta, Helena entusiasmava-se com o cuidado de si dos gregos helenistas e com o modo equivocado como, no contemporâneo, tomamos essa atitude ética. Essa atitude de si ética-estética-política que dizia respeito aos outros, à cidade. Essa atitude que não tem a intenção de ser reproduzida no hoje, mas de servir para repensarmos o modo como nos relacionamos com a nossa vida...

A personagem tinha a impressão de que o cuidado de si se tornara, no contemporâneo, além de individualista, biologicista. Embora no sonho ela era colocada como quem exercia o cuidado de si com êxito, Helena assegurava-se exercendo o cuidado de si contemporâneo com êxito. Não o “outro” cuidado, o cuidado que implicava um viés político e coletivo. Helena assegurava-se exitosa no cuidado de si individualista, preocupado com o corpo físico, com a aparência, com uma ideia de “ser

mestre de si”... Proposições que se aproximavam mais, ao que lhe parecia, de uma autodisciplina ou de um governo de si, do que de um cuidado de si inquieto, ativo – não no sentido de automático, mas de movimento e repensar-se – a lembrar de um exercício de fazer-se singular. Helena estranhava a ânsia dos helenistas, no sonho, no que se referia a um cuidado de si certo e, quiçá até, universal. Mal sabia a personagem que a busca dos helenistas pelo que ela iria lhes contar distanciava-se do cuidado de si contemporâneo totalizante, e aproximava-se “(...) da busca da boa vida, da transformação da vida em uma obra de arte, da busca de uma estética da existência, e não no sentido da normalização e imposição de um modelo” (NARDI e SILVA, 2009, p.148).

Se fosse para Helena contar sobre o cuidado de si em sua vida, iria se referir a uma autodisciplina rígida, a um governo de si que exige metas e objetivos constantes e mutantes, bem como corridas, exercícios físicos e alimentação balanceada, de modo a se encaixar no grupo dos “não sedentários” e, por isso, daqueles que se importam com uma vida saudável. A propósito, o cuidado que Helena despendia aos pacientes do hospital – como enfermeira da pediatria – geralmente acabava caindo em um viés biologicista, clínico e patológico, embora seja difícil desvencilhar tudo isso de um viés político, ético e estético.

Sentada na cama, ainda sonolenta, Helena esticava-se. Alongando-se, era inevitável lembrar-se do fisioterapeuta com quem fazia “pilates”: cuide da postura! Cá “com seus botões”, Helena perguntava-se se, de fato, precisava cuidar dessa postura física, ou se caberia cuidar de uma postura que a exercitaria no cuidado de si, nesse cuidado que o seu sonho parecia apostar como uma atitude ética possível de flexibilidade e liberdade, a produzir desvios em relação a imperativos universais.

Cá “com seus botões”, Helena atentava para o seu nome e, definitivamente, concluía que é impossível definir alguém ou algo, apenas através de um nome. Era Helena, mas ainda tinha muito a aprender com aqueles que pareciam tê-la “batizado”, ainda que de longe: os helênicos/helenistas. Era Helena, mas ainda precisava aprender a sê-lo. E sê-lo era diferenciar-se de si mesma todo o tempo. Era desviar do imperativo contemporâneo de ter de ser ela mesma (HAN, 2015), de ter que encontrar-se enquanto uma Helena que é sempre igual, e que por isso, caracteriza o seu nome com os traços rígidos das letras que não são bailarinas.

1.1 Contar Helena

A fotografia parecia ser um momento muito esperado. Helena observava o retrato que a sua avó Neida havia lhe dado: havia o jardim de uma casa e várias cadeiras colocadas para que todosoubessem. Era possível observar Zilda – tataravó materna de Helena – com seu longo vestido, e Valdomiro – tataravô materno de Helena – com sua fatiota... De acordo com o que Neida contara a Helena, Zilda e Valdomiro foram agricultores e levavam a vida pensando na próxima colheita. E na próxima.

Na fotografia, Zilda usava um vestido longo e rodado que trouxera da Itália no navio, cuidadosamente embalado em suas trouxas que tanto se debateram em alto mar. Colocara suas melhores meias e seus melhores calçados. Vestira os oito filhos com as melhores roupas que tinham e comprara de um alfaiate aprendiz da cidade, uma “fatiota” nova para o esposo, Valdomiro. O fotógrafo deveria estar chegando. Valdomiro arrumou algumas cadeiras no jardim da casa, de modo ao retrato contar com a presença de toda a família. Ele sentaria, bem como os filhos homens. Zilda permaneceria atrás, junto com algumas filhas. As crianças menores se abaixariam em frente a todos, ou iriam para o colo. Decidiriam depois.

Helena olhava para aquela recordação, entre emoções e devaneios. Por mais que seus pais biológicos tivessem falecido quando ela era muito pequena, os pais adotivos permitiram, à personagem, receber visitas da avó materna. Avó, esta, que lhe contava histórias dos antepassados e lhe auxiliava a reinventar a sua própria história. Faleceu quando Helena tinha dezesseis anos.

Da avó materna, Helena tinha como recordação os momentos de visita, os quais foram se tornando cada vez mais escassos com o passar do tempo, devido às fragilidades de Neida, no que se refere a suas questões de saúde. Não tinha fotos da avó. Em sua memória, tinha o registro de uma senhora baixinha e curvada, que sempre usava uma corrente grossa de ouro com um pingente de Nossa Senhora. Imaginava que a avó fosse católica atuante, pois se lembrava de que quando chegava e a via, sempre fazia um “sinal da cruz” e orava por cerca de dois minutos.

Sobre os antepassados cuidadosamente observados por Helena na fotografia, Neida contara à neta que o tataravô Valdomiro fora um negro escravo de ganho que, durante anos, trabalhara para seu senhor desempenhando pequenos serviços de

marcenaria na cidade e pagando por sua futura liberdade em longas prestações. Como escravo de ganho, tinha uma vida muito diferente dos demais escravizados: usava um traje e até mesmo chapéu. Apenas levava os pés descalços, pois essa era a marca de que não se tratava de homem liberto. Valdomiro tinha os saberes da escrita e da leitura, portanto havia custado muito caro quando da sua compra. Ademais, sua habilidade em trabalhar com a madeira bruta, transformando-a em elegantes armários, estantes, mesas ou cadeiras, era a segurança de que daria muito lucro ao seu comprador.

Valdomiro conheceu Zilda quando ela começou a trabalhar como professora de italiano, na casa onde ele prestava serviços. Zilda recém chegara da Itália. Era jovem e exalava uma energia que tirava qualquer um de seu lugar cômodo. Sempre carregada de livros, tornara-se amiga confidente da adolescente filha do “senhor das terras”. Nestas andanças, Valdomiro a surpreendera pedindo livros emprestados. Zilda nunca vira um negro que lia. Os empréstimos viraram longas charlas e as charlas se tornaram chamego. No início, uma amizade animada e fraternal que desafiava suas diferenças. Quando a abolição da escravatura ocorreu de modo mais efetivo, Zilda e Valdomiro já estavam enamorados. Ela, então, persuadiu a adolescente filha do “senhor das terras” a convencer o pai de que Valdomiro era o primeiro a merecer liberdade. A garota o fez e o casal estava livre. Ou pelo menos acreditava estar e acreditava que dali em diante uma história compartilhada poderia se compor.

A partir da afirmação de uma relação inter-racial, no entanto, Zilda e Valdomiro precisaram aprender a correr. Suas pernas precisavam estar sempre de prontidão. Valdomiro já era acostumado, mas Zilda precisou aprender a tencionar o corpo de modo a pendê-lo a favor do vento e, assim, apressá-lo. De cidade em cidade, sofreram preconceitos e foram, muitas vezes, escoraçados dos locais. Aprenderam a fugir rápido, a andar agachado, a se esconder dos barulhos. Casaram-se em um dia chuvoso de inverno, sem plateia ou comemorações partilhadas com pessoas queridas. Zilda tingira o rosto com flores, para parecer corada, e utilizara-se das flores, também, para pintar as unhas; usava o vestido longo que trouxera da Itália. Valdomiro só tinha duas peças de roupas. Casou com a mais limpa das duas. O casal não contou com a bênção de alguma igreja ou com um documento formalizado que constatava a união. Formalizaram, entre eles, a aposta em uma vida compartilhada.

Quando Zilda engravidou do primeiro filho, as corridas e fugas foram ficando difíceis e até perigosas para uma gestante. Construíram, então, sua casa nos aforas da

cidade e lá constituíram sua vida. Era uma zona para onde muitos ex-escravos e negros livres foram após a abolição da escravatura para poderem experimentar sua liberdade em comunidade, sem medo. A cidade carregava consigo os princípios do racismo que explodiriam na Europa algumas décadas depois e, por isso, ir para a zona rural era uma forma de encontrar menos pessoas e mais paz.

Helena, sentada no jardim de sua casa aos 42 anos, olhava a fotografia dos tataravôs maternos e lembrava-se das histórias que a sua avó Neida lhe contava não apenas a respeito desses antepassados, mas também de acontecimentos da própria vida de Helena. Neida acompanhara o parto da neta, pois o pai (Pedro) não tivera coragem. Foi a primeira a vê-la. Melina, a mãe, perdera os sentidos em alguns momentos do processo, mas a bebê permaneceu bem, permitindo que tudo fosse finalizado pela “parteira” sem grandes problemas. Os pais de Helena, na época, residiam na região rural do município, o que dificultava o acesso à zona urbana e, conseqüentemente, ao hospital. As emergências, assim, ainda eram domésticas, coladas à vida cotidiana. Lugar de nascer era o mesmo leito onde houve a concepção e onde se adormecia sobre o colo materno. Helena pensava, às vezes, se teria tido outra vida caso nascesse em um leito hospitalar, em um espaço de emergência descolado da vida do dia-a-dia.

Neida, a avó de Helena, contava à personagem que Melina – mãe de Helena – era doceira e no dia anterior ao parto ainda fritara uma remessa de sonhos de doce de leite, como encomenda de uma fábrica que presentearia seus funcionários. Além de sonhos, especializara-se em “tortas alemãs”, tortas que continham bolachas e cremes diversos. Aprendera o básico da profissão com a sua mãe Neida, mas aperfeiçoara suas técnicas quando abriu um negócio próprio. Pretendia fazer um curso intensivo na capital, após a gestação, para aprender a fazer docinhos com o rosto das pessoas. Muitos clientes solicitavam doces desse tipo para aniversários, formaturas e casamentos. Nos últimos dias, Melina estava trabalhando menos, sentindo-se cansada e sentando bastante ao longo dos turnos. Completaria os nove meses de gestação duas semanas depois, mas Helena tinha pressa.

Quanto a Pedro, o pai, Neida contara a Helena que ele aguardara ansioso o parto da filha, do lado de fora do quarto. Roera todas as unhas que já não tinha. Procurara um local escondido onde fumar. Conseguira. O tempo parecia infinito... Estariam todas bem? Lembrou-se do dia em que Melina lhe contou a novidade: seria papai. Não dormiu na primeira noite. Seus medicamentos não conseguiram mascarar a situação. A insônia

o pegou pelas orelhas... Ficou assistindo televisão. Seria um bom pai? O que seria ser um bom pai? Melina não mereceria alguém melhor do que ele para ser pai da sua filha? Pedro multiplicava suas perguntas e também suas inseguranças. Melina o incentivava sempre, reforçando que seria um excelente pai ao seu modo, e que ela não conhecia outra pessoa melhor para ser o pai da sua filha. Nem sempre adiantava.

Melina e Pedro haviam sido colegas na escola. Terminado o ensino médio, porém, perderam o contato. Exceto quando se cruzavam na rua, mas nem sempre se cumprimentavam. Eram colegas que nunca tinham tido alguma proximidade. Pedro era da “galera do fundão”, não fazia os temas, passava com a nota “raspando” todos os anos. Nunca rodou, mas sempre passou por um fio. Passava a aula desenhando carros. Melina sentava na primeira fila, fazia os temas, respondia corretamente as perguntas e não conversava em aula. Não era exatamente a primeira da classe, mas fazia parte do grupo dos “CDF’s” (cabeças de ferro). Melina e Pedro eram clichês ao contrário.

Durante o ensino médio, e após concluí-lo, Melina ajudava a mãe Neida na feitura dos doces. Neida não tinha uma clientela grande, mas o que faturava ajudava nos gastos que tinha com o esposo. O pai de Melina (Gregório) estava paraplégico há oito anos, devido a um salto desastroso na cachoeira do camping que frequentavam. Com o tempo, os gastos com Gregório aumentaram e a clientela de doces não aumentou. Melina precisou arrumar uma renda extra. Foi trabalhar em uma cafeteria no centro da cidade. Conseguiu uma função de doceira e garçone, devido à experiência com a mãe.

Pedro frequentava a cafeteria onde Melina trabalhava, sempre que tinha aula na faculdade, a qual se localizava na zona urbana do município. O pai o obrigara a se matricular no curso de Administração, mas Pedro não frequentava as aulas. Assim, nos horários em que teria aula, sentava-se na cafeteria. Tomava um *cappuccino* e comia um *croissant*, enquanto lia revistas em quadrinhos. Foi nessa época que Pedro começou a chamar a atenção de Melina. Os dois já se conheciam, mas com as idas frequentes do rapaz ao local onde ela trabalhava, começaram a descobrir aspectos parecidos. Era sempre Melina que o servia. Às vezes já trazia o pedido antes de o mesmo ser solicitado, pois sabia de antemão qual seria.

Melina observava Pedro... Ele pegava com os dedos o resto de açúcar que caía na mesa, assim como ela fazia quando ajudava a mãe a preparar os doces. E ele tinha um cuidado ao manusear suas revistas, bem como uma atenção ao lê-las. Pedro também observava Melina. Adorava o modo como ela mordia o lábio enquanto anotava os

pedidos; e os dias em que usava um batom mais escuro. Mas adorava mais ainda o sorriso que ela dava após a solicitação do pedido. Pedro ficava imaginando se, caso um dia a pedisse em namoro, ela daria o mesmo sorriso. Isso aconteceu após alguns encontros. Pedro a pediu em namoro e ela aceitou.

Passados alguns anos de namoro, o pai de Helena já negara de vez a ida à faculdade e abriu um negócio próprio, de mecânica automotiva. Melina seguiu no embalo do negócio próprio, e passou a fazer doces em maior quantidade, tendo vários funcionários para auxiliá-la com as encomendas. Com uma vida de trabalho duro e diário, com poucos finais de semana e feriados, os pais de Helena iniciavam a sua vida a dois. Não falavam diretamente na vinda de filhos, mas um percebia no outro o carinho nos olhos, quando viam uma criança brincando com os pais. Os dois adoravam crianças. Melina acabou engravidando ao acaso, quando ingeriu medicamentos para infecção urinária, os quais cortaram o efeito do anticoncepcional.

A gravidez se confirmou após enjoos e um teste rápido de farmácia. Não podia haver dúvidas. Melina e Pedro comemoraram indo à cafeteria onde iniciaram uma relação mais próxima. Melina saiu de lá vomitando o *cappuccino* que tanto gostava. Os primeiros meses de gestação foram muito difíceis. Melina sentia enjoos quase o tempo todo, o que a impedia de se alimentar bem. Passados os três primeiros meses, porém, parecia que nem estava grávida. Exceto por algumas fantasias de morte em relação ao momento do parto, sentia-se bem e disposta.

Entre devaneios, as histórias de Neida iam se tramando através de memórias difíceis de serem acessadas por Helena... A avó lhe contara repetidas vezes sobre o momento do parto... Pedro! Neida o chamara na sala externa ao quarto. Venha conhecer a sua filha. Pedro entrou cauteloso e avistou um embrulho nos braços de Melina. De olhos fechados, serena, Helena encontrava-se. Pedro desabou no choro. Precisou de alguns minutos para se recompor e conseguir pegar a filha nos braços. Nunca sentira tanto amor por nada. Melina apenas sorria. Um tanto fraca, pediu que o esposo ficasse com a bebê, para ela descansar.

Com Helena nos braços, Pedro sentia carregar o que de mais precioso possuía. Mas era um possuir não de posse, e sim de afago, de composição, de amor, de afeto. Lembrava-se da educação rígida que tivera e receava repetir isso com a filha. Não queria. Sua filha nunca conheceria os avós paternos, pois eles jamais carregariam uma neta negra nos braços. Os pais de Pedro foram simpatizantes do Partido Nacional

Socialista Alemão durante a Segunda Guerra Mundial, nascidos na Áustria e fugidos para o Brasil após a derrota de Hitler. O pai de Helena apanhara muito quando pequeno, pois não gostava de estudar. Seus pais o consideravam muito preguiçoso, e remetiam isso à degeneração decorrente do clima subtropical da região e da convivência com as raças misturadas deste país perdido. Afinal, a colônia já não era mais a mesma. Muitos, como a família de Neida e Melina, tinham se mudado em busca de empregos e coloriram uma cidade que era alva como o leite. Os pais de Pedro não desistiram dele, tentavam de todas as formas disciplinar aquele corpo degenerado pelo sol e pelas cores dos trópicos. O golpe final fora o dia em que Pedro anunciara o relacionamento com uma negra, Melina. Depois dessa tarde, ele nunca mais vira a família, não era mais bem-vindo na antiga casa. Se fossem outros tempos, lhe teriam retirado o sobrenome, a herança e o excomungado da dinastia familiar. Ainda assim, como Pedro gostaria que a sua filha pudesse ser carregada também pelos avós... Ao mesmo tempo, segurava Helena naquele momento pós-parto, e pensava no quanto não gostaria que ela carregasse os valores arianos, excludentes, preconceituosos e de uma empáfia de superioridade, que seus antepassados lhe injetavam na veia.

Helena estava coberta com um pano que Melina fizera. Pedro percebia que era bordado com lantejoulas brilhantes, que formavam o nome “H-e-l-e-n-a”. O quarto do casal tinha as paredes um pouco riscadas, mas o banheiro cheirava a limpeza. Melina dormia um sono tranquilo. Às vezes, Pedro tinha vontade de amarrar a esposa, para que ela nunca o deixasse, pois a amava com todas as suas forças. E agora o amor era reforçado, com a chegada de Helena. Imaginava o quanto cuidaria daquele ser inofensivo que tinha em suas mãos. Imaginava uma vida tranquila e repleta de amor para a filha. Pensava no quanto gostaria que ela se interessasse pelos estudos, mas jamais a obrigaria caso o seu interesse fosse outro. Tentaria acolher a filha em suas singularidades, pois sabia na pele ardida pela cinta grossa do pai, o quanto era dolorido ser diferente e não poder o ser. Daria conforto a Helena, mas também a ensinaria a importância de conquistar o que desejava por ela própria. Criaria a filha de modo a se tornar uma criança e uma mulher forte e sensível, para ir compondo a sua felicidade. Não conseguia parar de beijar e de sentir o cheiro daquele embrulho cheio de vida a ser moldada, cheio de vida a ser moldada no afeto diário.

1.2 Urgências

Helena terra, grama, areia e lama. Helena a afofá-las com cada pisada. O asfalto não. As britas entravam nos tênis, dançavam com o suor que escorria por todo o corpo. Helena corria. Ainda nem era manhã, ainda nem tinha o sol aparecido pelos recantos do mar. Helena corria. Oito quilômetros, nove, dez... Corria desde sempre. Ainda nem alcançava a torneira da pia do banheiro, e já corria. Acompanhada, sozinha, sorrateira. Corria na praia, corria na cidade, no hospital. Corria do ônibus, para o ônibus, com o ônibus. Corria do tempo.

Corria desde sempre, mas nem sempre corria. Foi com o tempo que a corrida passou a ser incorporada. A cada novo tempo, a cada nova distância, a corrida se entranhava em seus músculos e alma. A corrida passou a ser incorporada ao modo das relações de poder. Elas tramavam o corpo. Tramavam porque havia uma rede de biopoder, e não porque haviam sido interiorizadas na consciência (FOUCAULT, 2014a). Helena e o correr se mesclavam em uma só ação. Helena fazia o correr e o correr fazia Helena. Modo de existência, de escape, de sobrevivência. Participou de competições, recebeu medalhas. Sentia como se alcançasse os objetivos ou metas pré-formuladas. Ao alcançá-las, porém, outras apareciam. Muito mais incitantes e muito mais urgentes. Um novo tempo, uma nova distância. A superação da marca anterior era um imperativo constante, bem ao modo da Sociedade de Controle (DELEUZE, 2008a).

Cinco quilômetros na primeira semana se tornaram dez ao fim do primeiro mês. Se tal dezena de distância era percorrida em uma hora nas primeiras investidas, logo o tempo foi décimo a décimo sendo vencido pelas pernas se fortalecendo, guiadas pela superação de si mesmas: mais quilômetros e menos tempo, sempre havia uma nova conquista, cada corrida era uma nova peleia contra si mesma. Não havia uma distância total, um ponto de chegada final, toda conquista era sempre a base para um novo impulso na direção do ilimitado.

Após uma corrida na praça da cidade, quando o dia ainda amanhecia, o jardim da casa de Helena a acolhia. A personagem, com 42 anos, olhava para o seu jardim através das tarefas que esse lhe convocava: regar as plantas, cuidar da horta, manter a terra fértil, cortar a grama... Era difícil, para Helena, atentar para as sutilezas que o jardim compunha, quando a lógica de metas em sucessão e de um controle a céu aberto

(DELEUZE, 2008a) tramavam o seu cotidiano. Incomodada com a inevitável captura pelo sistema contemporâneo, Helena resolveu sentar-se no jardim de sua casa. Viu que uma flor desabrochava. Branca, pequena e repleta de pétalas, a planta lembrava uma dobradura de papel. Helena acariciou-a suavemente, cheirou-a, definitivamente não sabia de qual espécie seria. Decidiu que era uma camélia. Gostava de camélias desde que sua avó materna, Neida, lhe contara boatos sobre a camélia ter sido símbolo da Confederação Abolicionista, pois os integrantes e propulsores do movimento portavam camélias no decote ou na lapela, como modo de serem identificados pelos escravos. Neida contava que Zilda, a tataravó de Helena que viera da Itália, portava uma camélia no decote quando conheceu o tataravô de Helena, Valdomiro, o qual era escravo.

A flor do jardim de Helena podia ser uma camélia sim, ainda que a personagem desconfiasse. Mas podia ser, também, uma dobradura que crescia com o chão, infectando o mundo de dobras e de lados enviesados. Helena lembrava que suas dobraduras de criança exigiam passos/dobres específicos para alcançarem determinado formato. Se as abas iniciais da dobradura do avião não se encaixassem perfeitamente, o avião voava torto ou nem voava. E talvez fosse isso. O voar torto ou o “não voar” permitiam a Helena compor outros modos de se relacionar com aquele avião que não seguia um modo esperado de funcionar/voar.

Esse avião que voava torto não correspondia à dobradura que metodicamente seguia passos. Era outro desdobramento de dobradura... Era como Helena tentava encarar, naquele momento no jardim, aquela flor que desabrochava: através de uma dobradura que se desprendia dos passos prévios e se vinculava a um planejamento flexível, a dobras inéditos e intempestivos. A flor-dobradura podia ser um mundo. Mas podia, inevitavelmente, cair em uma sucessão de metas, passos ou dobras a alcançarem um formato já prévio. A flor-dobradura podia reduzir-se apenas a uma planta ou a uma dobradura, ou seja, a um ente mundano demandando caracterizações, definições, classificações. Um ente mundano a ser compreendido através de uma lógica racionalista. Um ente mundano que tinha suas relações estabelecidas com o mundo mais em função do emaranhado de linhas que o sistema lhe impunha sutilmente, do que em função das relações de afeto e multiplicidade a complexificarem o seu encontro com o mundo. Como Helena podia compor, através da sua relação com a flor-mundo, escapes às tantas capturas-dobraduras?

A flor-dobradura, se compreendida como uma sucessão de passos a serem

seguidos e a levarem a um formato já prévio, remete a uma lógica disciplinar, embora Helena percebia-se envolta por uma lógica contemporânea do controle: a flor seguiria se dobrando e desdobrando, de modo flexível e intempestivo, e não a partir de um planejamento rígido como o da disciplina. Talvez, diferente de dobradura, era preciso pensar na flor como multiplicidade que não precisava mais de estufa. O controle em relação à flor podia ser no jardim. A flor, dobradura ou não, era tramada pelo sistema que infligia necessidade de crescimento e de expansão de si. Helena a regaria com mais frequência, para evitar que viesse a murchar.

Perdida em devaneios, Helena pensava no tataravô Valdomiro como atrelado a dobraduras: será que houve uma passagem da chibata à dobradura do trabalhador, ou seja, do espancamento corporal e do sofrimento marcado na carne às regras e disciplinamentos impostos ao corpo, nem sempre com marca visível? Pode-se pensar que, se quando escravo, Valdomiro apanhava de chibata, quando agricultor precisava disciplinar o seu corpo de modo a obter um maior rendimento do plantio e da colheita. Cada gesto precisava ser detalhadamente medido (FOUCAULT, 2010), para que a produção não fosse prejudicada. Se Valdomiro vivesse hoje, talvez, precisasse utilizar agrotóxicos em suas plantações, bem como todos os produtos que evitassem ao máximo a possibilidade de a colheita futura não acontecer ou acontecer de modo precário.

Olhando para a flor, Helena desconfiou que o esposo a plantara em mais uma de suas “invenções botânicas”. Felipe era biólogo do Jardim Botânico da cidade onde moravam e de vez em quando aparecia com espécies supostamente raras, das quais cuidava com um zelo semelhante ao que tinha pela filha, Laura. Helena e Felipe estavam há mais de vinte anos juntos e Laura fora um descuido do início do namoro, mas que logo se transformou em um amor compartilhado e em uma aposta mais efetiva no relacionamento dos dois.

A jovem Laura morava na capital e estudava geologia. Visitava-os aos finais de semana e feriados. O momento de visita da filha era muito esperado durante a semana. Helena, em sua rotina exaustiva de dividir-se entre o trabalho no hospital – era enfermeira da pediatria – e as aulas ministradas na universidade, encontrava tempo para comprar guloseimas que, sabia, agradariam Laura. Entre trabalho, guloseimas e esperas, a rotina de Helena desenhava um corpo com sucessivas tarefas. Um corpo com sucessivas tarefas a serem superadas de modo exitoso. Helena precisava ser tão “brilhante” em cada gesto, que por vezes ofuscava-se consigo mesma.

Devaneando em sua caminhada pelo jardim, a personagem reparou que o dia ainda estava nascendo... O sol escondia-se por trás das nuvens, embora a manhã já estivesse clara. O sol parecia insistir em não simplesmente suceder a noite... Helena sentou-se ao lado da flor desconhecida. O orvalho banhava a grama e os seus pés descalços. Era domingo. O esposo e a filha ainda dormiam. Podia ouvir os dois respirarem. Profundamente dormiam. Helena perdera o sono logo cedo. Já o esposo e a filha, provavelmente dormiriam bastante ainda, pois a noite anterior fora de muitas comemorações, devido a Laura ter sido aceita em uma universidade francesa. Estudaria na Europa durante um ano, correspondendo à lógica contemporânea de metas ou objetivos em sucessão... A alfabetização e as contas do primário, a primeira formatura de toga rosa; o beijo do primeiro namorado e a preparação para o vestibular culminando no baile de formatura do ensino médio; o vestibular e seus intensos dias que acabaram em cara pintada; a graduação na capital onde agora morava sozinha; o período no exterior para ampliar horizontes e carimbar pela primeira vez o passaporte... Tudo parecia se suceder cada vez mais rápido na vida de Laura diante dos olhos atônitos de Helena, que acompanhavam os vales das rugas se formarem em suas mãos.

Helena tentava lembrar-se do momento em que a filha contou a novidade sobre o intercâmbio. Foi no dia anterior, mas parecia que já havia se passado uma eternidade, tamanho os pensares, trocas e alegrias suscitadas. Laura chegara cedo no dia anterior, repleta de roupas para Helena lavar, e com um sorriso diferente. Mostrou uma folha de papel para os pais, com uma resposta de e-mail. Quando Helena e Felipe leram, o abraço foi coletivo e a promessa de Laura de pagar uma janta para eles com suas economias, à noite, se cumpriu. Jantaram em um restaurante que permitia uma visual do todo da cidade, enquanto girava. O movimento era incessante, mas nem se percebia. O *buffet* trocava de lugar, assim como os garçons e os banheiros, mas a mesa e as cadeiras pareciam manter-se intactas.

O lugar onde jantaram era lindo e encantador, mas Helena mais se encantava era com os olhos daqueles que a acompanhavam ali: Laura e Felipe foram os descuidos e os desviares da necessidade de metas em sucessão, mais potentes que poderia ter tido. Com eles, Helena conseguiu desviar-se um pouco de metas que se autoimpunha (as quais eram, ao mesmo tempo, composição de um social e não uma característica individualizada), principalmente em relação à profissão e a um suposto sucesso; autoimposições, estas, que produziam suas paralisias, freadas e acelerações cotidianas.

A personagem amava o jeito grosseiro como a filha segurava os talheres, e o modo como se irritava com a necessidade de usar guardanapo no colo. Amava as camisas desbotadas e já quase rasgadas que o esposo escolhia para datas comemorativas e o transbordamento de emoções que ele demonstrava frente a mínimos detalhes.

Helena amava a singularidade tão intensa de cada um. Amava a singularidade intensa do encontro de cada um com a vida, inclusive de sua própria vida... Mas conhecia bem, também, os imperativos que a envolviam nessa vida, ainda que Laura e Felipe compusessem com ela relações que produzissem desvios sutis a esses imperativos. A necessidade de conexões constantes, de formação permanente e de reinvenção frequente de si. Graduara-se em enfermagem há dezoito anos, e não cessara de se atualizar. Desligar-se das novidades tecnológicas, farmacológicas, patológicas... Parecia ser comparado à morte. Helena fizera o trabalho de conclusão da graduação na pediatria, local onde realizara estágio curricular. Utilizou-se de um instrumento para medir os barulhos que envolviam as crianças internadas, tentando avaliar e comparar a exposição abusiva aos ruídos a uma melhora ou piora do quadro clínico. Foi muito elogiada pelo trabalho, tendo conseguido a vaga de enfermeira na pediatria, logo após a formatura.

Mas os elogios e o mérito pelo trabalho de conclusão já não bastavam. Ingressando na equipe contratada do hospital, iniciou uma especialização em enfermagem pediátrica e neonatal; cursando a pós-graduação e trabalhando no hospital, Helena conseguiu uma vaga como professora em um curso técnico de enfermagem. Passou, também, a supervisionar alunas de enfermagem que realizavam seus estágios no hospital onde trabalhava. Mas essa conquista também não bastava: Helena pensava agora em um mestrado na capital para avançar em sua qualificação e incrementar seu ainda ralo currículo *lattes*. Mirava em uma vaga como docente e tutora em um hospital universitário. O que miraria após isso?

Quando Laura ingressou no primeiro ano do ensino fundamental, Helena conseguiu dois anos de afastamento do hospital, para realizar uma pós-graduação de educação em serviço: Residência Multiprofissional Integrada em Saúde, na cidade vizinha. Matriculou Laura na escola da cidade ao lado, e ambas passaram a viajar todos os dias.

Sentada na grama do jardim de sua casa, Helena percebia o quanto a sua vida foi sendo tecida pelo cumprimento de metas em sucessão. Enquanto devaneava, sentiu um

toque em suas costas. Era Felipe, com um chimarrão e uma cara de sono. Viu as marcas suaves de expressão, quando ele lhe sorriu e deu-lhe um beijo. Sentou-se ao seu lado, na grama. Desabafou sobre o seu cansaço e ressaca, dizendo sentir-se velho. Helena compartilhou da sua impressão, mas reforçou que sentar na grama e olhar o jardim a revigorara. Perguntou sobre a flor desconhecida. De fato, Felipe a trouxera do trabalho. Referiu suspeitar que ela não resistisse, pois foi pisoteada pelas crianças de uma escola-visitante do Jardim Botânico. Surpreendera-se com o quão aberta e florida estava. Para Helena, cumprir tão em minúcias com o imperativo contemporâneo de objetivos em sucessão, era um pouco ser pisoteada pela tessitura da vida e deixar um pouco de florir ou de se abrir para o mundo.

Sentados na grama do jardim, Helena e Felipe falaram sobre a janta em comemoração ao futuro intercâmbio de Laura... No restaurante, a pizza de calabresa sucedia a de quatro queijos, que sucedia a de frango com catupiry, então a de milho, a de chocolate, a de sorvete... Os pratos eram servidos e imediatamente esvaziados. A noite perdurava com força, enquanto faziam a digestão. Laura contava aos pais suas expectativas em relação ao país onde residiria. Imitava um sotaque francês, enquanto mastigava um pedaço de pizza de bacon. Helena e Felipe contavam histórias, à filha, das viagens que já haviam realizado. Laura ouvia atenta, enquanto resmungava sobre o desejo de assistir ao seu DJ (*disc jockey*) favorito tocar, em um bar no centro da cidade. O jantar já não bastava. Helena e Felipe, após muitas insistências da filha, acabaram acompanhando-a até o local. Há tempos não saíam para dançar. Dançaram até sentirem que os pés precisavam de descanso. O DJ de que Laura falara usava um boné rosa pink e mexia as mãos como se surfasse. Helena percebeu que Laura lançava olhares para ele, os quais eram correspondidos. A filha, porém, retrucou que “já estava em outra”. Ou melhor, em outro. Um ex-colega estava morando na França, e esperava encontrá-lo quando de sua viagem.



Fabrizia que esperava o pedido, mas não sabia o que pedir. Viu que o cardápio lembrava um disco de vinil e as bebidas, sorvetes e lanches eram denominados pelo nome de conchas. Ao ponderar o seu pedido eram designados com fotografias de conchas clássicas e com trechos de músicas: "Você deixar a sua me levar; Ver a cidade a acender". Suas pernas entortavam-se e algo diferente... Viu que a cadeira na qual estava sentada fora constituída com fitas casseter. Começou a ouvir um som. Bem-feiteira Helena a mexia, o ritmo e a ^{nota} concha mudavam. A cadeira entoava um repetitivo singular, dependendo de como a personagem a mexia ou não a mexia. Helena percebeu-a desconfortável. Não sabia até que ponto aquelas conchas estavam sintonizadas com o que vivenciava no local. Pareciam, antes, sintonizadas a movimentos mecânicos. Preparou-se para se levantar. Antes mesmo que girasse o corpo para desviar da mesa o lodo, chegou o seu pedido. Era um milk-shake de chocolate enorme. Chantilly acompanhava a decoração. O café foi na embreida em chocolate, dificultando o toque das mãos. Era inevitável sujá-las. O pedido denominava-se "O que quer". Assim que Helena começou a degustá-lo, a música que o nomeava começou a tocar (...). A mesma música passou a tocar infinitamente. Mexer-a ou não, na cadeira de fitas casseter, não fazia mais diferença. Apesar da degustação era considerada movimento. Automático movimento. O pedido limitava os que quer e o mundo. A sintonia fora de Helena com o que vivenciava no local apontava para a mesa vizinha: o pedido de senhor o lodo fora uma limonada denominada "Quero sem que quer". O quase, ainda assim, limitava os que quer e o mundo. O senhor só queria a música que dava nome ao seu pedido. Só essa. Helena acordou querendo uma água em título de música. Acordou querendo silêncio.

1.3 Helena cerzida pelas urgências

As comemorações do dia anterior, devidas ao intercâmbio de Laura, foram muito intensas para Helena. Além do alçar voo da filha, o momento mobilizava na personagem recordações da sua juventude e de como o mundo era amplo quando os olhos compunham-se pequenos, pois pouco ainda tinham visto do mundo. No jardim de sua casa, o silêncio da manhã de domingo era tamanho, que o orvalho parecia barulhento. Seus pés descalços sentiam o frio da grama e o calor do corpo de Felipe, ao seu lado. Olhava para a flor recém-adquirida e percebia-se espera e encontro. Esperta com letras e descontraída com números. Mulher e também homem. Tentava não se grudar a um aspecto identitário. Acabava grudando-se. Falhava. Gostava de rosa salmão e de vestidos que tapassem sua cicatriz e seus joelhos. Tinha manias de boneca luxuosa, mas resvalares de quem só anda de chinelos.

Helena costumava dizer que foi criada pelo tempo e teve o corpo cerzido pelas corridas, pelas urgências. Órfã de pai e de mãe desde os dois anos, cresceu em uma família adotiva que lhe deu tudo o que pôde. De zelo e amor, pouco conheceu. O pai trabalhava como engenheiro civil autônomo e não permitia barulhos quando estava concentrado em sua mesa abarrotada de projetos e réguas. A mãe, oito anos mais jovem que o esposo, desejava muito ter filhos. Limpava a casa todos os dias, compondo uma sinfonia de barulhos que se sucediam, em sintonia, em acorde, idênticos. A limpeza, inclusive, era um modo de preencher o tempo e purificar-se dos seus pensamentos supostamente pecaminosos para uma mulher que se considerava religiosa: desejava ter um filho ou filha, nem que fosse com um homem que não o seu esposo. A adoção e Helena apareceram como opções possíveis e socialmente aceitáveis, após tentativas frustradas de gestação. O casal adotou Helena em um momento de crise conjugal. Tratava-se da criança ou do fim da relação. Suportar aquele vazio entre ambos estava se tornando insustentável. Helena aparece para preencher e para conceder sucessão a uma relação amorosa que não se sustentava mais. Helena como um armário em um canto da sala; um armário que, além de preencher o ambiente, sucede um anterior/antigo que fora destruído pelas traças.

Conforme crescia, Helena produzia pouco vazio para si. Os pais adotivos a deixavam bastante ocupada, de modo à personagem contar com tarefas que se sucediam

e muitas vezes até se sobrepunham: aula de inglês, de francês, de violão, natação... Além de aulas particulares, quando apresentava dificuldade em alguma matéria escolar. Preenchia sua vida com afazeres e tornava-se uma garota totalmente apta à sociedade: responsável, produtiva, submissa, ocupada.

Sentada na grama do jardim de sua casa, aos 42 anos, Helena tentava recordar-se, intensificando o que ainda não havia morrido em sua história, intensificando aquilo que ainda pulsava. A insegurança tremida dos primeiros dias de aula em uma escola estranha a envolveu. As portas das salas estavam todas abertas, todas iguais, em uma sequência enlouquecedora para quem buscava um mínimo sinal de familiaridade. As competições pelo tênis da melhor marca lembraram Helena das gincanas. De uma vitória e de uma guitarra tocada sem olhar para o público. Helena fora guitarrista para conseguir pontos para a equipe. Ainda recordava-se do tênis *all star* e da camiseta longa, ambos pretos como a sua pele, fazendo tudo reluzir em meio às luzes do momento do show. Os olhos escuros permaneciam no chão e as mãos faziam movimentos repetitivos nas cordas desafinadas. Os olhos permaneceram no chão e as mãos fizeram movimentos repetitivos na vida como um todo de Helena, durante muito tempo.

Os olhos de Helena tinham se acostumado a mirar o solo para evitar os demais olhares. Única negra em uma pequena escola privada, ela sempre fora foco de olhares: curiosos ou odiosos. Ironicamente, a guitarra e o palco tinham sido uma maneira de driblar tais olhares e se integrar ao grupo. Ironicamente por dois motivos: evitou os olhares ao sair do fundo da sala e ir para a frente do palco e teve como única saída a música, um dos poucos escapes dados aos negros em uma sociedade de brancos. Apesar da relativa aceitação como musicista pop, ela raramente era convidada para os cafés da tarde na casa das colegas. Nunca entendera o motivo. O isolamento fez com que sua amizade com a guitarra e os livros fosse, a cada dia, mais íntima: nunca estava só quando acompanhada por eles. Nem se incomodava com os repetidos olhares dos pais das colegas. Afundava-se em um dedilhado ou nas páginas de uma narrativa e lá podia encontrar-se para além da posição de exotismo na qual os demais a colocavam.

Tantas palavras poderiam ser citadas acerca de sua vida... Mas Helena sabia gostar também daquilo que morria um pouco nela. Que esquecia-se inteiro, deixando vibrar o já novo.

Sentada na grama com Felipe, Helena olhava para as unhas de seus pés. Um

pouco sujas, devido a ter andado descalça pelo jardim... Deixava sempre para a próxima semana ir ao salão de beleza, pintar as unhas e tirar as cutículas. Uma próxima semana que não chegava. Ou, só chegava quando não havia escapatória: uma festa ou um evento que exigissem uma apresentação “decente” dos pés. Olhando para as unhas, Helena seguiu pensando em sua história e no que já morreu ou morreu um pouco.

Optou pelas cutículas. Por aquilo que contornava a unha, definindo-a. As cutículas a contornarem sua história-unha morriam um pouco, quando as indefinições geriam a vida por um lapso incerto. Helena percebia que morria um pouco nela tudo aquilo que é rígido, embalsamado, inflexível. Além disso, encarava o mundo como uma construção no encontro. E era o encontro que fazia, também, morrer um pouco.

Não por acaso, Helena defendera a sua tese de doutorado, há quatro anos, falando sobre o morrer na pediatria. Seguia, inclusive, pensando e pesquisando sobre a temática, na universidade onde lecionava. Fizera Mestrado e Doutorado na capital, deslocando-se de ônibus durante os seis anos de estudos. A necessidade de estudos e de formação aparece, mais uma vez, enquanto metas em sucessão; mas também indica a sucessão como um aspecto presente em todas as “áreas” da vida de Helena.

A personagem, embora hoje trabalhasse no hospital e na universidade, tivesse uma família, uma casa própria, amigos e pessoas que potencializavam suas questões e sua vida... Seguia com metas e objetivos por conquistar. Iniciara um curso de francês há poucos meses, aulas de “pilates” há poucos dias e retornara à nutricionista intuindo qualificar a sua alimentação e saúde... Metas e objetivos seguiam cutucando suas costas. Mas, naquele momento no jardim de casa, com Felipe ao seu lado, irritado com a bomba de chimarrão que não “puxava”, era Laura que a cutucava, abraçando-a por trás. A filha estava quentinha, recém-saída debaixo das cobertas. Tomava um copo grande de leite com achocolatado e dificilmente largava o celular. A imagem da filha fez com que Helena recordasse as viagens diárias compartilhadas entre ela e Laura, para a cidade vizinha, quando cursava a Residência Multiprofissional e a filha precisou mudar de colégio para facilitar os deslocamentos cotidianos. Helena lembrava-se que fazia um leite com achocolatado todas as manhãs, e Laura segurava-o sonolenta, bebendo-o lentamente, durante o trajeto.

Helena perguntou a Laura se ela lembrava-se do período de Residência e das viagens diárias. A garota respondeu que se lembrava com muito carinho. Acrescentou que adorava ouvir o carro da mãe virando a esquina, para buscá-la na escola e irem

juntas para casa, ao som de Titãs e comendo bolacha recheada. Já para Helena, o ingresso em um Programa de Residência Multiprofissional com ênfase em urgência era lembrado como marcado pela aproximação com uma vivência que a acompanhava na vida: a de urgência.

E o desejo de compor algo com isso (as urgências) que acompanhava Helena na vida, não se inicia nessa folha repleta de letras ou em uma pisada que tenta afofar asfalto. Helena e a urgência não iniciam numa pisada. E não terminam nela. Seguem afinando e desafinando, ainda não terminadas e a lembrarem de Rosa (1994): “O senhor... Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão” (p.24-25). Por mais que Helena não tenha a intenção de personificar a urgência, pois ambas escapam o tempo todo a si mesmas, o excerto parece delinear a impossibilidade de completude no que se refere às pessoas e – pode-se acrescentar à guisa de ampliação da noção colocada na citação – no que se refere à urgência. A urgência é pessoa quando pessoa é visto como mudança incessante; a pessoa é urgência quando urgência é visto como mudança incessante... Pessoa e urgência, não terminadas, compõem encontros que não impõem uma condição, e sim invenções e reinvenções de si.

Helena e a urgência, através do viés em composição acima, são rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2000), ao agenciarem várias entradas e saídas e não um início ou um fim: entre-meios, entre-dois. Entradas... A narrativa da vida de Helena distancia-se, desse modo, de uma linearidade. Há, sim, uma costura de tempos diversos e não a existência de uma ordem única. Não há um início para a vida da personagem, assim como não há um início para a questão da urgência. Helena inventa, para si, seus inícios na memória...

1.4 Helena e uma urgência colorida

Helena, sentada no jardim com Felipe, com a caixa de fotografias em seu colo, encontrou uma de seus pais biológicos (Melina e Pedro), em preto e branco. Parecia ser

da época do namoro. Os dois estavam sentados em uma cafeteria, tomando o que parecia ser *cappuccino*. Helena ficava imaginando como se conheceram, quando descobriram que estavam apaixonados, quando decidiram – e se decidiram – ter filhos, como gostariam de vê-la, se ainda estivessem vivos...

Imaginava que a mãe fora bailarina e o pai bailarino. Que se conheciam desde muito pequenos, cresceram juntos e casaram enquanto bailavam em seu show de estreia internacional... Quase vomitava com suas versões. Mas, ao mesmo tempo, preferia acreditar nelas. Temia que a realidade fosse muito dura. Logo percebia que os fatos, situações, histórias e acontecimentos não eram tão lineares ou consequentes... A vida era estar sempre no meio, entre desvios e multiplicidades... Rizoma, como esboçado anteriormente. Um anterior que se reinventa no agora...

Na caixa de fotografias que tinha no colo, Helena encontrou uma foto com os colegas do Programa de Residência Multiprofissional... Recordar essa experiência possibilitava lembrar e reinventar, no presente, um contato com as urgências em âmbito hospitalar e com as inquietações decorrentes. A urgência vivenciada no Programa era múltipla, ainda que por vezes parecesse dada, semântica, inscrita em placas: Sala vermelha; Sala de observação; Sala de medicação; Sala dos pacientes que aguardam internação; Sala dos pacientes que realizaram exame; Sala de isolamento... Tantos lugares – no Pronto Atendimento (PA) ou no local destinado à emergência no hospital – tentavam enquadrar o processual, aquilo que escapava por baixo da porta. Tantas tentativas de classificar o inclassificável: Protocolo de Manchester como um modo de classificação dos sintomas dos pacientes que chegavam ao PA, através de cores. Cores, estas, correspondentes à gravidade do caso clínico:

Aos doentes com patologias mais graves é atribuída a cor vermelha, atendimento imediato; os casos muito urgentes recebem a cor laranja, com um tempo de espera recomendado de dez minutos; os casos urgentes, com a cor amarela, têm um tempo de espera recomendado de 60 minutos. Os doentes que recebem a cor verde e azul são casos de menor gravidade (pouco ou não urgentes) que, como tal, devem ser atendidos no espaço de duas e quatro horas (SILVA, 2012, p.1).

Embora com tantas tentativas de enquadramento no espaço e segmentação quando da classificação através do Protocolo de Manchester, a urgência compunha-se para Helena como múltipla. Era essa multiplicidade que ela via saltar dos seus olhos, naquela foto de anos antes, naquele olhar antigo que lhe tocava no hoje, reinventado.

Era a multiplicidade da urgência que Helena lia em seus diários dos momentos de vivência na urgência hospitalar:

Quais são as demandas que chegam ao PA? De unha encravada ou também de solidão? De enxaqueca ou também de desilusão? De dor de barriga ou também de problemas conjugais? De resfriado ou também de necessidade de escuta? De dedo quebrado ou também de insatisfação perante a vida? O que os sujeitos buscam e o que encontram no PA?(...) Tanto circular, tantos giros, tantos escapes. Escapes que, de certo modo, dificultam a entrada no fluxo incerto que é a vida que chega¹ (BOTTONI, 2016, p.8).

A paciente, obesa mórbida, sentada na sala de medicação, parece ter consigo todas as urgências do mundo. Seu corpo parece se compor de tudo que a envolve. Tudo parece ser carne... Não osso, não rigidez... E sim carne que balança, que é movimento. Mas permanece sentada. Despeja-se na cadeira, espera e espera um exame para suas pedras renais. Segue com as pedras que não encontram vazão em meio ao corpo que compõe o mundo...² (BOTTONI, 2016, p.13).

A entrada no Programa de Residência, bem como as vivências experienciadas, delineavam uma urgência que era múltipla e que se diferenciava de uma urgência hospitalar enquadrada e inscrita em placas. Uma outra urgência desenhava-se para Helena, a partir do adentrar novos ritmos do trabalho com a vida e a morte. A residência fazia jus ao nome e ofertava uma nova casa a partir da qual Helena transformava sua experiência da cidade-cosmos (DELEUZE e GUATTARI, 1992). Novo corpo, novo mundo, novas correrias a perfazerem Helena.

Como já respingado acima, andanças e pulsações produziram uma pesquisa cartográfica – à finalização da Residência Multiprofissional – das urgências que envolvem os sujeitos no contemporâneo, a partir da experiência de Helena no Pronto Atendimento (PA).

Leituras, estudos e a multiplicidade de situações vivenciadas ao longo da residência respingaram repensares. A urgência passou a ser encarada em processo. Passou a ser problematizada e tornar-se mais motor de questões do que objeto dado e definido em sua totalidade (BARROS e KASTRUP, 2009). A urgência, na trama

¹Recorte de diário de campo que compôs o trabalho final da residência multiprofissional da pesquisadora. A sigla “PA” corresponde a Pronto Atendimento, nomenclatura utilizada para o espaço destinado às emergências hospitalares.

² Recorte de diário de campo que compôs o trabalho final da residência multiprofissional.

biomédica, traça apenas algumas linhas que compõem a experiência da urgência na atualidade. Na presente pesquisa, porém, Helena propõe-se a pensar a urgência como operadora de um processo de subjetivação.

Múltipla, a urgência parece se aproximar do *mundo* de Costa e Kirst (2010). Mundo pulsante, atraído pelo múltiplo e pelo heterogêneo. Mundo que parece se aproximar do tempo enquanto multiplicidade pura de Gilles Deleuze e Félix Guattari (PELBART, 2009). Mundo e tempo que poderiam ser articulados à vida. Deleuze (2015), dialogando sobre a letra M de *maladie* (doença) em seu Abecedário, verbaliza sobre a saúde fraca favorecer a escuta da vida. Helena, no embalo das situações de “saúde fraca” vivenciadas na Residência, voltou-se à vida. Mas, a qual vida? Àquela compulsória da biopolítica (FOUCAULT, 2008a) ou à vida como criação na imanência (DELEUZE, 2002)?

O adoecer faz parte constituinte da vida em seu devir, pois a vida da imanência não se contrapõe à morte e ao adoecimento. É criação, vida no risco, vida no adoecimento. Assim, a urgência se distancia da mera tentativa de assegurar "a vida" contra o risco intempestivo de adoecer. Caberá a Helena pensar uma urgência outra, em sua relação com a intempestividade do adoecer a si.

No fluxo, as leituras e a própria vida desencadearam pensares sobre as vidas urgentes de hoje. Sobre as vidas cansadas de hoje (PELBART, 2013). Sobre fazer esgotar o cansaço em criação para além e aquém dos modelos. Sobre escrever essas novas vidas que não se opõem à morte em uma experiência de urgência ressentida contra o intempestivo. A escrita, indissociável da vida e da experiência de Helena, apareceu como potência. Apareceu a partir das leituras de autores, borrifada. Apareceu em fluxos que já existiam, repaginada. Apareceu ao produzir indagações sobre o modo de escrita existente nos programas de residência multiprofissional. Apareceu a partir da escrita técnica e fria – pensada como contraponto às redes quentes e produtoras de diferença (BARROS e PASSOS, 2004) – experienciada no hospital e, por vezes, expressa em uma prática que escapava à diferença. Apareceu a partir da escrita de si de Helena a correr pelos corredores do Hospital, pelas ruas da cidade e pelos momentos de sua vida.

Helena, com as fotografias da Residência e dos antepassados no colo, tentava organizar uma ordem cronológica para os fatos registrados nas imagens. Algumas tinham ano, outras apenas o dia e o mês; várias ilustravam acontecimentos, sorrisos e

sofrimentos que não correspondiam apenas ao dia da foto. E sim transbordavam o retrato, impossibilitando um lugar fixo na ordem cronológica que a personagem tentava organizar. Em meio às fotos, Helena encontrou um saco plástico repleto de rascunhos com a assinatura de sua tataravó, Zilda. Existiam histórias e boatos de que Zilda ensaiava-se como escritora, embora não tivesse publicado nada. O saco plástico com os papéis denunciava justamente isso: esboços de uma vida, traçados a lápis.

Zilda narrava fatos cotidianos, dificuldades financeiras, angústias diversas, medos, frustrações, saudades da Itália, alegrias diárias... Ler Zilda, para Helena, era um pouco ler a si mesma. Um si que se afetava pela antepassada e se transformava, no presente. A narrativa de Zilda parecia, inclusive, servir de reflexão/diálogo à tataravó de Helena e, conseqüentemente, de transformação dela própria.

Ler Zilda era tocar nos pés gordos de Antônio, o filho mais novo dela com Valdomiro. Ler Zilda era descobrir que o parto de Antônio foi muito difícil e que por pouco os dois não morreram. Havia a parteira negra que indicou a Zilda e Valdomiro o local onde residiram durante anos, e foi quem fez os partos anteriores da tataravó de Helena. Porém, ela estava acamada no dia que Antônio insistia em nascer. A outra parteira resistiu a participar do processo, devido ao casal ser inter-racial. A profissional não chegou a tempo de auxiliar no parto. Quando chegou, Valdomiro chorava, sem saber se havia feito o que era certo.

Em suas escritas, Zilda contava esse acontecimento com muita intensidade. Quase que como se tivesse morrido no momento do parto, e renascido com a chegada de Antônio. Por vezes, as palavras pareciam um renascimento enquanto reinvenção de si, à tataravó de Helena. E não seriam o mesmo para Helena? Ela escrevia prontuários, produzia artigos científicos, fazia anamneses e avaliações dos estagiários e ainda gerenciava a equipe de enfermagem, o que exigia protocolos padronizados. Sua escrita, em meio a tudo isso, nem sempre se despejava, ou podia se despejar, como a de Zilda. A tataravó, a propósito, em determinado trecho de seus rascunhos, comparava os traços que delineava com a caneta, ao lavar roupas à mão.

Escreve: (...) *esfrego e esfrego as roupas sujas dos meus filhos. Tento tirar ao máximo qualquer vestígio de mancha ou de sujeira. Sempre falho. Com a escrita acontece o mesmo... Tento tirar ao máximo qualquer vestígio de mancha ou sujeira, tornando-a de uma pureza cristalina. Sempre falho (...).*

O trecho fazia Helena pensar na água que a máquina de lavar despejava para lavar suas roupas... Dava-se conta de que escrevia como se fosse uma máquina de lavar: a água despejada no recipiente específico e a roupa saindo pronta. Helena percebia que, em sua escrita e em sua vida, poucas vezes despejava-se além, ou escapava além do recipiente específico e prático que deixava a roupa-escrita pronta, em um formato limpo e perfumado. O trecho e as narrativas de Zilda reinventavam a relação de Helena com a escrita e com a vida.



Atropalhava - e 1, por vezes. Deixava cair algumas páginas. Alguém a apressinava. Um cheiro acentuado. Helena des-
 conhecia. Mas seguia. Um barulho na sala vizinha. Um contor de um
 prisioneiro, ao longe. A sala onde trabalhava tinha vista para um rio imen-
 so. Árvores destacavam - e também. Os vidros dos janelos estavam
 imundos... Há quanto tempo não olhava o entomo? Helena contava dou-
 mentos. Para ela, o trabalho preenchia cada espaço da vida. Estava com
 48 anos e iniciava em tal atividade aos 18. Completaria 30 anos de servi-
 ço prestado com êxito, naquela semana. Festa, coquetel e almoço a espera-
 riom na sexta-feira, após o expediente. Mas Helena não finalizou o ex-
 pediente naquela sexta-feira. Decidiu trançar - e na sala e seguir contor-
 de documentos por mais 30 ou até 100 anos. Burburinhos permeavam a
 sua sala. Os colegas a aguardavam para as comemorações. Onde estaria
 Helena? Ainda não saiu da sala, dizia um. Já foi para casa, dizia ou-
 tro. Parecia indisposta durante a tarde, quitava outro. Até que al-
 guém bateu na porta da sala de Helena. Helena! Chamavam. E
 nada. Ninguém respondia. Helena, comutada, seguia contando do-
 cumentos. Quanto tempo já os contara? Os dias passavam. Helena fez 31
 anos de empresa. E então 32. Os documentos que contava eram os mes-
 mos. Mas o contar era outro. Helena transformava - e em documentos.
 Passava a contar e a narrar a sua vida através deles. E ler eram ela e
 ela fazia - e eles. Engolia alguns, por vezes, engolindo a si mesma.
 Piscava - e, por vezes, rabinando a si. Helena passou a se chamar
 "Documento". E ninguém na empresa percebera que aquela mulher
 de pernas contidas e olhar baixo seguia na sala de sempre. Seguia
 e contando. Seguia esotando dos nós, caindo os pés e sentindo, por
 vezes, o vento da janela que seguia imunda ao fora. Helena acordava
 na em um susto. A janela estava aberta de modo "escancarado" e o
 vento espalhava todos os papéis pelo quarto - mundo.

Fazer transbordar a escrita e também a vida. Agenciar a questão da urgência a partir da escrita de uma vida, transbordando o âmbito hospitalar e rabiscando vidas tão ficcionais quanto reais. Uma “oficina terapêutica” desenhou-se durante uma vivência de Helena em um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), enquanto residente multiprofissional. Vivência que seguiu pulsante no ambiente hospitalar, evidenciando práticas instituídas (aspectos estáticos) inseparáveis das práticas instituintes (forças e fluxos inventivos) (LOURAU, 1975). Evidenciando, aliás, a possibilidade de uma oficina que acompanhasse um instituinte que vibra nas entrelinhas de um hospital, através de uma escrita que poderia dar palavra a esse instituinte, o qual se esconde em meio a prontuários e evoluções médicas desinvestidas de *afectos* potentes de variação (DELEUZE, 2006).

As vivências e pensares mencionados tramam outros contornos à pesquisa outrora realizada no PA. A escrita passa a ser tomada como um modo de produzir diferença nos processos de subjetivação e nas urgências atreladas a eles. Seguindo o embalo rizomático (DELEUZE e GUATTARI, 2000) de sua/uma vida (DELEUZE, 2002), Helena residente compõe-se residente-mestranda e percebe que na escrita das vidas poderia encontrar um modo de pensar a urgência para além da sua expressão biomédica, inimiga do intempestivo. A escrita poderia ser um dispositivo colaborativo de problematização da urgência. Helena viu aqui um primeiro esboço de sua questão de pesquisa: poderia a escrita literária colaborativa servir de espaço heterotópico (FOUCAULT, 1984) para o cuidado de si (FOUCAULT, 2004) dos profissionais, ao possibilitar que esses repensassem suas articulações com as políticas públicas e a cidade? Seria essa a nova aventura de Helena? Na verdade não.

O mestrado, a potencializar a realização de oficinas de escrita com residentes multiprofissionais que... Freada.

Nesta freada, as oficinas se desfizeram, foram destroçadas, restando apenas a pena da ficção e sua operação de delírio. O sonho dos outros, isolado em um ambiente específico – oficina – deu lugar ao mundo sonhado por Helena ela mesma, ainda que sempre outra. A ficção vazou das oficinas rompendo com as mesmas: não se tratava mais de objeto, mas de campo. A própria Helena em suas potências inventivas ficcionais tornou-se objeto e meio, ferramenta e fim de uma empreitada destinada a modular na escrita as experiências de urgência que atravessam e constituem os processos de subjetivação contemporâneos. Do Hospital para a cidade, da oficina para a

vida: Helena vivendo a vertigem de inventar a si mesma diante da freada disruptiva de sua pesquisa.

Freadas vertiginosas, Helena tivera várias ao longo da vida. Várias distintas entre si. Uma delas aconteceu quando ela e Laura voltavam para a cidade onde moravam, após um dia de residente multiprofissional atribulado para a primeira, e de estudante para a segunda. Um caminhão carregado de porcos e cheirando mal cortou a frente de Helena, no momento em que ela dobraria para a rua lateral. A personagem lembrava-se que demorou até encorajar-se e virar o olhar para verificar o estado em que a filha se encontrava. O fez devagar, quase parando. Quando fixou o olhar, viu que Laura estava intacta, embora com o olhar no vazio. Paralisada. Helena abraçou-a forte e as duas choraram muito. O motorista do caminhão de porcos seguiu viagem como se nada tivesse acontecido. Helena e Laura estavam intactas fisicamente, mas o susto fez com que Helena sentisse na pele um desespero que, talvez, seus pais tivessem sentido momentos antes de falecerem.

Quando pequena, Helena sonhava frequentemente com o acidente dos pais. Não tinha notícias precisas de como a fatalidade acontecera, pois não tivera contato com seus familiares biológicos (para além da avó Neida) após o ocorrido e após a adoção. Em seus sonhos, o dia estava quente e o banho na piscina de plástico fora divertido. Helena (dois anos) passara o dia na água gelada, brincando com uma vizinha um pouco mais velha. As duas haviam retirado os rótulos das garrafas de cerveja dos pais, e grudavam eles aos corpos, como se fossem tatuagens. Talvez, nenhuma lembrança retrate tão bem os rótulos que Helena foi acumulando ao longo da vida.

Enfim, a noite começou a chegar. Os pais da amiga/vizinha vieram buscá-la. Os rótulos foram retirados do corpo de Helena, por sua mãe. Melina deu-lhe banho e deixou Helena brincando no chão, em um pano acolchoado, rodeada de brinquedos. Pedro sentava-se um pouco com Helena, tentando evitar que ela andasse e mexesse em algo perigoso, mas sua impaciência logo o levava para a televisão ou para o jornal. Pedro já estava arrumado. Vestia roupas novas e passara gel no cabelo. Helena mordida um urso verde musgo. Melina apareceu, logo depois, de banho tomado. Usava um vestido vermelho novo, sapatos de salto e brigava com o batom e o pó de maquiagem.

Pedro voltou-se para Helena, pegou-a no colo e explicou que ele e a mamãe iriam a uma janta de casais. Ela ficaria com a avó Neida e eles a buscariam pela manhã. Helena olhava para o urso verde musgo. Na garagem de casa, o carro deu a ré e, em

cerca de dez minutos, chegaram à casa da avó Neida. A avó esperava de braços abertos, com um leite quentinho e doce na mamadeira, e uma música ao fundo. No sonho, Helena gostava do lugar. Não tinha mais vontade de acordar. Não sabia se para prorrogar o acidente e a notícia do mesmo, ou se para não ser adotada. O sonho ainda continha uma batida forte na porta da casa da avó e um choro desesperador de Neida. Terminava com uma boneca de cabelos duros, que Helena ganhou de presente da avó, quando acordou de manhã.

Helena tinha dois anos e passava os dedos nos cabelos duros da boneca que ganhara da avó, na manhã seguinte ao banho de piscina com rótulos das garrafas de cerveja e à janta de casais de seus pais. Neida estava ao seu lado e chorava disfarçadamente. Segurava um lenço e olhava para o entorno, desolada. Helena calçava os seus melhores sapatos e a avó prendera o seu cabelo de um jeito diferente de como Melina fazia. Havia um cheiro de flores no ar. Helena ouvia burburinhos na sala ao lado, mas não pedia para a avó para ir até lá. Preferia ficar quietinha, com a boneca. A avó havia lhe explicado que os seus pais tinham viajado para muito longe, e que ela poderia seguir encontrando-os quando olhasse para o céu e visse estrelas. Cada um deles correspondia a uma estrela brilhante. Helena ainda não tinha olhado para o céu. Não queria que eles ficassem tão longe. Queria que voltassem logo. A avó passava a mão no cabelo da neta.

Helena estava paralisada, dura, como o cabelo da boneca. Parecia que vivenciava todo o tempo uma freada ou uma parada brusca, ao modo daquela que transformou seus pais em estrelinhas. Era como se imitasse, no gesto de pegar a boneca, de mexer o pescoço, de sentar-se... Aquela parada brusca. Helena estava freada para o mundo, aos dois anos.

Quando a mão de Neida cansou de acariciar os cabelos da neta, carregou Helena até uma casa diferente. O caminho de automóvel foi curto, mas a entrada foi difícil. Helena não soltava as mãos da avó. Chorava desesperada. Nem viu a quantidade de crianças que a rondavam. A avó carregou-a até uma sala pequena, onde duas mulheres as aguardavam. Sorridentes, as senhoras pareciam garotas propaganda de pasta de dentes. Não se lembrava do que havia sido conversado, só lembrava-se que o lugar era muito branco, que passou a integrar um quarto coletivo e que sua boneca de cabelo duro – e todos os seus brinquedos – foram recolhidos. Havia brinquedos lá, mas não eram os

seus. Não tinham o seu cheiro, não tinham a história de quando os ganhara, não carregavam em si a emoção de quando os pais se sentavam para brincar com ela.

Sentada encolhida em seu beliche, Helena sabia no corpo – pois talvez se pode pensar que ainda não tinha recursos psíquicos para entender de modo mais lógico ou complexo – que o abandono sentido a impulsionava para o mundo. Helena partia de uma casa segura e restrita (que se poderia relacionar à oficina de escrita com residentes multiprofissionais e à pesquisa-intervenção) para uma casa/cidade/mundo estranhos (que se poderia relacionar à escrita cartográfica, à ficção, à cidade).

Nos primeiros dias na casa de crianças para adoção, Helena permanecia em seu beliche. Não se mexia e não brincava com as outras crianças. Com o tempo, porém, percebeu que precisaria partir para o mundo e se deslocar até uma sala grande com imensas mesas, para matar a fome. Chegando lá, descobriu que algumas crianças fugiam da casa, por um buraco escondido atrás da cortina empoeirada de uma das janelas do local destinado às refeições. Em um dia de chuviscos, após o meio-dia, quando as monitoras e crianças dormiam, Helena permaneceu na sala de estar brincando com uma boneca que não tinha mais um braço. Ligeira e sorrateira, a personagem correu até a fenda na parede e conseguiu sair da casa. Correu e correu pelo pátio, tentando encontrar uma saída no portão. Viu que o guarda cochilava. Saiu para a rua. Uma das monitoras, no entanto, chegava para o seu turno de trabalho e a avistou. Helena correu e correu, mas a monitora estava de carro, alcançando-a com facilidade. Levou-a de volta para a casa e colocou-a de castigo na sala de reuniões. Helena repetiu essas fugas várias vezes. Em uma delas, pechou com força nas pernas de um homem que vinha buscar informações a respeito de adoção. O homem decidiu que seria ela a menina a ser adotada por ele e sua esposa. E foi.

Nos primeiros tempos na casa dos pais adotivos, Helena repetia o comportamento de fuga. Corria e corria pela rua. Até que percebeu que moravam em um condomínio fechado. Não havia possibilidade de fuga para ela. Os guardas estavam 24h, e se eles se distraíam, havia câmeras por todos os lados. Aceitou a sua situação e passou a fugir de outros jeitos: através de livros, músicas, brincadeiras, filmes e, principalmente, da imaginação.

Aos 42 anos, Helena segue fugindo através das fantasias, mas também das corridas matinais, as quais lhe possibilitam um corpo e uma saúde adequados aos ideais

colocados por um cuidado de si que reduz o cuidado dos helenistas a um viés individual, corporal-esteticista. Um cuidado que é obrigação de cada um para consigo.

1.5 Helena e uma urgência-mundo

Em suas vivências de enfermeira residente no hospital, Helena era envolvida por uma urgência que não sabia nomear. Não correspondia à urgência hospitalar do paciente em parada cardíaca: era uma urgência que extrapolava os muros hospitalares, conforme já esboçado anteriormente. Entre extrapolares, o trajeto da personagem se desenrola do projeto das oficinas e de uma urgência como espaço isolado, para uma pesquisa constituída em uma ficção e urgência descoladas dos limites espaciais e temporais. Das oficinas e da urgência no hospital, passa-se à pesquisa pela ficção cartográfica das urgências nos cotidianos das cidades.

MAIS UM SONHO DE HELENA

Helena andava pela cidade. O dia amanhecia devagar. Os pássaros já se faziam ouvir. Um deles pousou na janela do prédio por onde passava. Pareceu-lhe deliciosamente, que seus pés tocavam um fio de linha enfiando-a à janela. Deparou-se com a leveza do tombo fez Helena perder o peso de seus trêves passos. Parou-lhe que os saltos de salto que usava continham uma seqüência de tijolos. Seguiu andando com dificuldade, vendo o tombo que permanecia na janela. Seguiu andando com dificuldade. E cada vez com mais dificuldade.

A sua frente andava diminua de largura. Diminua, diminuía... Chegou o tombo de uma fita de flockline.

Helena estava andando em uma fita de flockline, com sapato de salto. O medo de cair a imedia por inteiro. O medo de cair a fazer andar com a leveza do tombo na janela. Tentava fazer os seus passos tremeluzar,

um fio de linha. Mais deliciosamente andava, mais a sua aumentava de tombo.

Mais a fita aumentava de tombo

Pisou os olhos e a sua - fita já via o mundo. Andou com

o mundo inundando o seu quarto pelas fustas da cortina estreta.

Se nesse momento da escrita há freada, ela é diferente daquela do momento em que o caminhão de porcos cortou a frente de Helena-motorista e compôs uma parada brusca; a freada aqui aproxima-se mais de uma reinvenção dos fluxos, de um rearranjo que não está desvinculado ao processo que vinha acontecendo, e sim segue no meio, no entre-dois.

A freada ao desenrolar da escrita, aqui, serve para situar no que se refere às oficinas realizadas com os residentes multiprofissionais, através das explanações de Helena: as oficinas aconteceram com residentes de diferentes áreas da saúde: educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, nutrição, odontologia e psicologia, de um Programa de Residência Multiprofissional Integrada em saúde, com ênfase em urgência. Tais oficinas faziam parte da pesquisa de seu orientador, a qual investiga a articulação entre as políticas públicas e a vida nas cidades a partir de autoetnografias ficto-documentais colaborativas, elaboradas em oficinas de escrita e vídeo. Foram realizados, por Helena, quatro encontros, nos quais a ficção e a literatura serviram de dispositivos, levando à criação de personagens – pelos residentes – que vivenciavam as urgências em âmbito hospitalar e no cotidiano das cidades: a urgência hospitalar servindo de espaço heterotópico para a urgência urbana, enquanto a literatura servia de heterotopia a ambas (FOUCAULT, 1984).

Ao mesmo tempo em que as oficinas potencializavam – à Helena – repensares acerca de uma noção de urgência um tanto quadrada ou fechada, elas seguiam girando em torno de uma concepção de urgência já sabida, hospitalar, biomédica. Pode-se pensar que foi ao abandonar as oficinas com a ficção, que a concepção disciplinar de urgência também pôde ser ultrapassada. Ou seja, a noção de urgência do controle não estava entre quatro paredes, nas próprias oficinas ou nas escritas literárias produzidas pelos residentes. A noção de urgência do controle pôde se desenhar a partir do abandono das oficinas presentes no anteprojeto da dissertação, e da abertura à experimentação da ficção como possível ao desenho das linhas que se compunham no processo da pesquisa.

Com a ficção, a experimentação de si e as narrativas de Helena, fez-se possível compreender que a experiência da urgência, antes de ser a vivência da vertigem, se constitui em viver a tentativa de frear a vertigem (planificar o tempo para impedir o intempestivo). Talvez, a urgência emerja do atrito dos protocolos, com a impossibilidade de a vida ser por completo planificada. Trata-se de um atrito duro de

“planificação total-determinística disciplinar” e de um atrito flexível de “planificação relativa-probabilística do controle”: no primeiro caso, a urgência é exceção à regra-padrão (desvio da norma), no segundo caso, a urgência é condição da modulação constante (imperativo de movimento-crise e de regulação dele).

No embalo, a lógica capitalista parece desejar uma aceleração planificada, planejada. Mas, a aceleração possibilita desvios e a urgência tenta conter o que sempre transborda. Ainda assim, “estamos vivendo como se tudo fosse urgente” (BRUM, 2013, p.1), o que faz com que tal vocábulo perca o seu sentido ou, ainda, limite-se a um único sentido. É possível pensar, a partir disso, que vivemos de modo a tudo ser encarado como urgente, pois de fato faz-se impossível controlar totalmente o externo transbordante contemporâneo. Pensa-se, assim, em uma urgência para além da disciplina, o que produz um deslocamento em relação à urgência médica: flexibiliza-se o planejamento futuro, de modo a controlá-lo o máximo possível através das modulações que passam a compô-lo. Há, assim, um gerenciamento dos riscos e a urgência não mais apenas como fato esporádico, mas constituinte do sistema e a compor modos de vida. A propósito, a urgência contemporânea não gere somente o evento extraordinário, a exceção que confirma a regra (desvio-padrão) ao ser reconduzida à norma. Mas gerencia, constantemente, as banalidades cotidianas *just-in-time*, posto que todo elemento ordinário é índice probabilístico a ser calculado na gestão da crise total que vivemos e tememos: a normalidade é a gestão metaestável probabilística de uma miríade de pequenas anormalidades em constante risco de falência.

Em um mundo contemporâneo definido pela aceleração e pelo risco, parece existir um desejo de muitos em generalizar os protocolos para além dos muros do hospital, em uma fome de segurança diante da Sociedade de Risco (BECK, 2008). Vidas que se querem protocolares e que por isso experienciam a urgência em seus cotidianos, tendo como território seguro de tais imprevistos apenas o cubo branco hospitalar que a todas as forças fora das formas quer anular.

Em suma, as oficinas serviram para contagiar Helena com as escrituras da vida e para problematizar certa noção de urgência demasiado atrelada aos discursos biomédicos. No entanto, Helena logo quis escrever suas próprias linhas e tornar-se ela mesma seu território de experimentação. A personagem abandonou as oficinas e a pesquisa-intervenção para compor durante o Mestrado uma escrita cartográfica e sua profana experimentação. Tomar-se enquanto território de experimentação, porém, não

implicava desconsiderar um fora que urgia seus embalos. Implicava considerar um pensar que não pertencia apenas à Helena: em sua escrita, inventou um personagem que a permitia experimentar a si mesma como outra em um processo de transformação, criando um corpo-pesquisadora. Helena compôs um personagem chamado Narradora... Ou seria o contrário? Já não lembrava mais.

A partir dessa breve explanação sobre as linhas que compuseram com o desenho que se pretende fazer, talvez, caiba falar que é através da implicação de Helena (experiência na urgência, na residência, bem como experiências cotidianas) que é possível a ela esboçar uma cartografia contagiada pela urgência no contemporâneo. Faz-se imprescindível, nesse sentido, haver um deslocamento (do hospital para a cidade, o cotidiano ou, ainda, o mundo) ou um descolamento das urgências em âmbito hospitalar, para que o objeto (urgência) se complexifique: passar de decalque a rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2000). A tentativa desse descolamento se destaca, levando a colares outros, a grudares outros, a um modo de pesquisar que se gruda nos ténis, que acumula experiências, que acompanha pisares, que é poeira grudada e poeira deixada ir. A questão da pesquisa vai chegando em cacos...

Por que do hospital à cidade? Deleuze e Guattari (1997a) ao abordarem sobre o espaço liso e o espaço estriado, ilustram o primeiro como caracterizado por variações contínuas, forças, intensidades, desterritorializações; ao passo que o segundo remeteria a simetria, cálculo, medição, entrecruzamentos fixos e variáveis, de modo a ordenar e a fazer sucederem-se formas distintas. Os estudiosos mencionados irão trazer o mar como o espaço liso por excelência, e a cidade como o espaço estriado por excelência. Porém, ressaltam que a cidade é força de estriagem que pratica espaço liso por toda a parte. A cidade combina, assim, o liso e o estriado. Possibilita andanças, desterritorializações, e um encará-la não apenas como conceito geográfico, mas símbolo complexo e inesgotável da existência humana (FONSECA, 2003). A complexidade do urbano destaca-se, pois, evidenciando-o enquanto possível a complexificar o objeto urgência. O mar, por sua vez, aparecerá em miragens ao longo da escrita. Talvez, um excesso de liso rasgando a escrita em alguns momentos.

Por que do hospital à cidade? Para Guattari (2006),

As cidades são imensas máquinas (...) produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendram,

por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las (p.172).

Como máquina produtora de subjetividade, a cidade extrapola seu espaço-tempo delimitado em um mapa geográfico com coordenadas, norte-sul. Como máquina produtora de subjetividade, permite que modos de existir e de ser subjetivado hoje – a serem atravessados pela urgência contemporânea – sejam mapeados em um mapa-composição, a desvirar esquinas.

Em sua nova “aventura” (conforme termo referido acima) Helena servirá, assim, de operadora das experiências de urgência vivenciadas na cidade pela pesquisadora e por outros que compõem os encontros cotidianos. Helena, com traços intensivos dos conceitos (DELEUZE e GUATTARI, 1992), opera hibridismos no encontro entre os planos das artes ou das composições (experimentação através dos afectos e perceptos a compõem experiências), da filosofia ou da imanência (criação de conceitos a produzir realidade) e da ciência ou de coordenadas (delimitação de objetos e causas) (DELEUZE e GUATTARI, 1992). Hibridismos a compõem uma pesquisa a partir da constituição de uma figura estética que flerta com o tipo psicossocial e o personagem conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 1992): Helena a compor narradora, narradora a compor Helena, campo de composições como território de alisamentos e experimentações, heterotopia de si na escrita sensível.

Helena como dispositivo cartográfico que toma o lugar das oficinas outrora realizadas com residentes. Pesquisa a desenrolar-se, assim, não mais através das escritas literárias/ficto documentais produzidas durante as oficinas. E sim através de diários de campo ficcionais e de narrativas da vida de Helena, compostos por uma personagem-pesquisadora a delinear um agenciamento coletivo de enunciação (DELEUZE, 2006), de modo a articular diferentes experiências do urbano com um campo problemático que conceitua a questão da urgência na contemporaneidade (DELEUZE, 2008a; FOUCAULT, 2008a; VIRILIO apud SANTOS, 2012; BECK, 2008; BAUMAN, 2001; LIPOVETSKY e CHARLES, 2004; HARDT e NEGRI, 2004; CASTEL, 2003). Esses estudiosos citados serão pincelados por Helena no decorrer do escrito, ao mesmo tempo em que Helena será pincelada e complexificada por eles e pelo artifício ficcional. Tal como no deslocamento da urgência disciplinar para a de controle, há a passagem de uma urgência localizada como espaço exterior ao cotidiano, para outra que se mescla difusa

ao dia-a-dia; na pesquisa se passa de uma ficção localizada nas oficinas como objeto “exterior”, para outra ficção que toma conta de todos os procedimentos de modo difuso.

E os traços que vêm se desenhando até o presente momento parecem compor uma urgência que vai se trançando não a partir de um enrijecimento de Helena-pesquisadora frente aos artifícios descritos acima (diários de campo) e sim através de uma experimentação do território/cidade/cotidiano a constituir-se imprevisível, ao modo de um lançar-se que agencia realidades outras em outras experiências (PASSOS e BARROS, 2014). Se antes era uma pesquisa sobre a urgência utilizando de oficinas ficcionais como metodologia, agora era uma experimentação de si para ultrapassar a urgência pela escrita ficcional: de uma pesquisa-obra para a experimentação-dobra. Um “*ethos*” (enquanto postura de não totalização (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)) cartográfico esboça-se como guia às andanças urbanas, ao passo que os diários de campo, como possíveis ferramentas, possibilitam a expressão de cenas experienciadas no urbano, bem como de frases, observações e sensações, transformando-as em modos de fazer ou em conhecimento (BARROS e KASTRUP, 2009).

UM DIÁRIO DE CAMPO DE HELENA

Helena aprendeu com as folhas
 a viver de maneira segura, em si.

Helena viveu uma viagem em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Helena viveu a vida de uma criança em um bar

de que a aconchegante seguiu, em si.

Fueber que o seu balanço em sua tampa de a

seleção. Passou a imitar o movimento por

certas, o movimento por folhas, o movimento por

aqueles movimentos que eram diferentes por

aqueles movimentos de água. O seu corpo tentava a

contaminar por

seu corpo para

o lado

então

seu corpo não se

deixa

o corpo

com o

o corpo

o corpo

o corpo

Helena era a estátua da praça. Mas podia ter sido o

o corpo, dançando com as folhas. Era a estátua

o corpo, dançando com as folhas. Era a estátua

o corpo, dançando com as folhas. Era a estátua

o corpo, dançando com as folhas. Era a estátua

o corpo, dançando com as folhas. Era a estátua

Encarar o território como experimentação e a cartografia como uma postura que se reinventa no encontro, faz pensar na importância da atenção no trabalho do cartógrafo. A atenção como atitude aparece para Helena enquanto um exercício constante, potencializador de outros movimentos e de outras temporalidades a serem produzidas com o território. Kastrup (2007) destaca a função da atenção, no trabalho do cartógrafo, como um detectar signos e forças e não apenas identificar pontos a serem focados ou representados: trata-se de uma “(...) concentração sem focalização” (p.15). Talvez, caiba referir que Helena, em suas andanças urbanas pelas urgências cotidianas, tentou compor outros ritmos com os seus passos, para reinventar a sua atenção em relação ao território/mundo e aos modos de habitar o urbano.

A atenção a si é (...) concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado. A atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento. As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso (KASTRUP, 2007, p.18).

Acolher o intempestivo e compor um encontro com o que não se sabe... Kastrup (2007) complementa as ideias descritas, atentando ao Breakdown de Francisco Varela como uma desaceleração, do cartógrafo, em relação ao movimento do território, e uma exploração cuidadosa do “(...) que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata” (p.18). O funcionamento da atenção, vinculado a esse entendimento de Breakdown, parece tencionar aspectos de uma urgência a se compor no decorrer da pesquisa. Pois, a noção proposta por Varela implica um deter-se, demorar-se, explorar com cuidado e sem produzir uma compreensão precipitada ou “urgentista”.

Na tentativa de se contaminar por, e de compor temporalidades outras, em um urbano, e em um modo de vida contemporâneo que parece urgir urgências, Helena atenta para as quatro variedades ao funcionamento da atenção do cartógrafo, colocadas por Kastrup (2007): o Rastrear, o Pousar, o Toque e o Reconhecimento Atento. Quanto ao primeiro, remete a uma varredura do campo, e “(...) é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. O rastrear não se identifica a uma busca de informação” (p.18). Se Helena iniciou o Mestrado imersa em uma noção de urgência disciplinar, o movimento de perder-se disso, o movimento de vertigem e de passar de decalque a rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2000) no que se refere à

abertura da noção de urgência biomédica, pode ser encarado como um movimento de rastreamento do campo. A propósito, as narrativas ficcionais de Helena – em um arranjo de ritmos que se opera na própria escrita, compondo sensíveis – parecem rastrear estes sensíveis, tateando pelas singularidades das vidas, dando corpo às pequenas reentrâncias dos cotidianos e das experiências. Assim, o rastreamento como uma varredura que acompanha mudanças de posição e velocidade pontua-se no movimento de Helena perder-se de uma noção prévia e pronta de urgência, para compor e complexificar suas narrativas, operando diferentes ritmos na escrita e na vida.

Outra variedade ao funcionamento da atenção do cartógrafo é o Toque, o qual se atrela a um pequeno vislumbre que aciona um processo de seleção:

Algo se destaca e ganha relevo no conjunto, em princípio homogêneo, de elementos observados. O relevo não resulta da inclinação ou deliberação do cartógrafo, não sendo, portanto, de natureza subjetiva (...) O que se destaca não é propriamente uma figura, mas uma rugosidade, um elemento heterogêneo (p.19).

Ao que parece, as narrativas de Helena constituem as paisagens que serviram de território à operação do toque e do pouso. Paisagens que foram compondo uma urgência do controle, cujas operações destoam do prévio e pronto, reinventando linhas e produzindo escapes a todo o momento. Desse modo, uma urgência encarada como objeto irrepresentável e inenarrável em si (necessitando dos artifícios ficcionais para ter voz) destacou-se à personagem como se fosse um vislumbre, uma composição de rugosidades que Helena não compreendia e que por isso a impulsionava a produzir outras relações com aquilo, complexificando-as. A urgência como objeto-relação, pois não prévio nem pronto, e sim constituído por rugosidades sensíveis ao Toque de Helena.

As rugosidades foram várias, de modo a compor a textura de uma urgência outra, diferente daquela fechada no espaço hospitalar: uma urgência constituinte dos cotidianos e dos processos de subjetivação. Alinhavada, em fuga, por rugosidades diversas, a urgência do controle extrapola qualquer tentativa de constitui-la figura, pois heterogeneias a produzem. Entre heterogeneidades e rugosidades, algumas se destacam no decorrer do processo de pesquisa: a angústia de Helena diante das paradas, o risco multiplicado em uma nuvem de possibilidades trágica, a aceleração intensiva e o planejamento flexível, a segurança na cidade e na vida atual, entre outros aspectos a serem delineados no decorrer da escrita.

Atentar para as rugosidades, percorrendo e dando corpo a certas linhas dessa trama, remete ao toque e ao mesmo tempo possibilita a composição de um território para o pouso: seria a distinção entre uma urgência da disciplina e outra do controle, bem como a dedicação ao estudo da segunda, que constitui o pouso da pesquisa.

Como já adiantado na escrita, a terceira variação ao funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo é o Pouso, o qual acontece quando a percepção para e o campo se fecha, como em um zoom. Não obstante, Kastrup (2007) cita William James para pensar que “O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento” (p.16). A parada não aparece como se referindo a uma estagnação. Janelas atencionais, inclusive, parecem delinear o Pouso, através de cinco variações: jóia, página do livro, sala, pátio e paisagem. Quanto a elas, compõem desde uma focalização extremada e com cegueira atencional, até uma atenção mais panorâmica.

Por último, há o Reconhecimento Atento, o qual coloca em questão o modo como a atenção funciona, quando se detém.

O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos “o que é isto?” saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento. A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um “vamos ver o que está acontecendo”, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto (KASTRUP, 2007, p.20).

Talvez, um modo de compreender o reconhecimento atento seja diferenciando-o do reconhecimento automático, tal qual Henri Bergson os descreve: este último “(...) tem como base e como alvo a ação. Reconhecer um objeto é saber servir-se dele. Os movimentos prolongam a percepção para obter efeitos úteis e nos afastam da própria percepção do objeto” (BERGSON apud KASTRUP, 2007, p.20), já o reconhecimento atento “(...) tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares. A percepção é lançada para imagens do passado conservadas na memória, ao contrário do que ocorre no reconhecimento automático, onde ela é lançada para a ação futura” (p.20).

Helena e suas imagens-memórias-narrativas de uma urgência-vida, a singularizar os traços da urgência. Voltar-se a uma pesquisa em que a experimentação de si se destaca em detrimento à “fazedura” de momentos específicos (por exemplo, oficinas de

escrita) parece destacar-se como um reconhecimento atento que compõe outros ritmos à automaticidade que em geral se afirma aos objetos e acontecimentos.

OUTRO DIÁRIO DE CAMPO DE HELENA

Porque era eu, o ar frio e fazer sentir
sem mais intensidade.

○ bafejo dos pássaros,
o redor dos carnes,
os nudes de uma música distante.

A respiração,
as batidas do corpo,
a temperatura corporal pedindo um chá
quente.

Porque era eu, a visão e ternura embora-
lhada, incerta.

A sombra do pé na parede pedia ser uma
tatuagem.

○ anel que caía do dedo pedia ser uma
certina que voa através da janela.

○ anel pedia ser um sebor de asor.

1.6 Uma urgência a compor vacúolos

O funcionamento da atenção do cartógrafo, discorrido no subitem anterior, potencializa deslocamentos. E, na tentativa de deslocar-se de uma urgência restrita ao contexto biomédico/hospitalar e focada no risco de perder a vida, até uma vida que urge seus riscos no cotidiano das cidades, cabe pensar em como acompanhar o que de vacúolos de silêncio (DELEUZE, 2008a) faz-se possível apreender nos encontros cotidianos com a cidade. Além disso, cabe questionar-se acerca do como permitir-se à distração, para ser violentada e compor signos de arte (DELEUZE, 2003) no urbano, produzindo agenciamentos nesse embate. Talvez, diferente de cartografar aquilo que permanece nos encontros com a urgência contemporânea na cidade, caiba cartografar aquilo que escapa, que dura enquanto virtualidade e transformação, que é perdido, esquecido (DELEUZE, 2003).

O tempo perdido. Deleuze (2003) parece descrever sobre o tempo perdido não remeter apenas àquilo que passou, mas também ao tempo que perdemos com “inutilidades”: “O tempo perdido não é apenas o tempo que passa, alterando os seres e anulando o que passou; é também o tempo que se perde (por que, ao invés de trabalharmos e sermos artistas, perdemos tempo na vida mundana, nos amores?)” (DELEUZE, 2003, p.16). O autor articula o tempo perdido a três signos: mundanos, amorosos e sensíveis. Quanto aos signos de arte, remeteriam ao tempo redescoberto, o qual “(...) é, antes de tudo, um tempo que redescobrimos no âmago do tempo perdido e que nos revela a imagem da eternidade; mas é também um tempo original absoluto, verdadeira eternidade que se afirma na arte” (p.16).

Importante acrescentar que Deleuze (2003) compreende o signo como uma máquina de virtualidades, ou seja, uma máquina produtora de sentidos (DELEUZE, 1974), ao passo que o sinal remeteria a uma relação de representação, a um referente (DELEUZE, 2003). Seguindo em suas andanças, Helena questiona-se sobre o perder e a arte. Parece-lhe que o perder está vinculado à atitude de não procurar algo, de sair às ruas sem procurar. E essa “não procura”, ao que lhe parece, vincula-se ao esgotado, àquele que desistiu dos modelos e por isso cria outros possíveis, dessa vez desvinculados dos modelos. Talvez, pode-se pensar essa “não procura” como vinculada ao desertar e à parada vibrátil, ideias a serem desenroladas depois.

Nesse viés, é possível discorrer sobre a tentativa de composição de signos de arte, no urbano, atrelar-se ao que se perde. Ou, ainda e através de outro ângulo, ao que é redescoberto, reinventado. Talvez, Nietzsche (1998) possa auxiliar a complexificar esse “perder”, ao deixar implícito em suas escritas que o tempo não quer permanecer, sendo transformação e não término ou finitude. Aliás, suas escritas em determinado momento ressoam nos ouvidos de Helena: “O que é isso, que puxa fortemente a alma de tantos homens em direção ao trivial, e dificulta um mais alto vô das ideias?” (NIETZSCHE, 1998, p.165-166). O tempo que se perde e as inutilidades parecem se aproximar do trivial esboçado no excerto. Ao mesmo tempo, porém, as inutilidades e “porcarias” podem ser questionadas em seu viés irrelevante: Dostoiévski (2009), por exemplo, falará que a mais relevante das necessidades que temos, enquanto humanos, é o capricho.

Esse tempo que se perde e que se aproxima das inutilidades, acaba por frear um voo singular, um voo a ampliar ideias e a ampliar o próprio tempo não apenas no sentido da extensão? Talvez, encarando o “tempo que se perde” como o que dificulta esse voo mais amplo, faz-se possível compreender o fato de Deleuze (2003) não ter atrelado os signos de arte a tal tempo. Em um emaranhado de possíveis questões, cabe destacar algumas: Como reinventar um tempo e compor signos de arte? Como habitar uma linha feiticeira (DELEUZE, 2006), resistir ao sistema dominante, à Sociedade de Controle (DELEUZE, 2008a) e compor o que se poderia inventar como “vacúolos de existência”?

De acordo com o que se problematizou nas páginas anteriores, pode-se encarar os vacúolos como o que possibilita a composição de um deslocamento em relação a uma aceleração extensiva (velocidade) e intensiva (urgência), e também em relação a um corpo-pesquisadora imerso nessas acelerações vertiginosas.

“Invente uma pausa. Abra um”, Helena avista uma embalagem no chão. A invenção de uma pausa lembra a ela a criação de vacúolos. De espaços de produção de lentidão e de abertura em meio a uma lógica baseada na aceleração, na eficácia... A embalagem é cutucada, e escreve-se por cima dela: “o poder produz um vazio em torno de cada um de nós. Um vazio que nos distancia do outro³”. Por mais que a ideia de

³ Informação verbal fornecida por Ricardo Teixeira, em Mesa-Redonda denominada “Pode a pesquisa compor territórios de resistência?”, durante o evento Interloquções Metodológicas, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no dia 30 de junho de 2016.

poder presente no excerto possa ser questionada com Foucault (2004): “nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência” (p.276), o poder comentado por Ricardo Teixeira parece produzir um vazio que impede a criação. Ao mesmo tempo, porém, é possível pensar que não é um vazio o que nos distancia dos outros, e sim uma desistência de encontrar, ao modo do desertar (FARINA e FONSECA, 2013), do “se perder” não por não encontrar o rumo certo, mas por desistir de encontrá-lo. E essa desistência, diferente do vazio descrito acima por Ricardo Teixeira, parece potencializar a criação. Pode-se pensar que é uma “não procura” ou uma desistência de encontrar que dialoga com um vazio vibrátil, com uma parada vibrátil (a ser desenrolada adiante, na escrita)... É um esgotamento-produção de “outrares”... Um esgotamento que finda com as possibilidades para criar outras. Um vazio que é produção quando desiste de se preencher.

Tencionando com as distâncias, vazios e “desencontros”, a sobrevivência dos vagalumes de Didi-Huberman (2011) parece coagular a liquidez desenfreada da Modernidade Líquida (OLIVEIRA, 2016). Talvez, os vagalumes auxiliem a atentar para os vacúolos-lampejos a provocarem desvios à urgência-aceleração extensiva. Uma cartografia de experiências cotidianas que sobrevivem (DIDI-HUBERMAN, 2011), em um tempo que é perdido (DELEUZE, 2003), se aproxima da composição de uma urgência. De uma urgência-aceleração intensiva. Talvez, o tempo redescoberto (DELEUZE, 2003) possibilitaria tal composição de urgência com contornos mais informes. Talvez, uma literatura menor (DELEUZE e GUATTARI, 2003) potencializasse um olhar às singularidades, indefinições, escapes e durações vivenciados na experiência urbana, ao subverter a reconhecimento e produzir aberturas de pensamento e experimentação (SOUTO, 2010). Talvez, uma literatura menor pudesse sujar o mundo e as experiências, conduzindo a uma cartografia de uma urgência outra.

Envolvida por uma desistência de encontrar, bem como por uma pesquisa que não intenta obter reconhecimentos automáticos dos objetos, forças e fluxos com os quais compõe, Helena recordava-se do carro dos pais adotivos... Ele andava anuviando poeira. O chão inflamava-se em pó, tingindo a carcaça do automóvel e os vidros antes límpidos. Helena tinha cinco anos e tentava fazer desenhos no vidro da janela, juntando poeira em seus dedos. Mas, do lado de dentro do carro, a poeira não se movia. Do lado de dentro de si, Helena compunha paralisias. Abrindo a janela e esticando o braço, ou

descendo do carro, podia fazer a poeira se mover conforme o movimento dos seus dedos. Mas preferia o movimento do carro. Gostava do balançar que a fazia cochilar.

Quando delineava desenhos na janela, deformava formas e formatos... Produzia a si e produzia mundos com o dedo. A janela tornava-se uma obra suja. Um quadro respingado pela sujeira mundana. Um varal de roupas onde se pendura pó. Cada traço na janela, ao mover o pó, esgotava as possibilidades do vidro. O vidro virava pó. O desenho virava vidro. O pó era tempo. O tempo desfazia-se em meio ao vento que empoeirava o carro.

Nem sempre Helena desenhava do lado de fora, sujando os dedos e o mundo. Quando desenhava do lado de dentro, distanciava-se da janela em si, do carro, do pó... Distanciava-se do fora. Do fora tão propício aos desenhos acontecerem sujos. Helena desenhando do lado de dentro parece se aproximar da relação da personagem com a pesquisa, em alguns momentos.

A dissertação parece se efetivar como uma tentativa de desenhar do lado de fora do carro, bem como de parada vibrátil, e não como uma tentativa de urgência. Helena, no acompanhamento dos processos inerentes à pesquisa e à vida, via-se por vezes desenhando do lado de dentro do carro, enquanto a sujeira e a possibilidade de produção dos vacúolos, das paradas, das temporalidades reinventadas... Encontravam-se no encontro com o fora do carro. Pode parecer inviável a ilustração do carro, devido ao fora não remeter apenas ao exterior, ao externo. Não obstante, a relação de Helena com o desenho na sujeira do carro a afetava de modo singular, produzindo uma possibilidade de reinventar sua relação, no presente, com o fora.

O fora conseguiu encontrar-se com Helena com mais potência, quando ela tentou parar. Por mais que a angústia e a insegurança a invadissem em inúmeros momentos, ela percebia que parar (sentando-se na praça, no shopping, no jardim de sua casa, no museu de artes...) possibilitava contaminar-se pelo mundo e por temporalidades que escapavam a sua apreensão, e ainda assim a contagiavam.

Mas o mundo sempre havia sido encarado pela personagem através de teorias e de verdades prévias. Parar, na pesquisa, era também parar com escritas, com leituras, com apropriações de conceitos, com a pesquisa, paradoxalmente. Era parar não para compor paralisias, mas para compor diferente, desviando de uma marca rígida e imperativa que implicava superação atrás de superação. Não era um parar da não ação, mas do agir diferente.

2 BORRIFADAS E SUJEIRAS: POR OUTRAS POSTURAS NA PESQUISA

A escrita suja minhas mãos. As ruas são imundas. Nos calçados: poeira, dejetos, fluidos e restos a se acumularem, grudados de modo singular e a exalarem uma empáfia ao mundo. As mãos sujas de mundo. A limpeza faz-se impossível. E o perfume! Limpa ou suja? Na tentativa de fotografá-lo (LISPECTOR, 1973) se parece cristalizá-lo, cubo de gelo. A impossibilidade de sujeira parece destacar-se, nesse interim, ao invés da composição com o perfume e seus movimentos incessantes. Como compor com o perfume ao invés de fotografá-lo somente? A escrita faz-se suja. Perfumada? Os personagens sujam-se uns aos outros. Perfumam-se? As letras, as ideias, as mãos de quem lê. E o perfume, talvez, possa compor com a sujeira, inventando outros possíveis e ares ao cheiro que supostamente indicaria limpeza. Poderia a limpeza delinear-se agenciamento ao utilizar-se do perfume?

Narrar a vida de Helena... Enquanto escrevo a vida de Helena, fico em dúvida se escrevo a minha vida com as letras de Helena, ou a vida de Helena com as minhas letras... Parece haver contaminação: estou contaminada por Helena e Helena por mim. Seria isso um fedor ou um perfume? Provavelmente um cheiro, pois não remete nem apenas ao limpo e nem apenas ao sujo. O cheiro escapa a um juízo moral. É o cheiro do asfalto, da chuva, do queijo... E não só de rosas e amêndoas.

Talvez, pode-se dizer que a escrita que seguirá trará borrifadas de inúmeros cheiros. Ora misturados, ora isolados, ora sabe-se-lá envoltos por quais outros cheiros. Talvez, pode-se dizer que a intenção seja apresentar ao leitor algumas borrifadas, para que o aroma se componha de outro jeito no encontro com quem lê. Quase que um exercício de pele, pois... O mesmo cheiro exala um aroma diferente em contato com a

pele de cada um. É como se o cheiro compusesse com a pele e isso levasse a outro cheiro. Que a leitura seja, portanto, pele. Pele a compor com as borrifadas... Pele que possibilite uma afetação real (ARTAUD apud COSTA, 2014). Afetação, esta, que remete à tentativa de contagiar o expectador – e na presente escrita caberia falar em leitor – com um afeto real e não com a representação de determinada experiência. Vocifera-se: "(...) para provocar uma determinada experiência não temos que reproduzi-la, mas sim carregar forte nos artifícios para afetar nosso expectador até suas entranhas e não apenas em sua consciência" (COSTA, 2014, p.560). A escrita que se desenrola nessa dissertação, assim, se propõe a produzir uma afetação que não se enquadre como uma representação a ser seguida.

Falar-se-á descompromissado da comunicação de um sentido: sentidos serão provocados (DELEUZE, 1974). Sentidos serão operados, ao invés de significados serem ilustrados. A Narradora e Helena não sabem o que dizer, antes da escrita em si. Os discursos e agenciamentos serão, pode-se pensar, "(...) exposição da linguagem em seu ser bruto, pura exterioridade manifesta; e o sujeito que fala não é mais a tal ponto o responsável pelo discurso" (BLANCHOT apud FOUCAULT, 2001, p.220). O sujeito, desse modo, fala e é falado. Pensamento exterior, desgrudado do sujeito substância, identitário (FOUCAULT, 2001). O sujeito esvazia-se. Desaparece? Ao falar em Maurice Blanchot, Foucault (2001) irá dizer que "Quanto mais ele se retira na manifestação de sua obra, mais ele está não oculto por seus textos, mas ausente da existência deles" (p.223-224). Como pensar essa ausência enquanto postura na pesquisa?

Por entre peles, perfumes, baforadas, borrifadas, aromas a se esvaírem... A escrita trança-se a partir de uma tentativa de esboçar-se através do intempestivo. Do incerto, do complexo, da imanência – um sujeito ou um objeto não podem conter esta última, ela transborda definições (DELEUZE, 2002) – e de tudo aquilo que não permite manter-se limpo, alheio, desinvestido do que perCORRE e ao mesmo tempo faz do corpo devir. Faz de um corpo devir... A escrita; "a linguagem e a vida são uma coisa só" (ROSA apud OLIVEIRA, 2010, p.210). A escrita que perCORRE minhas mãos e se faz a partir de tantas outras. A escrita trança-se, assim, a partir de uma tentativa de mergulho no intempestivo. De um voltar-se às indeterminações, ainda que os protocolos e as ideias certas forneçam mais segurança. De um voltar-se ao imprevisível e, assim, fazer a urgência dançar de outros modos. Trata-se de um experimentar o

transbordamento sem o enquadramento que gera a experiência da urgência. Ou se trata de um experimentar a urgência em si?

Os autores a serem utilizados e a comporem o campo problemático que conceitua a urgência no contemporâneo, talvez, possam ser pensados enquanto frascos de perfumes vazios, no sentido de escaparem ao enquadramento do vidro. Frascos a serem borrifados conforme o momento, o contexto, a ideia... E conforme a intensidade do que perpassa. Os frascos/perfumes, em seus constantes borrifares, por vezes se derramam, incitando certa posição ou atitude de pesquisa a ser composta. A ser composta no decorrer das linhas, dos tracejares, dos encontros.

A propósito, pesquisadores que flertam com a cartografia falam na produção de subjetividade como uma postura frente à pesquisa, no sentido de o pesquisador transformar-se pelo objeto e transformá-lo (PASSOS e BARROS, 2014). A Narradora se escreve enquanto escreve a vida de Helena, e a vida de Helena se escreve através da postura de narrativa. Escrever Helena é escrever a Narradora e escrever a Narradora é escrever Helena. E nenhuma e nem outra sabe ao certo o que está sendo escrito. Dupla escrita que as coloca em um estado de suspensão...

Considerando o esboçado no parágrafo acima, bem como as interlocuções – a serem propostas ao longo da pesquisa – com a literatura e a ficção, pode-se pensar em certa posição ou atitude de pesquisa roubada da literatura: a técnica humilde. Lispector (1992) fala sobre uma incapacidade de entender, que a leva a uma procura humilde:

Essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de... de quê? Procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse “estilo”, já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde (p.251).

Podemos pensar na procura humilde como uma busca que possibilita ao pesquisador seguir inquietando-se e transformando a si e ao objeto de pesquisa (urgência). É a procura humilde o que potencializa o desprender-se da ideia de concepção e de substância no que se refere ao sujeito, à pesquisa, ao objeto, à vida. É a procura humilde o que incita uma busca que não é totalizadora, mas muitas vezes insignificante e por isso tão sensível.

Nunca tive um só problema de expressão, meu problema é muito mais grave: é o de concepção. Quando falo em humildade, não me refiro à humildade no sentido cristão (como ideal a poder ser alcançado ou não); refiro-me à

humildade que vem da plena consciência de ser realmente incapaz. E refiro-me à humildade como técnica (LISPECTOR, 1992, p. 251).

A humildade enquanto técnica borrija a força do frágil, de Friedrich Nietzsche. Deleuze (1976) respinga e pinga, ao abordar sobre as forças no pensamento do autor alemão mencionado. Pingos a fazerem encharcar o mundo da força do frágil. Daquele que é deixado frágil, feito de cristal, repleto de dúvidas, cada gesto delicadamente exposto. Daquele que sabe que não é de aço e sim finito, limitado, possível de se quebrar. Diferente do aço, que tem firmeza e pode se jogar com força no mundo sem se quebrar, aquele que é frágil/cristal, em sua finitude, inventa novas formas de ser a cada novo encontro. Como relacionar a humildade enquanto técnica à força do frágil em Nietzsche? Talvez, ambas impliquem um deslocamento constante de si e do entorno. Talvez, ambas impliquem uma potência a operar a partir da incapacidade de ocupar um lugar totalizante. Há um respiro restante a possibilitar o movimento... Um vazio enquanto produção de algo não faltante.

A plena consciência da incapacidade parece remeter a uma postura que se afirma no abandono da ideia de fracasso e de sucesso; assim como se abandona a diferença entre fedor e perfume. Tudo é cheiro. Trata-se de uma postura que se coloca no lugar da incapacidade de exercer, operar ou falar sobre algo; uma postura que se afirma distante da pretensão de se buscar uma verdade absoluta ou totalizadora. Pode-se pensar essa posição de “não saber” como uma perspectiva ético-estético-política (ROLNIK, 2010) na pesquisa. A propósito, a humildade referida anteriormente pode ser relacionada ao pensamento de poesia, pois este destoa da necessidade de se saber para onde se vai: “explora os campos de possibilidades em detalhes, aventurando-se a falar sobre o que não sabe (formalmente), mas que vive (concretamente) no encontro com seu campo problemático” (COSTA, 2014, p.571).

A necessidade de entendimento ou de saber se esvai, parecendo chegar um aroma que tenciona a procura humilde. Como se fosse uma procura de um escritor sem atributos (ARAUJO e ARAÚJO, 2010), pois este rejeita determinações e é guardião do possível. Ou, ainda, como se fosse a necessidade de se fazer um recorte mínimo de uma extensão imensa: Eco (2007), ao referir-se à escolha do tema de uma tese, fala na importância de um estudo que envolva um “cheiro” de algo e não um perfume inteiro ou uma visão panorâmica, redentora e verdadeira.

Aromas outros. Speziali (2012) diferencia aromas e fragrâncias conforme

resolução do Ministério da Saúde: atribui aos primeiros o caráter de substâncias ou de mistura de substâncias, cujas propriedades concedem odor e sabor aos alimentos e bebidas. Já as fragrâncias são substâncias compostas apenas por propriedades odoríferas. Olhar para essa diferenciação a partir do que vínhamos discutindo acerca dos perfumes e sujeiras faz pensar nas fragrâncias enquanto algo que não concede sabor. E, talvez, o sabor seja justamente uma das intenções desse texto. Propiciar sabor! Já diria Barthes (1977): “(...) um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível” (p.45). O saber mencionado, a propósito, compõe-se da mesma etimologia latina de sabor. Tal aspecto parece retirar o saber de um lugar idealizado ou pronto a se chegar, o que vai ao encontro dos trançados anteriores em relação à técnica como uma procura humilde (LISPECTOR, 1992), ao pensamento de poesia (COSTA, 2014), ao escritor sem atributos (ARAÚJO e ARAÚJO, 2010) e à força do frágil, de Friedrich Nietzsche.

2.1 Uma urgência a pulsar e alguns frascos derramados

Helena nunca gostou do cheiro de estrume. Ele invadia o carro quando passeava com os pais adotivos para cidades ainda mais interioranas do que a que residia. Ele invadia de tal modo, que Helena jurava sentir o gosto. Engoli-lo inteiro. Cheiros, passeios, gostos... Interioranos, bem como a vida em uma cidade pequena constituíam-se a partir de muitas conversas. A escrita segue esse embalo, travando-se ao modo de uma conversa. Trava, anda, trava, anda. No jardim da casa dos pais adotivos de Helena, alguns estavam sentados na escada esfolada; outros em cadeiras de praia; outros em pé, firmes em uma postura de tensão até quando há apenas o chimarrão e a possibilidade de olhar em volta.

Conversas: tecem a casa localizada em um condomínio fechado, e também a cidade, ao fim da tarde. Podem ser múltiplas; podem ser homogêneas. E mais do que com o cheiro de estrume, o incômodo era com as conversas homogêneas. O cheiro de estrume que Helena não gostava, não vinha do esterco, e sim dessas conversas com juízo moral e fofocas. Não era nada contra o cheiro do estrume, mas contra a

onipresença dele. O cheiro de estrume, quando suave, sutil, entremeado pelo odor da grama e da copa das árvores, era agradável; mas quando muito intenso e massivo, entranhava em tudo e apagava todos os outros aromas do ambiente: tudo se tornava um enjoativo mesmo cheiro de estrume, tudo e todos exalavam o odor das fezes. Helena gostava quando as conversas eram variadas: quando se falava de coisas que cada um viu, sentiu, percebeu...

Ler as narrativas de sua tataravó Zilda aproximava-se um pouco disso: ler um tempo e uma vida que implicavam experiência e não apenas palavras a preencherem um espaço-tempo. Ler Zilda era conversar sobre o mundo, a vida, as experiências e impressões diárias, cotidianas. Helena lembrava-se que quando as conversas – em sua casa, com seus pais adotivos – tornavam-se homogêneas, corria para o seu quarto e lia as narrativas de Zilda. E tantas outras narrativas de diferentes autores. As narrativas salvaram a vida de Helena.

Helena lembrava-se do pai adotivo preparando o chimarrão ao final da tarde. O ritual era sempre o mesmo: deixava sua mesa, seus afazeres e a necessidade de silêncio; encaminhava-se à cozinha, retirava a embalagem de erva do armário e despejava uma dose generosa à cuia. Ia colocando a bomba e a água quente aos poucos. Cada gesto parecia corresponder a um degrau para se alcançar o topo. O topo era o chimarrão pronto e a esposa descendo as escadas de banho tomado. A partir daí, iniciava-se o momento de conversas do dia. Helena se juntava a eles brevemente. Não aguentava muito tempo. Geralmente, as conversas aconteciam em torno da vizinha que não limpa a casa, do tio que “não fica” em nenhum emprego, da prima que terminou o namoro, da ex-colega que engordou muito nos últimos meses...

A cidade é feita por essas conversas de fim de tarde. Mas a cidade não é sempre a mesma... Helena se asfixiava quando a cidade tinha um só cheiro. Era claustrofobia o que a cidade de interior podia provocar, quando as conversas homogêneas delineavam tudo. E o objetivo desse texto não é normalizar as vidas. Não é julgar se o tio deveria aguentar o chefe ou se a prima deveria seguir com o namoro... Helena negra e sua vida com pais adotivos... Rótulos de garrafa de cerveja a serem grudados ao seu corpo, na piscina, mas também olhares e conversas homogêneas se voltaram para ela, muitas vezes, reduzindo-a a negra adotada e não considerando aspectos singulares de sua vida.

Acompanhando o embalo das conversas de final de tarde, a tecerem a cidade, a escrita a seguir tenta se tecer, travando-se ao modo de uma conversa. Permeada por

personagens denominados aromáticos, por tentarem escapar aos frascos ou a tudo que poderia lhes capturar. Ainda assim, o fato de se comporem aromáticos não os isenta de frascos invisíveis a exercerem controle (DELEUZE, 2008a). Frascos inapreensíveis muitas vezes. A própria escrita, por momentos, resvala em frascos, em sistematizações e “fechamento” de nós. A própria escrita tentará desenhar um deslocamento realizado pela personagem: da cidade interiorana claustrofóbica para uma cidade múltipla.

Com a presença de vizinhos e amigos, o chimarrão circula na casa dos pais adotivos de Helena, após o ritual de feitura da cuia; os aromas e cheiros se desenham distintos em alguns momentos. Helena multidão (HARDT e NEGRI, 2004), conjunto de relações e de singularidades. Helena-personagens a tentarem se contar ao longo da escrita, não obstante, às vezes os aromas e os sabores experimentados pelo leitor realizam tal movimento. Personagens a possibilitarem que uma escrita sensível e rigorosa aconteça. Rigor pensado como multiplicação das relações, e não constituição de um núcleo rígido, duro (COSTA e FONSECA, 2016).

A composição com personagens aparece como um dos possíveis pingos para que a escrita se delineie ficcional. A ficção aparece como uma possibilidade ao desenrolar cartográfico.

(...) que ninguém se confunda: não se escreve ficções para se esquivar, por imaturidade ou irresponsabilidade, dos rigores que o tratamento da “verdade” exige, mas justamente para pôr em evidência o caráter complexo da situação, caráter complexo de que o tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento. Ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. Não dá as costas a uma suposta realidade objetiva: muito pelo contrário, mergulha em sua turbulência (SAER, 2009, p.2).

Olhando para o excerto acima, faz-se evidente o quanto a ficção pode potencializar o atentar às complexidades de determinado objeto, e não apenas para o que é passível de verificação. Aqui, poderíamos pensar na urgência enquanto objeto. A ficção compõe com Helena um mergulho na turbulência, no indeterminado, no intempestivo, naquilo que não pode ser definido, pois transborda. Essa falta de determinação, esse olhar para o que escapa... Importante ressaltar: não se gruda ao falso: “A ficção se mantém à distância tanto dos profetas do verdadeiro quanto dos eufóricos do falso” (SAER, 2009, p.2). Desse modo, o conceito de verdade não remete ao oposto da ficção. O sumiço de Helena e da ficção ao desenhar da pesquisa não aboliria as

incertezas e indefinições, portanto. Isso, porque não é a exclusão de elementos fictícios garantia da verdade (SAER, 2009). A intenção da ficção delinea-se como “(...) ser real em sua falsidade” (COSTA, 2014, p.559).

Costa (2014), aliás, ao abordar sobre o uso da ficção na Psicologia Social, traz a poética enquanto narrativa que possibilita desmanches ao juízo e às formas estabelecidas, ao afirmar a construção do saber para além do verdadeiro e do falso. Reitera-se, assim, o uso da ficção como não atrelado à verdade ou à falsidade enquanto atributos totalizantes, e sim à complexidade, ao conceder densidade às virtualidades dos objetos “(...) que não cabem nos limites postos por sua representação” (p.558). A ficção, assim, cria realidades e as complexifica, a partir da multiplicação das relações que constituem o real. Helena-escrita-texto engarrafada a quebrar-se, compor-se com os cacos e descobrir-se desdobrada e não ruptura. Dobras... Escrita trançada a partir da ficção, escrita-Helena que “(...) não implica em decréscimo do rigor do pesquisador em suas relações com seu campo problemático, antes exige deste ainda mais empenho em dar corpo ao incorpóreo sem falsear-se a si no desvão de uma escrita sem consistência” (COSTA, 2014, p.559). O rigor, a criação e a poética, nesse sentido, irmanam-se e ao mesmo tempo se tencionam: dobradura origami. Caldeirão furado. Escorrer escaldante. Helena-escorrida-espacate.

Foucault (2001), desvirando o espacate, estende-se. Seus pés falam pela boca: é fundamental se pensar hoje a ficção, pois o “eu falo” (enquanto dispersão, existência que deixa aparecer o lugar vazio) funciona diferente do “eu penso” (certeza do eu e de sua existência). Seus pés, sujos pela escrita-composição, “batem boca” sobre o “pensamento do pensamento” conduzir à interioridade, ao passo que a “fala da fala” conduz à literatura ou ao exterior onde o sujeito que fala, desaparece. Como fazer desaparecer o sujeito em um bater de pés? Era uma voz Helena? A escrita “corpo sem órgãos” (DELEUZE e GUATTARI, 1996a) e a literatura menor (DELEUZE e GUATTARI, 2003) concederiam passos a esse desaparecer.

Foucault (2001) convida Blanchot a problematizar a ficção. O convidado, à vontade, tira as meias e “dá ares” de intentar correr com Helena. Descalço, fugidio... Antes disso, porém, cumpre com o convite, dizendo que a ficção é mais do que imagens, transformações ou deslocamentos. Ou seja, o fictício não se encontra nas coisas ou nos homens – e, pode-se pensar, nos personagens em si – mas “na impossível verossimilhança do que está entre eles: encontros (...) A ficção consiste, portanto, não

em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível” (p.225). Um brinde ao entre, aos encontros e à invisibilidade elevada ao cubo do visível... É o que acontece. O corpo torna-se molengo. Os pés já não sabem-se mais.

Raciocinar. Raciocinar. É preciso agarrar-se ao fio de razão que possa ter restado... Tanto esforço para tal! O copo resvala da mão. A mão resvala do braço, o braço resvala dele próprio. Um flash. Alguém registrou aquele que parecia um momento jamais fixado. Uma imagem a tentar captar os escapes. Como olhar para essa imagem através de um deslocamento que não se fixe à imagem em si? As imagens “(...) quando dão lugar ao encantamento, não é jamais nelas próprias, mas no vazio que as circunda” (FOUCAULT, 2001, p.225). Deslocamento. Flash de momento não captável.

A impossibilidade de conceder fixidez... A multiplicação de relações a ser produzida com o uso da ficção concede corpo a problemáticas virtuais que dificilmente seriam apreendidas pelas palavras protocolares... Como pensar a urgência sem utilizar-se da ficção? Como tomá-la enquanto objeto fugidivo e turbulento, sem os artifícios da ficção? “Por muitas vezes apenas a ficção e a poética conseguem cerzir relações entre perspectivas heterogêneas sem igualá-las, apenas imbricando-as em uma realidade singular” (COSTA, 2014, p.563). A ficção e a poética possibilitam tomar a urgência contemporânea enquanto imbricada a uma realidade singular.

Sapatear singularidades. Talvez, caiba atentar para a singularidade que a ficção se propõe frente à vida, à realidade, ao cotidiano, às experiências... Deleuze e Guattari (1992) entram na dança. Em par, valseiam corroborando o que já foi dançado: sobre as singularidades inerentes à elaboração do conhecimento fazerem-se possíveis através de um plano híbrido composto pelas artes, pela filosofia e pela ciência. Quanto ao plano de imanência/ da filosofia, compõe-se pelo personagem conceitual, cuja performance parece lembrar a da Narradora: permite a construção de um campo problemático, de uma voz, de um pensamento. Por vezes, a Narradora confunde-se com Helena. Porém, esta última se aproxima mais da figura estética, a qual compõe o plano das composições/ artes e possibilita experiências no texto, através de blocos de perceptos e afectos. A narradora e Helena, em suas diferenças, compõem-se como frascos de aromas, funções-personagens... Ao passo que o tipo biopsicossocial (atrelado ao plano da ciência) remete a frascos, encapsulamentos (DELEUZE e GUATTARI, 1992) e, por isso, respinga as duas funções-personagens, embora não abarque nenhuma delas.

Um personagem aparece espumando possibilidades em Costa e Fonseca (2016). Os estudiosos dialogam com Helena, ao abordarem e ampliarem proposições já referidas acerca do personagem conceitual: atrelam-no àquele que, à maneira do conceito, remete a condições de possibilidades de escrita e à voz ou ao manifesto que se apresenta pela escrita do autor, pela escrita de um sujeito que é predicado ou uma conjunção de predicados, pois se afirma na proposição (DELEUZE, 1974). Ao esboçarem o personagem conceitual como aquele que é coerente consigo, a propósito, Costa e Fonseca (2016) parecem fazer ressoar o fato de tal personagem possibilitar um agenciamento conceitual e uma escrita própria, a permitirem ao autor produzir uma paisagem de mundo pela qual escrever...

Já o personagem dramático (que Deleuze e Guattari (1992) denominam figura estética) torna sensível, passível de experiência e é tomado por Costa e Fonseca (2016) como mergulhado em tensões e contradições. Poder-se-ia pensar, a partir disso, que se articula a uma expressão possível, a um agenciamento sensível de percepções e afetos que tecem uma costura por sobre a paisagem: perspectivando-a, tornando-a sensível ao leitor, complexificando-a de modo a tornar possível a experiência sensível do campo problemático.

O personagem ou figura denominado tipo biopsicossocial, por sua vez, se expressa pelo plano de coordenadas ou da ciência (conforme já referido), enquanto sujeito de categorias (por exemplo: homem x mulher, rico x pobre). É definido como objeto, bem como tem sua existência delimitada em uma identidade, por uma origem, um destino (DELEUZE e GUATTARI, 1992).

Três composições distintas percorrem Helena-narradora (personagem conceitual, figura estética/personagem dramático, tipo biopsicossocial). Três composições tencionam entre si. Helena e suas andanças na ponta dos pés. Helena a encostar com a ponta dos dedos em cada um dos modos de fazer-se existir. Apertando forte o personagem dramático/figura estética, Helena o relaciona ao pensamento do exterior (FOUCAULT, 2001) referido anteriormente, no sentido de o sujeito grudado a uma substância desaparecer a partir desse pensamento que se acopla aos agenciamentos.

Personagem, literatura, sujeito... A ficção narrada... A literatura menor (DELEUZE e GUATTARI, 2003) – cujo viés subversivo e indefinido pode provocar desvios a uma imagem de pensamento representacional (SOUTO, 2010) – potencializa hibridismos e compassos com a ficção. A literatura não remete a uma linguagem que se

aproxima dela própria e se manifesta; e sim a uma linguagem que se afasta de si para manifestar-se em suas dispersões (FOUCAULT, 2001). Pode-se pensar, desse modo, uma literatura produtora de desvios em relação ao objeto de pesquisa (urgência) e em relação ao sujeito (Helena).

Haveria, assim, um desfazimento, uma recriação, uma experimentação do sujeito e do objeto através da literatura. Para Foucault (2001), a literatura possibilita um vazio no qual encontra seu espaço. Helena desterritorializada no vácuo tão tenso, tentando introduzir um vazio na linguagem à maneira do “preferiria não”, de Bartleby (MACHADO, 2016): pois houve uma recusa da dissertação anteriormente dada, a qual se referia às oficinas com residentes multiprofissionais... Houve um movimento de recusa que fez Helena nascer. Houve um movimento de recusar-se a obedecer prontamente, para apostar na produção de vacúolos de silêncio. Para apostar na ficção como o que pode tencionar o desfazimento do sujeito, através da literatura.

Helena-aroma da escrita decide despejar-se de vez. Para isso, senta-se na lama do jardim de sua casa, e vai afundando, misturando-se à sujeira. Só assim consegue esboçar-se através da literatura e da vida. Só derramada consegue esboçar traços de uma literatura Clinamen (DELEUZE, 1974), intempestiva, menor, atrelada à diferença, ao estrangeirismo da linguagem, à desterritorialização, às linhas de fuga (DELEUZE, 2006; MACHADO, 2016), ao delírio da língua (DELEUZE, 2006) e, poder-se-ia pensar, ao delírio do método (FONSECA et al, 2010). Informe, inacabada, “devir-outro da língua” (DELEUZE, 2006, p.15),

(...) a literatura (...) só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau (...) a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu (...) os personagens literários estão perfeitamente individuados, e não são imprecisos nem gerais; mas todos os seus traços individuais os elevam a uma visão que os arrasta num indefinido como um devir potente demais para eles (DELEUZE, 2006, p.13).

Em uma tentativa de síntese e composição com as últimas ideias borrifadas, é possível pensar na ficção como um aroma que complexifica as relações com o mundo, através de uma linguagem que não se gruda a verdades ou mentiras. O Plano de Composições/Artes parece compor com esse aroma ficcional, pois incita experiências

através de blocos de perceptos e afectos. Incita, assim, um atentar para um sensível que não se reduz a verdadeiro ou falso. Nesse viés, tanto o Plano de Composições quanto a ficção compõem cheiros com o delírio. Afinal, com a realidade complexificada e sem reduzi-la a uma entidade fechada em si, o delírio desfaz mundos e cria outros possíveis. O delírio rompe, assim, com uma linguagem majoritária, o que o aproxima da Literatura Menor e seus ímpetos de escapar ao padrão da fala. A força do frágil e a técnica humilde, a propósito, compõem aromas com a literatura menor, porque a primeira invoca a potência do menor, do frágil; enquanto a segunda invoca a potência da dúvida, do não-saber... De modo a recusarem-se ao majoritário, prévio, pronto, padronizado. O “frágil” e o “humilde”, além disso, parecem propiciar que o Plano de Composições torne humilde e fragilize o Plano de Coordenadas.

2.2 Com o pé na areia da escrita, Helena coloca o dedo no mar da crítica

Os pés de Helena pareciam inchados. A personagem, sentada no jardim de sua casa com Felipe, expandia o corpo ao deitar-se na rede que parecia uma ponte entre duas grandes árvores a contornarem o local. O tecido da rede era áspero, fazendo coçar a pele e ao mesmo tempo descansar o corpo. O esposo lhe alcançava um chimarrão. A água fervente da cuia esquentava o seu corpo, trazendo lembranças dos dias de muito sol, e também de rede, no litoral.

Os pais adotivos de Helena tinham casa na praia Real, um local deserto e com pouquíssimas moradias. A personagem recordava-se do primeiro dia em que viu a praia Real: a cerração impedia qualquer visão. Da janela do carro, tudo era areia, nada e algumas vegetações. Poucas casas se espalhavam, em metros e metros de distância. Parecia a Helena que a praia era uma terra real, de realeza e magia, com seus pais reinando lá. Em suas fantasias de criança – que substituíram de certo modo suas fugas concretas, através de corridas – Helena era a princesa e seus pais o rei e a rainha do local, pois tinham a casa maior de todas. A praia Real tinha uma realidade nada concreta para uma Helena de cinco anos. Ainda assim, a personagem concedia certa concretude

ao mundo que criava, através dos castelos de areia: a torre da realeza pertencia a ela e a seus pais.

Nessa época em que começou a frequentar a praia Real, Helena permanecia quase todo o tempo na areia, modelando e destruindo suas construções. O mar lhe parecia imenso demais e lhe provocava medo. Seus pais pouco adentravam no mar. Permaneciam sentados olhando, conversando, bebendo. Deixavam os pés sobre esteiras, de modo a evitar ao máximo o contato com a areia. A mãe adotiva de Helena odiava a entrada de grãos de areia no piso impecavelmente limpo de sua casa. Por vezes, seus pais caminhavam na beira, até a praia ao lado. Mas caminhavam de tênis, os quais eram imediatamente escovados e lavados. O piso da casa de praia não deveria ter sinais de praia.

Helena era xingada constantemente, pois se sujava na areia e acabava carregando sujeira para o piso de casa. Por vezes, a mãe adotiva a obrigava a limpar o chão. Por ter sido malcriada, gritava; e lhe entregava um rodo com um pano úmido. Nesses momentos, Helena sentia-se escrava como alguns de seus antepassados. A princesa ficava esperando atrás do balde.

Ainda que com xingamentos posteriores, a areia era para a Helena de cinco anos um mundo a ser desbravado e criado. A personagem sentia como se pudesse unir e modelar cada grão com suas próprias mãos. Com o tempo passando e as areias voando, porém, Helena foi descobrindo que os grãos se soltavam uns dos outros, pessoas destruíam seus castelos ao pisarem “com gosto” neles, chuvas desmanchavam as modelagens, o próprio mar alcançava os castelos... Enfim, o tempo fez Helena perceber que suas construções não dependiam apenas de suas mãos. Nem a realidade ou o mundo.

A magia que envolvia a praia reduzia-se para Helena, dia-a-dia. Aos seis anos, a personagem viu um jovem sendo retirado do mar pelo salva-vidas, quase sem vida. O rapaz estava pálido e demorou até acordar. Engoliu muita água, vários diziam. Helena pensava que em um local mágico como era a praia, o mar estava sobrando, pois causava coisas ruins. Por que, então, era tido como a principal atração do lugar? Seria o mar o território onde Helena isolou as urgências de sua infância? Esse bravio espaço liso, intempestivo e que não se moldava aos desígnios da pequena princesa? Aquela cena do corpo sendo reanimado na areia alva e segura se sobrepunha às muitas vezes em que Helena – adulta – se debruçara sobre um corpo moribundo nas alvas alas da emergência hospitalar.

O quase afogamento, as destruições das modelagens de areia... A praia Real foi compondo-se, com o passar dos anos, como uma realidade mais dura e rasa. O mar que parecia tão infinito tornou-se naufragável e a areia parecia cada vez mais rala e menos atraente. A praia como um reinado da família de Helena foi se desfazendo... E mudando de tom. A quase nação da família da personagem começou a ganhar caracteres de prisão. A alva areia que servia de colchão do encontro, se tornou um deserto que isolava Helena em uma adolescência solitária. A Real ganha ares de realidade crua. Helena começa a ansiar por encontros outros, quando passa alguns dias de férias na praia, na adolescência. As percepções passam a ser de estar asfixiada na família e freada para o mundo.

Aos quinze anos, Helena se perdia no mar. Permanecia durante horas, banhando-se e ouvindo as ondas embalarem o seu corpo. Gostava de ir para a beira da praia sem os pais. Isso a tirava um pouco de uma percepção de estar freada ou de ter sido parada bruscamente para o mundo (ao estar inserida em um seio familiar asfixiante), mas por vezes a jogava em uma aceleração desmedida e sem sentido. Helena caía no mar, mas também em um extremo oposto. Competia com amigos nadando até onde não se viam mais ondas. Nadava rápido, tinha fôlego, era uma das melhores. Elas e os amigos encontravam horários em que os salva-vidas faziam intervalo, e ultrapassavam o limite permitido aos banhistas. Quando permanecia sozinha na beira do mar, Helena arrastava os pés pela areia e sujava-os ao máximo. Adorava o momento de solidão que o mar, o cheiro daquele entorno, as garças e os “quero-queros” propiciavam. Caminhava muito e devagar, contornando a beira das praias vizinhas.

Tinha amigos para os momentos de competição, e também outros. Alguns se pareciam muito com sua família. Perdia a paciência quando as conversas descontraídas de final de tarde, embora embelezadas com o anoitecer e o coco gelado nas mãos, voltavam-se para a “canga” considerada ridícula da mulher sentada ali em frente, ou para os modos estranhos daquele senhor comendo coxinha de galinha na beira da praia. Ouvir conversas desse tipo parecia reduzir o mundo de Helena. A claustrofobia e o asfixiar-se a envolviam. Ganhava asma. Precisava usar “bombinha”. Nem sempre conseguia desviar os assuntos para questões mais amplas, sensíveis e singulares. Quando não conseguia, corria para o mar. Bebia o resto da água de coco em um só gole, e encontrava-se com o infinito que não era mais o mesmo de quando criança, mas ainda assim era maior do que as conversas com os amigos. Nessa época, o mar não mais a

amedrontava e sim lhe concedia uma perspectiva ampliada de mundo. O mar deixara de ser o lugar das urgências, para se tornar acalento. Havia mais mundo do que a canga feia da mulher e o modo como o senhor comia. O mar mostrava isso, num indo e vindo.

Havia dias, porém, que a amplidão do mar irritava Helena-adolescente. Ela só queria falar de garotos, maquiagens e roupas. Acomodava-se a um mundo minúsculo e sentia-se confortável ali. As festas na praia, em momentos assim, se pareciam com o mar. Helena adorava curtir-las até o sol raiar, vestida com roupas iguais às de todos e palavreando, regada a bebidas, falas iguais às de todos. Quando acordava no dia seguinte, porém, a ressaca não era apenas da bebida. Era de uma experimentação de si que, por vezes, acontecia ao avesso. O corpo de Helena-adolescente experienciava-se com os garotos, bebidas e amigas, mas, ao mesmo tempo, igualava-se a todos.

Helena lembrava-se de uma festa em que havia bebido bastante, e dançava saltitante pelas areias. Um garoto foi chegando por trás, derrubando-a com facilidade em meio às dunas. Helena sentia o corpo desfalecer-se, até que olhou para o garoto e viu que ele tinha os dentes muito tortos. O sorriso é o cartão de visitas de uma pessoa, é o que mais reparo; Helena lembrou-se da fala de sua mãe adotiva. A fala reverberava nela, impedindo-a de “ficar” com o garoto. Helena, naquele momento, sentiu-se totalmente mergulhada em um mar de padrões e encaixes que excluía a diferença e o sensível. Não era mais apenas a família que podia prender, mas também o mundo.

As manhãs que não seguiam madrugadas com baladas, aconteciam entre respingares de água salgada nas pernas, pois caminhadas eram realizadas por Helena-adolescente, na praia. Ela adorava ver o dia nascendo, as casas e pessoas acordando. O ritmo lhe parecia menos automático e mais bailarino. Um ensaio que ela se permitia fazer, contaminando-se com aquele nascer diário. Os pais adotivos de Helena dormiam até tarde, quando na praia. Bebiam e assistiam a programas televisivos durante a madrugada. Se a personagem não tinha festas ou encontros à noite, dormia cedo e acordava cedo, para bailar junto com o nascer do dia, das pessoas, das casas, do cotidiano.

As caminhadas matinais da personagem levaram a explorações de outras praias, modos de veranejar e de viver. Helena adorava quando uma de suas amigas a acompanhava. Desbravavam areias diferentes; sentavam-se em beiras de outras praias, próximas de pessoas que não conheciam. Certo dia, Helena e a amiga decidiram entrar no mar em uma das praias vizinhas àquela que geralmente frequentavam. Deixaram

suas cangas e chinelos em um canto e mergulharam em ondas mais ao fundo. Permaneceram durante um tempo incalculável banhando-se. Ao saírem, não encontraram mais seus pertences. Tudo havia sido roubado. - Vi um garoto passando de bicicleta, mas não reparei muito se ele pegou, disse uma mulher sentada ao lado. Se o garoto ou a própria mulher haviam roubado, era impossível provar. Helena e a amiga seguiram caminho só de biquíni. Nunca as areias se pareceram tanto com passarelas. Naquele momento, a indignação de Helena com o que o banho de mar desatento tinha provocado, potencializou uma relação, com o mar, de caráter malévolos. O mar era malvado em suas profundezas, pois levava à possibilidade do roubo. Assim como levava à possibilidade do afogamento e de um intempestivo, percepção de Helena-criança, após vislumbrar um jovem sendo retirado pelo salva-vidas. Mas a areia permitia desfilar o corpo. Já não se tratava mais do mar, mas do caminho até o mar. Do modo como jogar o cabelo, olhar de canto, bronzear-se, mostrar a marca do biquíni. O roubo levou Helena a sentar-se na areia e desejar um bronzeado. A praia precisava ficar marcada em sua pele.



peçoço, como se fosse um co-
lar. A avó corrupeira e
avó, formando um cominho
por onde passar. Helena era
uma modelo feroz. Mas o
cominho a seguir já es-
tava marcado na avó. Se pi-

por fora da pararela que lhe era abri-
ta, prudência e mãe de estilista, mas poderia conhecer
outros traços. Helena acordou na praia vizinha da Real:

Paraiso.

A preocupação de Helena-adolescente passou a ser bronzear-se. Ela nem sabia mais qual era a temperatura do mar. Se caminhava, era de biquíni sem canga. O corpo bronzeado precisava desfilas na passarela-areia. O corpo desejava outros corpos e tentava expressar isso com a exposição seminua. Mas a pele negra de Helena não se deixava marcar muito pela praia. Passou, então, a buscar outras marcas. Os amigos com quem competia nadando, já tinham carteira de motorista, ou pelo menos dirigiam; conseguindo os carros emprestados dos pais. Helena queria ser marcada pelo mundo. Decidiu fugir da casa dos pais adotivos, em uma madrugada de veraneio, e encontrar os amigos à beira do mar, para uma competição entre carros, na avenida vazia que ladeava a beira mar. Se antes a urgência estava isolada nas águas, agora ela invadia o sólido terreno arenoso: a vida se colocava em risco, não apenas como exceção, mas como modo de experimentar a si mesma. Vida e risco, nesta noite, não foram mais opostas para Helena.

Helena sentou-se na carona de um dos carros. Não conhecia o tipo ou a marca, só sabia que era azul escuro, estava muito sujo e os bancos fediam a mofo. O motorista estava rodeado de latas de cerveja amassadas, fumava um cigarro e cantava alto uma música dos Beatles que fazia o carro tremer: “*Close your eyes and I'll kiss you; Tomorrow I'll miss you; Remember I'll always be true...*”. O carro estava lotado. Todos gritavam e baforavam o que parecia não ter ouvidos. A beira da praia era só silêncio.

Três carros compunham a competição. Helena estava no do meio. Na frente de todos, uma garota segurava uma canga e balançaria a vestimenta como se fosse uma bandeira, quando a largada fosse dada. As cantorias seguiam e o momento de largada não parecia ser percebido com apreensão. E sim adrenalina, sensação que energizava e ao mesmo tempo relaxava. Helena gritava as músicas e balançava os pés. Estavam descalços, naquele carro mofo e cheio de areia. Helena sentia-se no lugar exato onde queria estar.

A garota da canga balançou rapidamente a vestimenta, e os três carros aceleraram com tudo. O excesso de areia na pista impedia um pouco a velocidade, mas havia chovido durante o dia, o que deixava o chão mais escorregadio. O carro em que Helena estava seguia cantando *pneu* e cantando canções. O vento batia com força no rosto, como se fosse bofetadas a fazerem acordar de um sonho ruim. O carro em que Helena estava mantinha-se em segundo lugar, até que encontrou um quebra-molas no meio do

caminho. A vida de Helena era freada, mais uma vez, por uma parada brusca. Dessa vez, porém, ela estava vivendo concretamente aquilo.

O carro levantou voo por um breve instante, pousando bruto e abrupto no chão, em um solavanco que sacolejou fortemente todos os passageiros. O susto deixou todos os jovens vivos, embora feridos. Helena bateu o joelho com muita força, chegando a abri-lo e precisando passar por cirurgia. Os pais adotivos não pareceram muito apavorados com a situação toda. Pareciam julgar que, vindo da filha adotada, tudo era de se esperar. Helena foi freada pelo mundo, mais uma vez: ficou alguns meses com dificuldades de andar, passou por sessões de fisioterapia, precisou reaprender o ritmo de seus passos.

Deitada na rede do jardim de sua casa, a Helena de 42 anos olhava para a cicatriz no joelho como uma marca importante que a constituiu na juventude: a marca do risco, do não deixar-se frear pelo medo, e sim deixar que as consequências freassem as atitudes... Mas hoje, Helena pensava na praia e, principalmente no mar, como alívio, descarrego de tensões, frescor... O ruído do mar lhe parecia um pouco como uma canção de ninar. Deixava-se balançar, levar... Sentia no corpo não tão bronzeado, o pós-balada e as comemorações do aceite de Laura no intercâmbio. O corpo cansado queria sestar. Queria dormir em horários indevidos, como nos momentos de veraneio podia fazer. Mas não estava na praia. Estava na vida real e não na praia Real. Percebeu que a sua realidade diminuía de tamanho, se comparada àquela de quando era criança, adolescente e jovem. Talvez, coubesse criticar a realidade que criara para si, bem como o modo como foi se construindo e se inventando.

Após conceder um punhado de terra ao território do leitor e ao seu próprio vácuo de existência, Helena – em sonho – precisou colocar o dedo do pé na água do mar, como se para testar a temperatura do mundo que a ouvia. Achou muito gelada. Movimentou o corpo todo e passou a falar articulada a este que não lhe era exterior e que lhe fornecia um calor intenso: seu corpo, suas vibrações, seus afetos em relação a tudo que dizia. Além de dizer, passou a escrever na areia e na terra o que proferia, como se esse gesto lhe possibilitasse colocar, efetivamente, o corpo. Colocar o corpo onde ele insistia em escapar. Em ir tomar banho de mar. Em andar depressa? “Andar é talvez – ontologicamente – o gesto mais trivial, portanto o mais humano” (BARTHES, 2009, p.27). Andar a lembrar de Dostoiévski (2009) e sua proposição referida anteriormente: a mais relevante das necessidades que temos, enquanto humanos, é o capricho. Entre

andares, trivialidades e caprichos, Helena passa a apropriar-se do andar e da corrida como um gesto, tal qual o do autor...

As mãos, em seu gesto de escrita, nem sempre acompanhavam o andar. Agamben (2005), como uma mão que compõe gestos com as minhas, me proporciona pensar na escrita enquanto um gesto que não pertence a quem se aventura no traçar linhas. Como escreve a narradora pesquisadora? Como deixar-me compor enquanto personagem fluida por tantos personagens e tantas vidas e tantos encontros? Helena belisca. Como escreve a narradora-autora, em seu gesto, no gesto sutil de compor com palavras e não apenas com elas? Como compor uma urgência?

Não se trata do subsensível (abaixo do limiar de consciência) nem do suprassensível (transcendente), mas do intensivo (...) Assim, o "indescritível" recebe tal prefixo de negação em decorrência de jamais darmos conta das suas potências de variação e singularidade em nossa escrita, servindo como disparador constante de uma metaestabilidade da inscrição dos eventos na pesquisa (COSTA e FONSECA, 2016, p.134).

A urgência, enquanto objeto permeado por variações, poderia articular-se ao indescritível apontado no excerto, bem como a uma escrita que se pretende intensiva para delinear as complexidades inerentes? Aristóteles apud Agamben (2006) problematiza a ideia de que a potência existe apenas em ato: “a potência é definida essencialmente pela possibilidade do seu não-exercício” (p.16). O ato de escrita! Como encontrar o lugar de não-exercício, na escrita? Talvez, na composição de um corpo de passagem. Pois, a insuficiência da linguagem, o fracasso da linguagem diante do que não é gestado nos trilhos da reta razão possibilita a experiência de “constituirmo-nos como corpos-de-passagem para o inominável e para o inenarrável” (FONSECA et al, 2015, p.229).

Deitada na rede do jardim de sua casa, Helena dormia um sono perturbado, em que a narradora parecia compor com a personagem: qual seria a intenção de realizar uma cartografia das urgências contemporâneas? Em um espasmo violento, composto por vento, brisa e resquícios de areias anteriores, fez vibrar através da sua fala-sonho que tal cartografia objetiva investigar nossa contemporaneidade, nossa atualidade, e, assim, fazer uma história do presente. Fazer uma história que, à maneira da história da sexualidade (FOUCAULT, 2014b), não opere a partir de uma reconstituição sucessiva e linear de modelos ou ideias que forneçam uma concepção geral sobre o contemporâneo.

E sim uma história que se fixe na noção cotidiana de contemporâneo, de modo a recuar em relação a essa noção, intuindo “(...) analisá-la como uma forma de experiência historicamente singular” (FOUCAULT, 2014b, p.207). A propósito, trata-se de uma história daquilo que, por ter sido demasiado à pesquisadora experimentar, foi impedido de ser representado. Escapou por outros vieses, restos, marcas (FONSECA et al, 2015). Como escrever isso?

Talvez, para além de investigar a contemporaneidade, a intenção seja criticá-la. Furtado (2015) fala na ontologia do presente como uma das formulações teóricas de Michel Foucault, cujo enfoque sofreu modificações ao longo da obra do estudioso. Ainda assim, a leitura de Furtado (2015) faz pensar em tal ontologia quase que como uma atitude metodológica e teórica, ou seja, uma postura crítica frente às problemáticas e ao contexto mais amplo onde estas estão inseridas.

A crítica e, por conseguinte, a ontologia crítica referem-se ao gesto de colocar em evidência limites instituídos, isto é, normas, organizações sociais, valores, acontecimentos históricos, políticas estabelecidas e modos de gestão dos corpos, os quais dão à experiência seu enquadramento, configurando o campo do pensável, do dizível e do factível (...) trata-se, para Foucault, de problematizar sujeitos e instituições, confrontando-os com a possibilidade de sua própria destituição. É um processo de dessubjetivação em que o estatuto do indivíduo é implodido, tendo em vista a composição de outras formas de relação consigo e com os outros (FURTADO, 2015, p.148-149).

A aposta da ontologia do presente se parece muito com possibilitar transformações ou movimentos em relação aos processos de subjetivação, a partir da crítica. Para que a transformação configure-se possível, faz-se imprescindível a compreensão do sujeito enquanto maleável, instável e mais atrelado às forças do que à forma e à substância. Helena deitada na rede, colocando o braço sobre os olhos para esconder-se do sol que nesse momento rachava, percebeu-se escondida do restante... “(...) que atualidade é essa de que somos parte? Qual experiência fazemos de nós mesmos, enquanto pertencendo a este presente? Quais as formas de luta e resistências contemporâneas?” (FURTADO, 2015, p.145). Baixar o braço, para não mais se esconder do sol, resolveria? E é de resoluções que se trata, ou de críticas que movimentem o pensar, as práticas e os modos de relação dos sujeitos com eles próprios e com os demais?

Uma problemática ética parece permear a discussão sobre a ontologia do presente, especificamente no que se refere às possibilidades de transformação como

produtoras de autonomia e liberdade aos sujeitos. Liberdade, pode-se pensar, atrelada a múltiplas possibilidades e não a uma escolha certa. Como multiplicar as possibilidades de vida e de relações? “(...) como nos constituímos como sujeitos do nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações” (FOUCAULT apud FURTADO, 2015, p.154)?

A ontologia, desse modo, tenta compreender acontecimentos históricos que possam ter nos levado a nos tornar o que somos. Um tornar sempre processo e um voltar-se à história que não se configura de modo linear, conforme já esboçado. A partir da compreensão mencionada, a tentativa é de apontar formas de resistências e transformações possíveis. Transformações locais e não globais. Como atentar para acontecimentos urbanos contemporâneos a desencadearem articulações com a urgência cotidiana?

A crítica e a postura evidenciadas na formulação teórica acerca da ontologia do presente levaram Helena a outras galáxias. Ou a olhar para o que vivenciava no momento como permeado de um estranhamento que remetia a outras galáxias, outros encontros, outros modos, outros espaços. Agamben (2010) parece tencionar algumas linhas referidas até a presente linha, no sentido de comentar sobre as galáxias estarem tão distantes, que suas luzes não nos alcançam na Terra. Não obstante, para o estudioso, existe uma luz longínqua onde parece haver apenas escuridão... “Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo” (AGAMBEN, 2010, p.65). Luz a lembrar dos lampejos intermitentes dos vagalumes de Didi-Huberman (2011), a acenarem na noite. Ver luz na escuridão, escuridão na luz... “no que se tornaram hoje os sinais luminosos evocados por Pasolini (...) ? Quais são as chances de aparição ou as zonas de apagamento, as potências ou as fragilidades? A que parte da realidade (...) a imagem dos vaga-lumes pode hoje se dirigir?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43).

Helena compreendia e relacionava, de modo intensivo, os lampejos às afecções produzidas entre ela e alguns encontros com a urgência contemporânea. Lampejos a acenarem quando de uma abertura de seu corpo ao não-captável... As luzes automáticas que se acendiam nas ruas ao anoitecer, quando de suas andanças pela cidade, não bastavam. Guiavam a um caminho linear, imposto. Como desviar-se dessas luzes e reinventar o automático em aromático, conforme já esboçado? Para onde a urgência se

dirigiria, se se voltasse aos lampejos dos vagalumes e não das luzes que se acendem quando anoitece? Uma urgência intempestiva, quiçá, fosse delineada...

Agamben (2010) encontra na noite mais escura a possibilidade de bebericar o que na claridade não conseguia engolir e nem sentir o gosto. Bebe das fontes de Friedrich Nietzsche e Roland Barthes para delinear uma compreensão acerca do contemporâneo: “o contemporâneo é o intempestivo” (p.58). Intempestivo a lembrar do inesperado, daquilo que transborda... Da urgência? Exercer a ontologia do presente e, aliado a isso, ser contemporâneo, seria ser intempestivo e crítico? Parece haver aí um deslocamento do olhar, a partir de um olhar implicado, mas não focado de modo a impossibilitar o pensar sobre o próprio pensamento (processo implicitamente descrito por Foucault (2014a), a partir de seus repensares).

Retomar a ideia de contemporâneo como intempestivo, referida por Agamben (2010), e a proposição sobre a urgência evitar o encontro com o intempestivo, conduz a uma importante diferença entre a noção de contemporâneo trazida pelo estudioso italiano citado, e a noção de contemporâneo trabalhada pela maioria dos estudiosos, a qual é discorrida por Costa e Fonseca (2007). Se a urgência tenta evitar o encontro com o intempestivo, e se tomarmos o contemporâneo como sendo o intempestivo, a urgência se descolaria do contemporâneo? Esse questionamento equivoca-se, ao colocar o contemporâneo que encaramos ao pensar a urgência, e o contemporâneo de Agamben (2010), como equivalentes. Como diferenciá-los?

Para Agamben (2010), o contemporâneo remete a uma postura, a um modo singular de se relacionar com o tempo. Já para Costa e Fonseca (2007) e para a maioria dos estudiosos e textos que falam em “contemporâneo”, este é uma composição de tempos, uma junção de diferentes temporalidades, que se diferencia, por exemplo, da noção de presente, a qual remete a um tempo mais específico e de menos composição. Além disso, o contemporâneo geralmente utilizado faz pensar na Modernidade como vinculada a um tempo estático, disciplinar; e na atualidade como vinculada a um tempo que funciona em rede, é rizomático. Embora “os dois contemporâneos” explicados (o de Agamben e o dos demais estudiosos) se distingam, cabe pensar que para se compor uma “postura contemporânea” faz-se imprescindível encarar o contemporâneo de modo mais artesão, com retalhos de diferentes tempos que se unem e inventam um outro tempo. E vice-versa, pois a junção de tempos também requer uma postura sensível que a perceba.

Talvez, pode-se pensar, em resumo: em Costa e Fonseca (2007) há, também, a composição de uma postura perante o tempo, inclusive com semelhanças na postura definida por Agamben (2010). No entanto, é uma postura que apresenta outros elementos, como, por exemplo, a concepção do tempo como trama e não mais na forma de linha (próprio dos medievos e da modernidade). Assim, na contemporaneidade, vivemos a fragmentação de um tempo em vários, do mesmo modo que falamos da quebra das grandes narrativas em diversas.

Após explicações e tentativas de síntese, e ao mesmo tempo seguindo o contorno de uma noção de contemporâneo que escapa o tempo todo, Foucault (2016), de batedor de pés passa a bater-se todo pelo mundo. O estudioso, ao problematizar a questão da crítica e através da tentativa de ampliá-la em relação à noção kantiana que se tinha até então, a desloca e a pensa como se comendo a partir da expansão da governamentalização (no século XVIII) e do surgimento da “(...) arte de não ser governado ou ainda arte de não ser governado assim e a esse preço” (FOUCAULT, 2016, p.4). Ao que parece, não se tratava simplesmente de uma oposição acerca do que o governo propunha, mas de uma posição ética e implicada por parte de sujeitos desgrudados de uma lógica transcendente Descendo devagar da rede do jardim de sua casa, Helena deita na terra e questiona-se: Como relacionar essa noção de crítica à ideia de ontologia do presente, esboçada acima? Construir uma crítica do presente ou uma ontologia do presente tencionaria o campo da razão, possibilitando técnicas abraçadas a práticas libertárias?

Em contato com o “chão batido” de terra, Helena vislumbra algo se encostando a seu braço. Sem interesse, cansada e tentando se desvincular de opiniões prévias, preferiu não colocar os olhos. Apenas sentiu o encosto e o deixou ali, tentando compor com ele algo que ela ainda não sabia o que seria. Seu corpo tentava seguir o ritmo do encosto, movimentando-se e sujando-se. Felipe juntou-se a ela, rindo-se e confuso sobre a esposa estar dormindo ou acordada.

A primeira vez que Felipe viu Helena, ela estava em um movimento de corpo semelhante: deitada na areia da praia, seguia os movimentos de tatuíras. Suja de areia, a personagem lembrava mulheres muçulmanas que se utilizam da sedução na “dança do ventre”. Seus braços erguiam-se por momentos, suas pernas balançavam-se e sua cabeça pendia-se toda para trás, provocando um quase torcicolo, aos olhos de Felipe. Helena parecia querer seduzir tatuíras, mas conseguira mais. Felipe-criança se aproximou,

deitou-se ao lado de Helena-criança na areia, e começou a imitá-la. Os dois riram. Seus corpos começaram a compor entre si.

Anos depois, Helena explicou a Felipe que gostava de sentir quando tatuíras tocavam a sua pele, bem como quando refletiam com o sol, em sua pele negra. A personagem era criança quando fazia essa “dança com tatuíras”, mas hoje via esse movimento de corpo como uma tentativa de se contaminar pelo ritmo daqueles bichos acostumados à maresia e ao gosto salgado do mundo. Via nesses animais minúsculos um movimento passível de ser imitado, em sua diferença, nos gestos cotidianos. Lentificar o corpo...

No jardim da casa que construíram juntos, Helena e Felipe repetiam os movimentos de quando se conheceram. Os corpos eram outros, mas ainda eram eles que entoavam o ritmo de cada movimento, de cada experimentação... O ritmo da experimentação de suas vidas. E experimentar-se ou inventar-se, implicava pensar na diferenciação entre a noção de liberação e a de práticas libertárias. Sobre a primeira, remeteria à existência de uma natureza essencial humana aprisionada pelo poder e na luta para simplesmente se livrar dos mecanismos repressivos; já a segunda noção comentada concebe a liberdade como “(...) práticas que dizem respeito às relações entre a ação e o pensamento” (FOUCAULT apud PICOLI, 2010, p.38). Assim, pensar a liberdade como efeito do que é exterior ao sujeito já não basta, pois ela diz respeito ao “(...) que exercemos, experimentamos e praticamos em cada pequeno ato” (p.38). O ato livre desgruda-se do campo jurídico e volta-se à potencialização do encontro entre o poder e a liberdade.

Ao retomar a ideia do contemporâneo como intempestivo (AGAMBEN, 2010) ou aquilo que transborda, e ao Picoli (2010) trazer sobre a emancipação crítica como prática de liberdade, é possível relacionar tal crítica a um transbordamento dos limites. Limites não apenas atrelados a leis, mas a cessações de fluxo e reinvenções de fluxo. As escritas da vida de Helena e das experiências cotidianas na urgência urbana aparecem como uma tentativa de vivenciar esse transbordamento e, assim, reinventar fluxos no contemporâneo, a partir de uma atitude que se configura baseada em práticas libertárias que não desarticulam ação e pensamento. Nesse viés, escrever Helena compõe-se como uma prática de si helenista para a Narradora?

De volta à caixa de fotografias, Helena encontra uma imagem sua, aos 15 anos. Usava um maiô verde que marcava suas curvas, e colocava o braço na testa, como se

reverenciando aquele espaço-imensidão que a percorria: o mar em suas ondas. Percebeu que ainda não tinha a cicatriz no joelho; o acidente aconteceria poucos dias depois. Reparou que usava uma pulseira trançada, comprada de *hippies*. Lembrava-se com carinho daquele acessório. Ela e uma amiga que conhecera na praia, em um dia lindo de sol e calor, decidiram ir de ônibus até a cidade vizinha, cuja praia era mais frequentada. Em seu afã de encontros outros, Helena a acompanhou portando uma mochila e quase nada de dinheiro. As duas andaram um pouco pelas ruas da cidade litorânea e também à beira-mar. O mar criara “banco de areia”, tornando a margem mais ampla, e ao mesmo tempo mais rasa. Helena e a amiga puderam adentrar no mar, permanecendo com a água nos tornozelos. A areia mudava de profundidade, de altura, os buracos se moviam... O mar moldava a areia e moldava, também, Helena. A água estava quente. O dia anoitecia devagar. O céu se tornava roxo... Helena e a amiga afeiçoaram-se uma pela outra, assim como por uma pulseira que encontraram em suas andanças num acampamento *hippie*. Cada uma comprou uma para si, e esse passou a ser o objeto que as unia.

Helena lembra que estava seduzida pela praia, pelo passeio, e pela amiga que fizera. O sentimento parecia ser recíproco, levando as duas a se esconderem no quintal de uma casa, para se beijarem. Helena nunca tinha beijado outra mulher e achou esquisito. A boca era quente, úmida e macia como todas as outras que beijara, mas nenhuma outra tinha o gosto doce do protetor labial. Era como se o corpo de Helena estivesse tendo uma nova experiência, um beijo outro que modificava a própria boca de Helena em suas potências do sentir. Enquanto o beijo acontecia, a personagem segurava-se ao chão descascado, para tentar escapar àquele gosto que não lhe agradava.

A mão no chão parecia clamar por raízes contra o ar rarefeito das alturas, clamava pelas estrias do instituído, pelo fim do frio na barriga que aquela experimentação a fazia sentir. Quando os lábios se afastaram um do outro, as amigas se olharam de soslaio, um pouco tímidas pela ousadia e receosas do que estava se passando na cabeça da outra. Deram-se as mãos em um gesto de apoio mútuo e ficaram a digerir as novas sensações que transformavam suas capacidades do sentir em seus corpos. Helena, em especial, pensava quantas novas experiências, quantos novos sentires a vida ainda reservava para ela. Em meio ao assovio do vento marítimo, prometia para si mesma que jamais se furtaria de experimentar novas sensações pelo medo do salto no desconhecido, pelo risco de ser incompreendida.

As duas permaneceram sentadas na varanda da casa abandonada. Podiam ver o

mar e as pessoas que por ali caminhavam, no início da noite. Chamava a atenção de Helena uma mulher de tênis e biquíni, que passava caminhando em frente ao mar. Ela andava rápido, até que parou em frente a uma barraca de coco verde. Tomou ligeiro e começou uma corrida moderada. Helena a viu desaparecer à beira-mar... Comentou com a amiga ao seu lado sobre a necessidade de exercícios físicos e de cuidados com o corpo. Parecia, à personagem, que as caminhadas e corridas à beira da praia podiam acontecer a partir de distintas modulações: obrigação com um exercício físico, ou afetação com um exercício de si que é potencializado pelo clima praiano. Ficava em dúvidas sobre o exercício que aquela mulher compunha consigo.

Aos 42 anos, Helena lembrava-se daquelas contemplações, conversas, situações, experimentações, e do passeio como um todo, enquanto uma prática de experimentação de si, pois se compunha pela singularidade do momento. Já as corridas matinais e a dieta saudável de Helena-adulta pareciam se aproximar mais de uma prática de si fechada, pois envoltas pelo majoritário, pelo padrão. Onde estava aquela Helena caçadora de experiências que se jogava em novas bocas apenas para descobrir seu sabor?

Se, aos 42 anos, Helena frequenta nutricionista e mantém uma dieta balanceada; a foto de maiô lhe trouxe recordações de como se alimentava aos 15 anos: de acordo com o local onde estava. Se na praia, provava o que o povo daquele local tinha a oferecer; se viajava, provava refeições diferentes e características daquela região. Fechara-se para o diferente. O tempo a acomodou em um “banco de areia” enquanto bolsão que encalha.

Embora encalhada, Helena não pode ser pensada como algo estagnado ou dissociado de seu entorno e das inevitáveis relações que produz, enquanto sujeito não identitário. Fonseca et al (2008) argumentam sobre a crescente industrialização e burocratização ter desencadeado uma relação binária sujeito-sociedade, no século XX. Há vários autores, a propósito, que trabalham de modo dualista em relação à ideia de sujeito: matéria *versus* espírito. Deleuze (2016a) critica tal modo de encarar o ser, referindo-se à diferença enquanto constituinte da subjetividade. O ser enquanto diferença. O pensamento da diferença não subordinado à identidade.

Deitados no jardim de sua casa, cheios de terra, Helena e Felipe não são mais Helena e Felipe. Talvez nunca tivessem sido, se forem encarados aos olhos de Deleuze (2016a). Helena e Felipe, imbricados ao entorno e aos cheiros mundanos, experimentam

a si, sem experimentarem-se de modo individual ou identitário. Pois, romper com a ideia de indivíduo isolado implica romper com uma experimentação/ prática de si que acontece alheia ao meio, ao contexto, ao mundo, e encarar o sujeito como ação. Uma prática de si que implica invenção e experimentação, assim, é uma prática coletiva e que atrela ação a pensamento (como já comentado). Deitados no jardim de sua casa, cheios de terra, Helena e Felipe não são mais Helena e Felipe. Talvez nunca tivessem sido. Reinventam-se entre si, compondo com a terra, os bichos e o chão, outros movimentos, encontros e possíveis. Talvez, o cuidado de si helenista que se falava no início do escrito possa ser pensado como um movimento de corpo que é ético, ao compor-se no encontro e através da invenção de um corpo que se permita movimentar-se com o mundo.

UM SONHO DA DIFERENÇA

Com neve sembo, Helena segue na praça, com os helle--

mistas remendando os meronges e perguntando - lhe sobre

como obter êxito no cuidado de si. A pueragem levam

ta-ra, pega um meronge e o mantiga.

Ena doc.

Olha para o povo que a observo e ouço o recipiente de ma-
deira, repleto de embalagem com meronges. Olhem para
estas embalagens, dizia ela. São repletos de meronges. Per-
mais que elas sejam iguais em seu formato, diferenciam-
se, pois cada meronge possui particularidades que os di-
ferencia dos demais. Assim como nós também. Como, en-
tão, falar em um cuidado de si que obtivesse êxito sem
tudo? É preciso afirmar a diferença como uma ética de
um cuidado não-individualizado. Os helenistas enu-
taram com um olhar de confusão. Ainda no sonho, Helena
cemia os meronges e permanava nos vitaminas e benefícios
que a fruta lhe traria. Afirmando um cuidado de si indi-
vidualizado, nos talvez despertasse nos helenistas algo
diferente. Acordou com vontade de comer meronges com
chantilly. Mas temeu o aumento do colesterol. Com-
praria e comeria apenas meronges.

2.3 Borrifadas outras: outra personagem de mim

Narradora empurra Helena pela terra e acaba por perceber-se mergulhada em uma diferença difícil de captar: a atualidade parecia dura e rasa, como o chão em que Helena movimentava o corpo e inventava a si. Era quente aquele fevereiro. E rápido. Era preciso condensar tudo nos vinte e oito dias existentes. Mas Helena empurra a Narradora para a terra, mostrando que o ritmo pode ser outro. Que talvez não seja tão necessário condensar tudo nos vinte e oito dias do mês de fevereiro, pois os outros meses ainda virão, potencializando outros encontros, outras temperaturas, outras temporalidades. A densidade dos dias fazia-se sentir em cada gesto cotidiano. O dia quente, abafado, carregado ao máximo de mundo, de cotidiano, de cheiros. Tão carregado, tão exagerado de tudo, que o balanço do pé, da cabeça, dos braços e de todo o corpo, parecia ser um meio de movimentar o possível. Ainda pesado... Com a Narradora na terra, Helena vai mostrando que o gesto pode ser menos denso, menos carregado de mundo. O gesto pode ser um simples balançar, que movimenta o vento e não sabe ainda o que fazer com isso ou quais outras fissuras pode provocar no entorno. O dia, e até o mês, podem ser apenas um gesto de aceno.

A Narradora, na terra, empurra Felipe para o chão de concreto. Tenta contaminar Helena com seus movimentos pesados e rápidos... Como se despejasse em Helena uma fragrância que formasse uma película em torno do corpo. Helena puxa a película que passa a envolvê-la. Fina, mas resistente. Não parece rasgar fácil. Helena quer gritar para o mundo o acontecido. Belisca a Narradora e a faz lembrar-se que há carne no corpo e que essa carne sente dor. Gritando e gemendo, em um misto de excitação e ódio, Helena segue beliscando e empurrando. As personagens jogam seus corpos em um redemoinho que lembra sedução e destruição. Os gestos que antes acompanhavam o entorno, agora ganham concretude. O corporal e o incorporeal não implicavam mais distinção. Era a concretude da carne de cada uma, unida ao incorporeal, que produzia o acontecimento-beliscão. Beliscar era pele, era encontro.

O ato de beliscar e empurrar, rolando na terra, fez Helena lembrar-se dos momentos em que saía com as amigas para dançar, na adolescência. Quando os garotos a cansavam com conversas e promessas infundadas, saía para a noite, na ânsia de rebolar o corpo. Mas a dança não levava apenas a um movimento de corpo ou a uma

fuga dos garotos. Ao contrário, levava a uma composição com outros corpos. A sedução era o ápice dos rebolares, descidas e subidas. A luz que trocava de cor parecia um caleidoscópio brilhante. A pista de dança, no embalo das músicas, tornava-se a pista de encontro entre os corpos. Eles pareciam unir-se como imãs, encaixar-se como peças de um Lego. Para então se separarem e se desencaixarem na música seguinte. A pista de dança parecia ajudar Helena a beliscar-se pelo mundo.

O ato de beliscar e empurrar a narradora, rolando na terra, fez Helena lembrar-se também dos momentos do início do namoro com Felipe. Os dois se conheceram quando crianças, na beira do mar, deitados na areia. Passados muitos anos, aquele primeiro encontro desencadeou outros. Seus corpos, recém-acordados, encontravam-se de manhã cedo na praia e, antes de caminharem ao modo do que Helena já fazia, deitavam-se na areia e ficavam fazendo movimentos involuntários, dispersos, improváveis... Experimentavam seus corpos naquele espaço arenoso, compondo com tudo que passava por ali. Antes de o ato sexual propriamente dito acontecer, o ato que seus corpos realizavam nesses momentos à beira mar era para além do corporal ou do incorporal. Encontrava um entre, um meio, um vacúolo que nem o auge do orgasmo alcançava em todas as vezes.

Com o ato sexual concreto – mas indissociável de um aspecto incorporal – acontecendo, os momentos de invenção de corpos à beira mar foram deixados um pouco de lado pelo casal. Menos de um ano após o início mais formal do namoro, Helena engravidou de Laura. Era como se gestasse desde que conhecera Felipe e iniciara uma relação afetiva de compartilhamento, e naquele momento apenas iria parir. Felipe e os encontros potentes que lhe propiciava, levaram ao parto. Laura era a gestação de uma vida que se reinventou ao encontrar Felipe. Laura era um gesto que compunha o corporal e o incorporal, fugindo a ambos. Era um gesto que não implicava propriedade ou pertencimento.

Laura era ação, encontro... Era os momentos em que Helena e Felipe permaneciam deitados à beira-mar, enquanto o sol nascia; era os momentos em que o casal acarinhava um ao outro, esquecidos do mundo; era os momentos em que cada um deles refletia sobre a vida, conversava trivialidades, permitia-se escapes, angustiava-se com o risco, arriscava com medo. Laura não era o resultado específico de um ato sexual ocorrido na madrugada de Carnaval. Laura não era identidade. Se em Platão, Aristóteles e Sócrates, por exemplo, a subjetividade ainda delineava-se enquanto identitária

(embora portando sutis variações na visão de cada um dos estudiosos mencionados), Gilbert Simondon concede outro viés à subjetividade, desgrudando-a da interioridade e do íntimo, bem como de uma essência ou verdade a serem encontradas isentas de afetos ou percepções (supostamente propiciados pela via apenas corporal). Fala-se, assim, em subjetivação, em processos de diferenciação articulados ao espaço-tempo. Movimentos incessantes e não mais a existência de uma substância prévia e formatada a ser buscada ou produzida (COSTA e FONSECA, 2008). O sujeito como gesto diferencia-se do sujeito como substância ou forma! Laura era gesto, mas não apenas um gesto consequente de Helena-gesto e Felipe-gesto. Laura era apenas gesto, assim como seus pais.

Laura adorava dormir no colo dos pais. Eles a embalavam cantando, acarinhando aquele corpo frágil que podia ser balançado com facilidade. Permaneciam horas admirando a filha. Após amamentá-la, Helena geralmente chamava Felipe para, juntos, compartilharem aquele momento de êxtase. Na época do nascimento de Laura, Helena e Felipe ainda estavam no Ensino Médio e, por isso, tentavam conciliar as aulas e os cuidados à filha. Helena adorava Literatura. Embora faltasse mais vezes desde o parto, tentava seguir com as leituras programadas, em casa. No momento, a turma estava estudando o Romantismo, cuja ideia se aproximava de uma narrativa que mostrava o quanto o homem em contato com a natureza é um homem bom, ao passo que o homem que vai para a cidade é corrompido.

As leituras sobre o Romantismo faziam Helena pensar em suas idas à Praia. Era um espaço de natureza em que se sentia conectada consigo e com o entorno, mas não era possível afirmar que a natureza a tornava melhor ou pior do que na cidade; ou, ainda, que a natureza da praia era boa ou má. Questionar o Romantismo fazia Helena questionar a ideia de natureza como essência ou substância e encará-la enquanto devir, diferença, heterogeneidade. A natureza tornava-se, para a personagem, indeterminada e atrelada à corrupção; além de vinculada à ideia antes referida sobre o sujeito enquanto relação. Tanto a natureza quanto o sujeito não se enquadravam mais ao fato de serem bons ou maus, melhores ou piores. Uma crueldade desumana e que extrapolava a própria ideia de humano passava a percorrer a natureza (COSTA, DUTRA e FONSECA, 2011). Quando grávida, Helena percebia que a gestação não podia ser reduzida à concepção. Era processo, composição, relação. Era uma natureza que se manifestava em redemoinho, intempestiva.

Deitadas na terra, Helena e Narradora desmancham-se. Não passam a ser exatamente terra, mas também deixam de ser Helena e narradora. Misturam-se entre si, indissociáveis também do espaço-tempo que as permeia. Vão se compondo fugindo às linhas, subjetividades de afetos desencontrados, em constante movimento de apreensão daquilo que não constitui um formato e que não intui constituir uma estrutura ou consciência. O “eu” passa a ser multidão; a multidão desterritorialização e vinculada à multiplicidade e a um plano de singularidades que não se delineia homogêneo ou idêntico a si mesmo (HARDT e NEGRI, 2004). Narrar Helena, helenizar Narradora.

Os corpos de Helena e da narradora começavam a desaparecer da superfície. Aterradas, pareciam crianças enterradas na areia. Helena lembrava-se do dia em que enterrou um primo na areia. Henrique era um pouco mais novo do que ela e a imitava em tudo, bem como a obedecia como se fosse seu criado. Helena pediu que ele focasse os olhos em determinado guarda-sol, permanecendo imóvel. Começou a cobrir o corpo do primo com areia. Cobriu-o todo. Deixou apenas um pedaço do rosto para que ele respirasse e enxergasse. Quando os pais dos dois voltaram da tenda de caipirinhas, xingaram muito a personagem. Helena ficou de castigo por três dias: nada de castelos. Apenas sentar-se e pensar no que havia feito. O primo tentou dizer que havia gostado de ter sido enterrado, mas ninguém o ouviu. Permaneceu sentado com Helena durante os três dias.

Helena lembrara-se da situação nesse momento com a narradora, mas também recordava-se dela todas as vezes que supervisionava estágios ou orientava trabalhos de conclusão de curso. Precisava compor com os alunos um encontro que não exatamente enterrasse os corpos, mas potencializasse os olhos, a possibilidade de sentir cheiros, de ouvir. De certo modo, os corpos físicos ou as identidades enquanto entidades individuais precisavam ficar sob a areia. Só assim fazia-se possível uma ética de pesquisar com, de sensibilidade para com a implicação... Afinal, como pesquisar sem o outro, se o “eu” é tantos?

Helena percebia, em suas experiências com os alunos, que enterrar um pouco a identidade fixada a um modo único de ser, possibilitava, no processo de pesquisa e intervenção, transformações tanto ao pesquisador, quanto ao sujeito a ser intervindo (MORAES, 2010). Talvez, enterrar o primo fosse enterrar um pouco o seu lado identitário. E parecia ser isso que a personagem fazia ao tentar enterrar a narradora. Jogava terra, jogava terra... Felipe tentava contê-la, mas não conseguia. Helena e a

narradora misturavam-se em uma queda ligeira, inevitavelmente sofrendo a intervenção da pesquisa que elas próprias compunham. Não passivas e sim participantes do processo, as personagens pareciam tentar fazer algo com aquilo que é fugidio e híbrido, e que geralmente é excluído do campo de pesquisa (MORAES, 2010): Helena e narradora saltavam pela terra, como se estivessem em caixas ou frascos. Faziam-se capturar por gotas jorradadas de seus próprios suores. Pulavam para todos os lados, desencaixadas. Desencaixotando tudo.

Para Helena, fazer pesquisa era revirar a terra. Dizia isso a seus alunos. E concedia importância à sensibilidade de olhar para aquilo que parecia confuso e impossível de ser encaixado em uma suposta referência. Não tomava essas questões como passíveis de exclusão do campo de pesquisa. A confusão que acontecia em seu jardim naquele momento, assim como as confusões que acontecem nas pesquisas, para Helena, não implicavam uma falha no conhecer.

A composição, intrínseca ao ato de pesquisa, pode potencializar experiências cotidianas enquanto analisadores (ROSSI e PASSOS, 2014), como delírio, como cuidado de si, como crítica. A dificuldade da composição e do não encarar o encontro com o mundo (COSTA e KIRST, 2010) como pertencimento e simples apreensão do que é dado, aparece na escrita, por vezes. Fragmentos, esqueletos, pedaços que dificilmente se conectam. Pedaços de corpo, intensidades à mostra, ainda não compõem corpo. Eram o que? Corpo: grite para aparecer! Saturar o mundo, faça-se ver, encontre o caos e componha algo! Parece morto.

A narradora parecia morta. Felipe tentava retirar a terra que a sufocava, mas o corpo suado parecia impedir a limpeza. Helena sentia-se confusa. Os movimentos, beliscões e tentativas de enterrar a narradora na terra lhe pareciam um sonho. Mas Felipe aparecera... Era Helena que estava com o corpo embebido, mas não em terra e sim em incertezas. As certezas que antes se prendiam às meias, quentinhas dentro do sapato, haviam sido engolidas pelas incertezas. No sonho, Helena e a narradora conversavam sobre o quão interessante devia ser manter-se em uma meia, apertada, quente e sem necessidade de qualquer movimento. Em seguida, porém, lembravam-se do quanto se ampliaram a partir das múltiplas relações que vinham travando, e do quanto seria sufocante experimentarem-se nesse espaço. Será que a sujeira-perfume desse espaço poderia levar a outros possíveis na escrita, a outros agenciamentos?

3 HELENA RASGA A CONTEMPORANEIDADE: SEGURANÇA, URGÊNCIA E RISCO EM MEIO À LIQUIDEZ HIPERDISPERSIVA

O calçado de Helena, nas andanças pela cidade, soava grave. O calçado falava grave. O calçado vibrava, tremia o teto-céu e por vezes esquecia o chão, tão próximo... Tanto impacto, tanto pisar, tanto soar. E, por vezes, nada a dizer. O soar do calçado combinava-se ao soar dos sinos da Igreja Matriz, desenhando-se por trás dos raios do sol. Era como se o soar dos sinos embalasse o calçado. Como se houvesse um entorno invisível a trilhar, mansamente, os passos, o corpo, Helena... Ainda assim, a intervenção, o governo, parecem se voltar, no contemporâneo ou no que Foucault (2008a) chama de Sociedade de Segurança, mais a meios e populações do que a indivíduos e corpos (como acontecia na sociedade disciplinar) (FOUCAULT, 2008a). Há um deslocamento dos corpos para as ações. Essas últimas incluem aspectos como: a comunicação, a produção linguística, a geração de desejos e afetos... Os quais podem produzir controle na vida cotidiana. Há, assim, um movimento de um governo que se voltava a um território, para um governo de coisas e de homens; desse modo, se na soberania a lei e a obediência imperavam; no governo, as táticas e estratégias em relação à população prevalecem (FOUCAULT, 2008b). O soar dos sinos, assim, intervém não apenas em Helena, mas em um meio, em uma população, nos quais a possibilidade de circulação de uma ação acontece (FOUCAULT, 2008a).

A circulação atribuída a um espaço ou a uma intervenção parece imbricada à circulação atribuída ao tempo. Costa e Fonseca (2007), já referidos anteriormente, problematizam a ideia de tempo, ao pensarem o contemporâneo como coexistência de

temporalidades virtuais distintas. É como se o contemporâneo se abrisse à circulação e não apenas correspondesse à reprodução de uma época. Assim, a ideia de contemporâneo não se acopla à noção de hoje e sim “(...) habita a conjunção dos diferentes tempos que constroem seu instante, buscando uma customização temporal a partir desta heterogeneidade flexível e singular” (COSTA e FONSECA, 2007, p.116). E, pensar esse contemporâneo enquanto composição de urgências, dentre suas singularidades e heterogeneidades, lembra a saturação/circulação/heterogeneidade evidenciada nas experiências cotidianas de Helena.

Um parêntese parece delinear-se necessário, antes de se adentrar especificamente nas questões da urgência da disciplina e da urgência do controle (as quais foram sendo conduzidas pelo campo problemático). Um parêntese que se propõe a esboçar brevemente aspectos da Sociedade Disciplinar e da Sociedade de Controle, pois estas suscitaram muitas das problemáticas realizadas com o objeto “urgência”, em especial, os desdobramentos “urgência da disciplina” e “urgência do controle”, já referidos.

Sobre o Regime Disciplinar, Foucault (2010) o situa nos séculos XVIII e XIX, tendo o seu auge no início do século XX. Se, quando havia o suplício, o corpo dos condenados era exposto a um espetáculo, bem como “sentia na carne” a dor e o sofrimento pelo ato cometido, com os enclausuramentos, as técnicas de “tortura” tornam-se mais sutis: embora o corpo seja colocado em um sistema que coage, priva, obriga e interdita, o sofrimento “na carne” ou “no corpo”, deixa de ser o “invólucro” principal: “(...) um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores” (FOUCAULT, 2010, p.16). Em síntese, a punição passa a dirigir-se para a alma, além de para o corpo. Há, aliás, uma tentativa de normalizar o que existe de multiplicidade nos corpos, bem como de tornar útil o corpo que se desenhava transgressor.

Pode-se pensar, desse modo, que as disciplinas compõem novas técnicas a tramarem o corpo. Não se trata mais de encarar o corpo em massa, como uma unidade indissociável, e sim de

(...) trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez (...) Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem

uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 2010, p.132-133).

Para que o corpo seja tramado em seus detalhes tão precisos, uma distribuição dos indivíduos no espaço se destaca como fundamental, assim como uma divisão do tempo. O tempo precisa ser integralmente útil e, por isso, interrupções devem ser evitadas... “Os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável” (FOUCAULT, 2010, p.154). A estabilidade parece destacar-se como “alvo”, em detrimento a um planejamento fluído e flexível (característico das sociedades de controle).

Interessante pensar que, se as disciplinas atuavam em espaços fechados, com o Panóptico de Bentham já se começa a evidenciar um outro movimento: de generalização das disciplinas para a vida cotidiana. Assim, para além de fixar populações ou de neutralizar perigos, as disciplinas voltam-se, cada vez mais, à fabricação de indivíduos úteis. Ao que parece, a fabricação de indivíduos (atrelada à normalização e à norma) e o extrapolar as paredes para voltar-se à vida cotidiana, destaca uma circulação dos mecanismos disciplinares em “estado livre” e, conseqüentemente, denuncia o imbricamento da sociedade disciplinar à sociedade de controle.

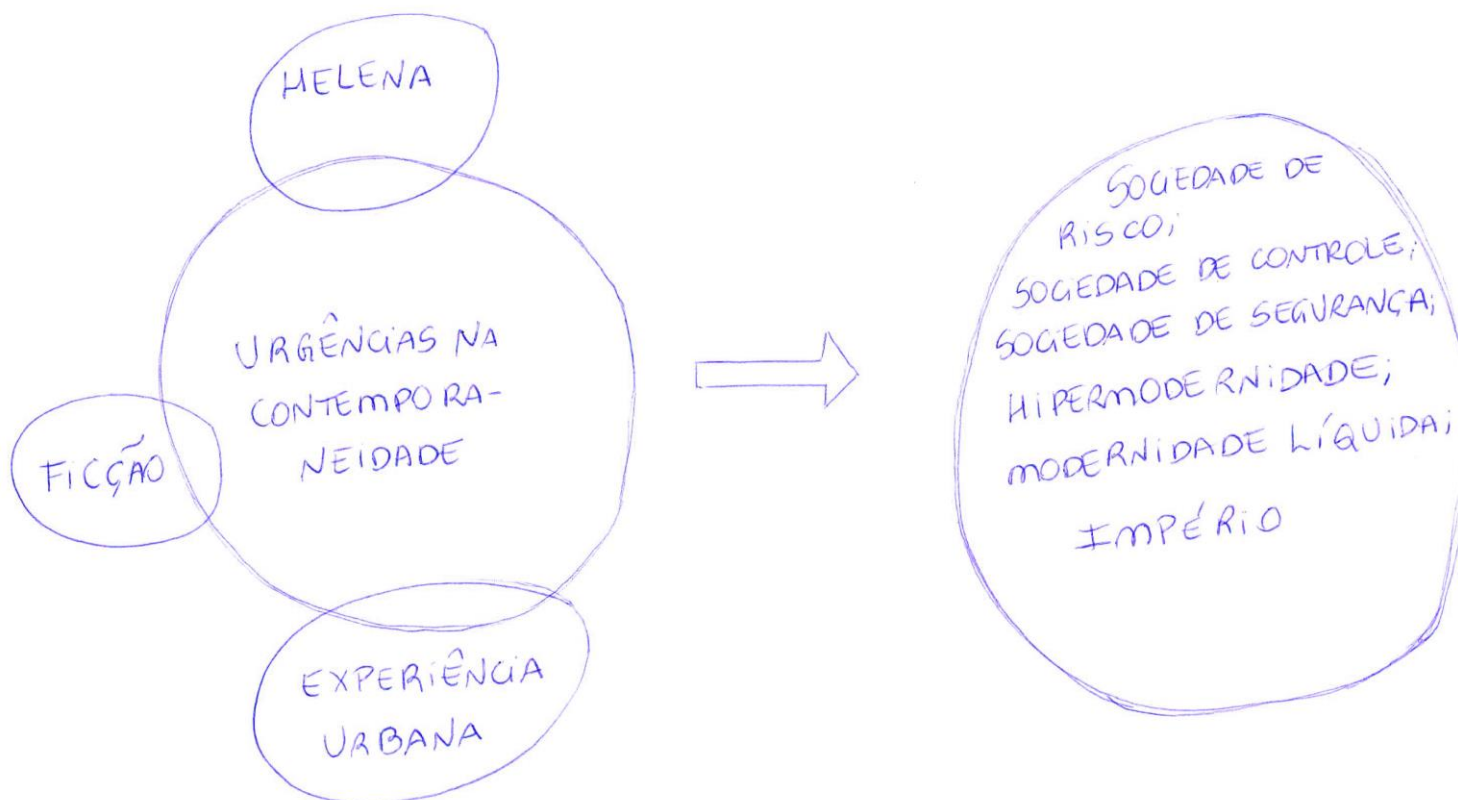
Importante ressaltar que a sociedade disciplinar descrita por Foucault (2010) não é dissociada da sociedade de controle comentada por Deleuze (2008a). Sobre esta última, diz respeito às estratégias contemporâneas existentes não apenas para tornar os corpos úteis, mas também para controlá-los permanentemente do exterior e também do interior: ao que parece, o controle já está em cada um de nós. As sociedades de controle “(...) funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 2008b, p.220). Nesse sentido, se nas sociedades disciplinares havia a escola e a fábrica (espaços restritos, com regras inerentes àqueles espaços), nas sociedades de controle configura-se uma formação permanente tanto sobre o operário-aluno, quanto sobre o executivo-universitário... “Num regime de controle nunca se termina nada” (DELEUZE, 2008b, p.220).

Seguindo com as explicações, ao passo que os confinamentos se articulam a moldes, os controles se articulam a modulações, ou seja, a flexibilidades e transformações constantes e a um planejamento flexível. Passou-se, a propósito, da

fábrica à empresa, o que se caracteriza através de metaestabilidade e rivalidades: há concursos, prêmios, incertezas acerca da continuidade na função que se exerce. Se o Capitalismo do século XIX era de produção, propriedade e concentração, o Capitalismo contemporâneo é de sobreprodução e dispersão. O controle destaca-se, assim, como de curto prazo, de rotação rápida, contínuo e ilimitado.

Retomando o contemporâneo enquanto composição de urgências, sem ignorar o parêntese descrito acima, é possível pensar no campo problemático que Helena vem construindo: a personagem e a ficção operam complexificando as relações e articulações possíveis entre a experiência do urbano e um campo problemático que conceitua a questão da urgência na contemporaneidade (Sociedade de risco; Sociedade de controle; Sociedade de segurança; Hipermodernidade; Modernidade Líquida; Sociedade dromológica, Império...). Quanto à urgência, é importante ressaltar que a pesquisa se propõe a operar com uma urgência do controle – implicada à Sociedade de Segurança e à Sociedade de Controle.

Eis um esquema que tenta compor com o parágrafo acima:



O esquema acima, em conjunto com o parágrafo anterior, contextualiza um pouco a construção de um campo problemático, o qual vai delineando uma urgência da disciplina e uma urgência do controle enquanto distintas, mas não rigidamente indissociáveis.

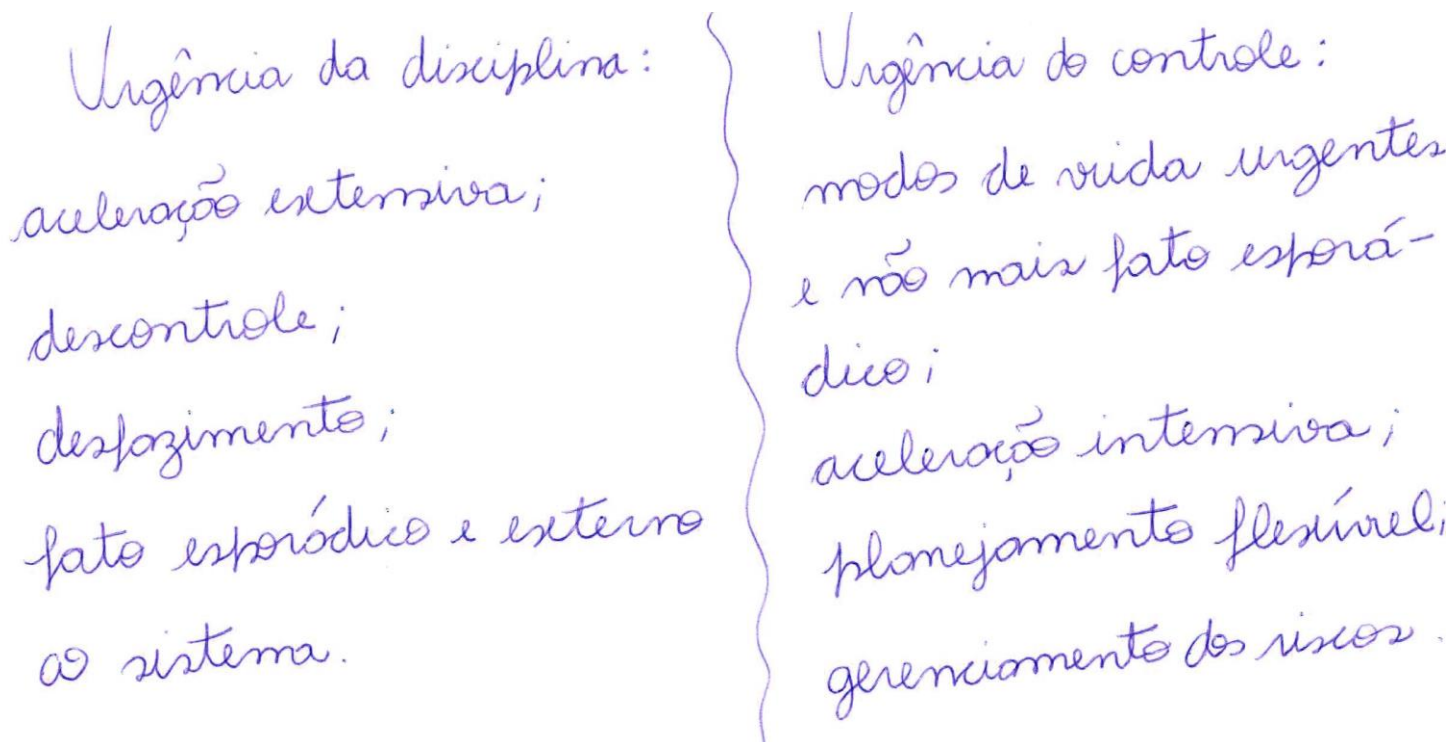
Sobre a urgência da disciplina, está atrelada à sociedade disciplinar, remetendo assim a uma aceleração extensiva (talvez, pode-se pensar, mais atrelada à representação, ao designar coisas e a um lugar estabelecido), a um descontrole, a um desfazimento. A urgência aparece, nesse viés da disciplina, como fato esporádico, externo ao sistema e a afirmar um limite da disciplina: quando algo escapa ao enquadre/planejamento (ao estabilizado, pode-se pensar, descrito anteriormente), a urgência surge, evidenciando um “não-planejado” excluído do “campo de ação”. Desse modo, aquilo que escapa ao esperado é visto como descontrole e desfazimento, bem como se encontra “fora” do sistema disciplinar. A urgência hospitalar pode ser considerada um exemplo disso, ao definir-se no limite vida-morte, em ocorrências específicas e pouco frequentes, bem como a evidenciem um descontrole e/ou um desfazimento em relação ao esperado.

A urgência do controle, por sua vez, é constituinte do próprio controle ou sistema, e não limítrofe ou a marcar um limite em relação ao inesperado (como a disciplinar). É como se tivesse sido apropriada pelo sistema de modo a compor modos de vida urgentes e não mais situações específicas ou esporádicas que desenhavam uma urgência. Nesse sentido, a urgência em questão remete a uma aceleração intensiva (talvez seja possível pensar no sentido de desterritorializada, devir-urgência, variações) e a um planejamento fluido/flexível. Há, assim, uma multiplicação de possibilidades, uma metaestabilidade, um gerenciamento de riscos. Além disso, vinculada à Sociedade de Segurança como já referido, a urgência do controle articula-se às probabilidades, ao parcial e ao fragmentário. Se na urgência disciplinar havia um modelo e o que escapasse àquilo era urgência, na urgência do controle há modulações do modelo e não há mais a necessidade de um controle total, e sim de um gerenciamento dos riscos. O planejamento futuro é flexibilizado.

É importante ressaltar que as urgências delineadas acima, embora se desenhem a partir de diferentes aspectos, compõem fluxos interligados em alguns momentos, não se constituindo estanques. Helena, porém, descobre-se contornando os fluxos imprecisos da urgência do controle. É ela e é com ela que, por vezes, a personagem se confunde. É a urgência do controle que Helena tenta cartografar, ao contar-se urgente, ao contar-se

gente imersa nessa lógica do controle. É com a urgência do controle que Helena tenta criar vacúolos de silêncio e outras possibilidade de vida a serem experienciadas na cidade.

Contornando-se vazante, o esquema abaixo tenta resumir e dialogar com as explanações acima acerca das duas urgências:



3.1 Risco

Helena apressada sente a parada de modo esquisito. Mas, por vezes, as paradas durante o caminho a estimulavam a correr. Como se as paradas e a corrida em si fossem opostos de uma mesma composição... Binarismos parecem se destacar. Como uma rua de duas vias a nunca se encontrarem; ou como uma rua de duas vias que em algum momento se unem. Foucault (2008a), ao falar do espaço, esboça linhas em torno da noção de dicotomia, a qual parece reforçar as noções binárias: “A nossa vida ainda se rege por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis, dicotomias as quais as nossas instituições ainda não tiveram coragem de dissipar. Estas dicotomias são oposições (...) por exemplo, entre espaço público e espaço privado” (p.3). Helena atleta não é

mestranda. Helena é amiga ou é mestranda. Helena profissional não é atleta. Helena profissional e não filha.

Helena lembrava-se do dia em que desconfiou da sua gravidez. Ela e Felipe haviam caminhado até o parque da cidade para tomarem sorvete. Era domingo de tarde e a cidade toda saía das suas casas para banhar-se pelo sol e pelo clima que cerzia corpos em lazer... A personagem sentia-se estranha, não podia negar para si mesma. Ela e o namorado sentaram-se em um pano colocado sobre a grama, com os sorvetes já um pouco derretidos. Helena deliciava-se com a parte de creme, mas a de morango repugnava. Não conseguia engolir. Felipe acabou comendo o restante, estranhando aquilo, pois sorvete de morango sempre foi um dos preferidos de Helena.

Os enjoos seguiram nos dias seguintes. Helena não podia nem sentir o cheiro de banana. A fruta que sempre fazia parte do seu café da manhã, agora era rejeitada. A mãe adotiva começou a perceber a mudança de hábitos. Perguntou se Helena estava se sentindo bem. A garota consentiu, negando qualquer alteração em seus hábitos ou gostos. Porém, naquele dia, após a prova de história, encontrou-se com Felipe em frente ao colégio e comentou sobre a sua desconfiança. É impossível, o namorado dizia. E reforçava que ela tomava o anticoncepcional religiosamente, o que quase anulava a chance de engravidar. Helena, porém, lembrou-se que há cerca de dois meses teve infecção urinária e medicou-se por alguns dias. Na época, não percebeu alteração em seu fluxo menstrual e seguiu tomando o anticoncepcional, sem acrescentar outro método contraceptivo. Felipe olhou-a de canto, agora quase acreditando. Os dois saíram caminhando lentamente, passando pela quadra de esportes da escola, pela árvore de figueira que os acolhia nos dias de angústia com alguma nota não alcançada...

Naquele dia, as notas pareciam uma vírgula, um detalhe ínfimo. A farmácia parecia perto demais... Helena desejava que fosse mais longe. Que o caminho não terminasse. Entraram no estabelecimento e compraram um teste de gravidez. Passaram pela casa de Felipe, que estava sem ninguém, e Helena fez o teste. Não teve coragem de olhar. Entregou-o a Felipe, que sorriu de volta. Dera positivo. Felipe era só sorriso. Já Helena, em um primeiro momento, desesperou-se. Chorou muito. Parecia-lhe que todas as Helenas que vinha construindo – estudante, filha, namorada, neta... – agora se reduziriam a uma: mãe. Ela passaria a ser apenas mãe, afirmando binarismos em relação a todas as outras Helenas que a compunham. O passar dos dias e dos meses, no entanto, foi mostrando à personagem que tornar-se mãe não era apenas um gesto passível de

binarismos, embora binarismos pudessem se compor em alguns momentos. Tornar-se mãe não era deixar de se tornar Helena outras... Muitos binarismos eram desmanchados, com a barriga que crescia. Quanto mais a barriga crescia, mais os binarismos diminuía. Helena ia se tornando mãe, mas ainda era também colegial, namorada, filha, neta... Em sua experiência, Helena percebia que os binarismos e dicotomias nem sempre imperavam e nem sempre eram inultrapassáveis.

Helena podia tornar-se um caminho no entre, já a relação binária, enquanto isso ou aquilo, parecia articulada a uma certeza em relação a qual dos “lados” ou “polos” seguir; ou seja, parecia articulada a uma via de mão única ou de vias opostas... No caminho do entre, as incertezas se desenhavam, em detrimento às certezas... No entanto, as incertezas ainda assim se desenhavam como uma nova categoria de governo (MENDES, 2015). Helena, em um tornar-se mãe através das incertezas e através dos vazares de um “binarismo” ao outro: mãe boa, mãe má, mãe desleixada, mãe superprotetora, mãe errante... Helena, em suas obrigações quanto a manter uma relação prudente com o destino e uma gestão individual dos riscos (TIRADO, 2008). Helena, responsabilizada individualmente: se fumar, precisará arcar com as consequências; se não se alimentar saudavelmente durante a gestação, precisará arcar com as consequências...

Ser saudável ou não, bem como escapar aos binarismos, se torna uma responsabilidade de Helena, única e exclusivamente. Ser uma boa mãe ou não, do mesmo modo. Helena lembrava-se da mulher de biquíni e tênis, que avistara caminhando na beira da praia, quando tinha 15 anos e estava acompanhada pela amiga com quem comprou uma pulseira de *hippie*. Aquela mulher, aparentemente e vista de longe, parecia responsabilizar-se com a sua saúde, conforme “manda o figurino” da sociedade atual. Enquanto olhava a mulher, a Helena de 15 anos comia salgadinhos e bebia refrigerante com a amiga. Aos 42 anos, porém, parecia ter se igualado à mulher, responsabilizando-se pela sua saúde: mantinha uma dieta equilibrada, praticava pilates e corridas.

Responsabilizar-se pelo governo de si... Ideia que parece atrelada aos microfascismos cotidianos produzidos por cada um de nós (FONSECA et al, 2008). Helena percebia, em si, práticas que compunham suas atitudes, seus pensares e até seu corpo. Práticas que não remetiam a ações grandiosas, mas que infiltravam o modo como ela se relacionava com o mundo: o fato de não ter beijado alguém com dentes tortos; o

fato de ter se desesperado em um primeiro momento, devido a ter engravidado aos 17 anos; o fato de querer prever e assegurar o futuro da filha Laura...

E o controle de várias dimensões da vida (REVEL apud FONSECA et al, 2008) pode-se pensar que acontece, também, enquanto me autogoverno... Pois, as democracias liberais avançadas estão atreladas a uma cidadania ativa, de modo que uma “(...) maximización del estilo de vida, del potencial, de la salud y de la calidad de vida se ha vuelto casi obligatoria (...) la medicina ha desempeñado largamente un papel muy destacado en la definición de los modos en que los individuos se conciben y gobiernan a si mismos” (CÓRDOBA, 2012, p.213).

A Medicina passa a ser uma das coordenadoras dos processos de “fazer viver”. Foucault (2002) vai trazer a medicina para falar em um status de quem fala (médico). Quem fala, todavia, não remete a um sujeito isolado ou prévio, e sim situado em uma rede de relações. Trata-se de um status agenciado a instituições, lugares, relações... Um feixe de relações e não algo isolado: “Se no discurso clínico o médico é (...) o questionador soberano e direto, o olho que observa, o dedo que toca, o órgão de decifração dos sinais, o ponto de integração de descrições já feitas, o técnico de laboratório, é porque todo um feixe de relações se encontra em jogo” (FOUCAULT, 2002, p.59).

Ressalta-se que a medicina passa a ser uma das coordenadoras dos processos de “fazer viver”. Todavia, não é a única, pois embora exista certa molaridade médica no campo, o conceito de “bem-estar”, por exemplo – e seria possível mencionar outros – demonstra a complexidade de atores e uma relevante molecularidade associada à relativa molaridade médica. Outros profissionais da saúde, mas também profissionais de diferentes áreas (economistas, administradores, gurus, religiosos, esteticistas, educadores físicos, agentes de viagem, psicólogos, assistentes sociais, *coaches*, celebridades, estilistas, arquitetos, recreacionistas, comediantes, poetas, filósofos,...) levam, assim, a uma profusão de especialistas do bem-estar. Além disso, programas de televisão, revistas, sites, jornais, entre outros, reverenciam o bem-estar e a vida saudável. A molaridade e a molecularidade, desse modo, compõem entre si, não dissociadas.

Rabiscos acima parecem enriquecidos com a discussão de Costa e Fonseca (2016): “(...) não se trata de um elemento a-sensível nem de algo secreto, porém, de processos e tramas sutis que se apresentam em nossa experiência” (p.134). Talvez, esse

“elemento” comentado possa ser articulado e tencionado à figura do médico e de outros profissionais ou, ainda, ao suposto bem-estar. Médico, outros profissionais e bem-estar, a serem pensados não como elemento, mas processos e tramas. Processos e tramas a serem apreendidos, experimentados, degustados na experiência.

Bem-estar, processos de “fazer viver”... O fazer viver e deixar morrer destaca-se, ao que parece, lembrando Foucault (2000). Quanto à ideia de morte trazida pelo estudioso, aproxima-se em alguns aspectos da morte enquanto fim: “(...) a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora, em relação ao poder: é o que cai fora de seu domínio, e sobre o que o poder só terá domínio de modo geral, global, estatístico” (FOUCAULT, 2000, p.295-296). Seria uma abertura para a morte o que possibilitaria vivenciar o intempestivo, se considerarmos que o sistema atual faz de tudo para vivermos em detrimento à morte?

A morte, quando inserida nas políticas, traça-se através de índices ou números, e não de uma experiência concreta. A morte entra nas políticas como estabilidade, embora abrir-se à morte pareça compor um intempestivo. A estabilidade desenha-se como um dos principais objetivos de certas artes de governo, as quais possuem ojeriza à mudança, à invenção e, principalmente, ao inesperado. A estabilidade, talvez, pode ser pensada como um “saber-se governar”. Já a desestabilização poderia ser atrelada a risco. Para Rose (2007), “(...) los trabajadores sociales, los psiquiatras, los médicos y otros han sido responsabilizados sino por la cura o reforma de sus clientes, pacientes y otros individuos problemáticos, sí por su administración según una lógica de minimización de riesgo” (ROSE, 2007, p.141).

Beck apud Mendes (2015), em uma tentativa de delineamento do conceito-ferramenta risco, arrisca: o risco é “um estágio intermédio entre a segurança e a destruição, e a percepção dos riscos ameaçadores determina o pensamento e a ação” (p.211). Considerando a intenção arriscada desse escrito que se desenrola enquanto propulsor de outros pensamentos e agires, bem como o encarar o próprio sujeito enquanto ação, o atentar para os riscos pode delinear-se potente. O risco é, inclusive, um entre: nem território seguro, nem destruição absoluta. Um pé para cada lado, uma passagem a ser desbravada! Uma margem na esquina... O risco a delinear uma Sociedade de Risco (BECK, 2008) e a esboçar, assim, um relacionar-se com o mundo que é de constante incerteza.

Mendes (2015) desvirtua as próprias margens e esquinas, ao pensar a noção de

risco além dos riscos ecológicos: “(...) assiste-se a uma precarização crescente e massiva das condições de existência, com uma individualização da desigualdade social e de incerteza quanto às condições de emprego, tornando-se a exposição aos riscos generalizada” (p.211). Por mais que o autor mencione uma exposição generalizada aos riscos, pode-se pensar que há um delineamento voltado às condições de existência. Quais as condições de existência em uma vida que se constitui urgente?

Seguindo na composição de agenciamentos atrelados ao risco, é possível argumentar que o risco se difere da catástrofe, pois remete à antecipação dela (BECK, 2008). O risco poderia ser pensado, desse modo, como a antecipação do mergulho no intempestivo. Já a catástrofe interessa quando há receio em relação a ela e não quando já aconteceu.

Foi quando a ciência passou a respingar algumas incertezas, ou fracassar em seu afã de explicar tudo, que os riscos despontaram. Beck apud Alexandre (2000) descreve que o conhecimento/ reconhecimento dos riscos coincide com o processo de desmistificação das ciências. Os riscos aparecem como uma tentativa de capturar o que escapa... O que escapa em relação aos dogmas científicos, por exemplo, correspondendo, assim, àquilo que produz outras possibilidades; aos rasgos resultantes do mundo que não se contenta dentro de um bolso.

3.2 Risco e aceleração intensiva

Os bolsos da calça de Helena estavam rasgados, denunciando um dinheiro atual investido na casa que ela e Felipe construíam, ao invés de em roupas. A bolsa de pano e várias sacolas de plástico escorregavam dos dedos suados da personagem. O dia fazia-se cinza. Com ele as nuvens, de repente, pareceram cair sob os pés. Sob e sobre, tudo parecia vir de todos os lados. O chão não implicava mais distinção. Helena voltava do supermercado com sacolas. Estava de mãos dadas com Laura, que tinha cinco anos e comia um chocolate. Gestos impediam as mãos que naquele momento carregavam compras. O cinza caiu sobre Helena e sobre Laura. O caminhão ao lado delas disputava o passo, acelerado. A pressa immobilizava, ao modo de um poder dromológico que, ao

acelerar os corpos, acaba imobilizando-os (MORAIS, 2002). A pressa era paralisante, mas ainda assim lembrava a velocidade fabril, industrial, isenta de freios ou muralhas, a desencadear um movimento do freio até o acelerador (VIRILIO apud CORREIA, 2016).

Acelerada e imóvel, a pressa de Helena a levava a tropeçar na velocidade. Retomava, assim, a revolução industrial e a revolução dos transportes, como tropeços velozes a concederem ênfase à revolução dromocrática – termo cunhado por Paul Virilio – destacando a importância da fabricação da velocidade na atualidade (CORREIA, 2016). Mas, de qual velocidade? Não apenas daquela equiparada ao sistema fabril, mas também de uma velocidade atrelada ao esgotamento de possíveis e à criação de outros; de uma velocidade a expressar modos de existir contemporâneos.

A pressa e a imobilidade fizeram o caminhão tombar. Um absoluto caiu sobre Helena e Laura, rachando poros-asfálticos e fissurando o dia. A vida compulsória da biopolítica (FOUCAULT, 2008a) era reforçada a cada atravessada de esquina: entre tombares, as personagens estavam vivas. Helena viu-se imersa em uma rede de poder que se voltava para a sua vida em seu cotidiano, em suas experiências mais triviais; e o estar desprotegida e insegura, em sua aparente liberdade absoluta (FOUCAULT, 2008a), fazia com que seus pelos eriçados de medo encontrassem o frio do caminhão tombado. Embora os mecanismos de segurança parecessem frear o mundo e mostrar regularidades na população (FOUCAULT, 2008c) em meio às tantas variações, os mecanismos de segurança também pareciam mascarar um encontro acolhedor com um mundo que se desfazia, tombava com o caminhão. E as regularidades invocavam um normal e um anormal (FOUCAULT, 2008c) a serem, estrategicamente, operados na cidade. Um normal e um anormal a serem – importante ressaltar – não claramente definidos, uma vez que a Sociedade de Segurança prescinde de uma clara definição entre ambos, ao ter como interesse manter certos índices, certos patamares. Desse modo, não se trata mais do modelo normal, e sim de modulações de normalizações mais flexíveis, móveis, que se adaptam às situações. O controle produz-se absoluto e desfaz paredes (DELEUZE, 2008a). Talvez, ao percorrer relações, acabe por fazer das rachaduras no asfalto uma imposição de “por onde andar”.

O controle escapava das mãos de Helena, como as compras no momento do susto. O controle não encapsulava e sim permitia experimentar o céu aberto e cinza: fugidio e tão presente, tão efetivo (DELEUZE, 2008a)! O andar nas ruas era controle e também risco. O viver tornara-se arriscado, pois seguia consistindo em habitar um entre

tão repetido ao longo da escrita: entre a destruição absoluta e o território seguro (BECK apud MENDES, 2015). Nem um, nem outro.

Helena e Laura estavam vivas. A vida lhes era impingida (FOUCAULT, 2008a). Passado o tombar do caminhão, depararam-se com o acúmulo de pessoas e com o caminhão, impossível de ser virado e retirado da pista. Helena e Laura estavam mortas. Era Laura a menina atropelada, comendo chocolate, de mãos dadas com a mãe. Era ela aquele corpo jogado no canteiro, ao lado do que de destruído se podia observar no início da parada de ônibus. Havia acabado. Ao redor, pessoas passavam as mãos em seus cabelos ensanguentados, tentando conter o que de contido já não existia. Havia acabado. A vida se esvaíra. Laura era mais um número nas estatísticas da sociedade de segurança, assegurando regularidades aos fenômenos que constituem a população (FOUCAULT, 2008c).

Possivelmente, esse seria o acidente que ultrapassaria o índice aceitável de óbitos anuais naquela esquina, levando o poder municipal a instalar um semáforo. Helena, que acompanhava Laura, ainda parecia dar seus últimos respiros. Helena estava entregue. Os seus pés podiam ser avistados por quem estava na calçada. Poucos se permitiam chegar mais perto. Seu corpo havia ganhado ares de céu, de nuvem, de tudo de inalcançável a ser abarcado pelo olhar humano. E pelo toque humano. O corpo de Helena era uma pedra naquela paisagem. Tornara-se o que de mais concreto se podia encontrar, mas também o que de mais fragmentário e disperso se podia desencontrar, perder. Liquefazer-se.

Helena e Laura voltam a si mesmas. Estão no meio-fio, com as compras espalhadas aos seus pés e o chocolate de Laura fora da embalagem. Não houve acidente. Mas podia ter havido. O caminhão tirara “um fino” das duas. Helena não conseguia parar de pensar no que poderia ter ocorrido, no risco de dar um passo a mais, sair alguns minutos antes, caminhar um pouco mais rápido. Abraçava Laura contra o seu peito, sufocando-a.

Helena não estava morta e nem viva. Apenas seguia pelas ruas tão estreitas e comuns de seus passos de sempre. Seguia por onde não sabia. Morta e viva de si e do cotidiano que a impelia a habitar-se. Morta e viva de si, ao derramar-se pelas ruas de uma cidade estriada em acontecimentos lisos (DELEUZE e GUATTARI, 1997a) a declamarem-na.

Apertando Laura contra o peito, Helena pensava no futuro da filha. Por enquanto, a menina não frequentava creches, ficando aos cuidados dela e de Felipe – conforme possibilidade do trabalho de cada um – e também dos avós e tios. Geralmente, Helena ficava com Laura pela manhã, algum familiar a cuidava durante a tarde, e Felipe à noite. Todavia, no próximo ano a filha ingressaria na escola. Gostaria que Laura contasse com uma educação que valorizasse as diferenças, possibilitasse um convívio com muitas brincadeiras e não colocasse as crianças o dia todo em frente à televisão. Mas sabia que seria difícil encontrar tudo isso. Além do mais, sabia que precisaria colocar a filha em curso de inglês, bem como organizar a vida da pequena de modo que ela fosse construindo o seu futuro desde cedo. Porém, o mais importante, precisava permitir que toda essa construção não impedisse Laura de ser criança, de brincar, fantasiar, imaginar um mundo para si.

Helena olhava para a filha descabelada e chorando, porque o chocolate tinha caído de sua mão no momento do susto com o caminhão. Olhava para a filha, e pensava em como conseguir conciliar um futuro garantido e também uma infância de muitas brincadeiras. Provavelmente, Laura não contaria com aposentadoria. Era preciso, por isso, encontrar modos de garantir que ela teria algum sustento mais tarde. Um seguro de vida poderia ser uma alternativa. Helena já ouvira falar em seguros que garantem o sustento e até, por exemplo, a escolaridade dos filhos de pessoas seguradas. Ou seja, se Helena falecesse, Laura teria um auxílio. Mas conseguiria fazer o seguro por um valor mensal razoável, se há um mês fora efetivada na pediatria do hospital onde fizera estágio, configurando-se enquanto trabalhadora da saúde na alta complexidade? Ao que lhe parecia, além do caminhão, as suas certezas também haviam tombado.



Um SONHO MISTO

No sonho, Helena tinha a idade atual (42 anos) e os seus pais biológicos ainda estavam vivos. Ela, Felipe e Dama passaram o sábado na piscina da casa deles.

O local na ombrela, cheia de cloro e protetor solar, e a piscina combinha-se cheia de curvar, com uma água morna. Anos fazem sombra, mas o sol rebrava.

Helena tomava banho de sol, em uma das cadeiras, com
 a sua mãe. Felipe e Pedro estavam na água com Lau-
 ra, que tinha 2 anos e ria-se da brincadeira de rodar
 dos braços de um até os braços do outro. A família, nega-
 da a chimmarrão e beloscoz-peitor por Helena, viu o
 dia enurecer. Laura chorou, insistindo que queria
 ficar mais tempo na água. Helena a acolheu nos bra-
 ços, deu-lhe banho e explicou que a levaria para
 passar a noite na casa do primo e dos tios, pois o papai,
 a mamãe, a vovó e o vovô iriam a uma junta de sa-
 raiv. O caminho até o primo e os tios de Laura foi
 tranquilo. Ela ficava contente quando brincava com o
 primo, e adorava os tios. No arde, o acidente em que os
 pais de Helena faleceram aconteceu com ela e Felipe juntos.
 Os 4 haviam morrido. A notícia de jornal surgida, com os nomes
 das vítimas, incluía Helena e Felipe. Helena acordou
 desesperada.

Após o acontecido com o caminhão, Helena e Laura foram caminhando com as compras até o apartamento onde moravam. A casa que Helena e Felipe estavam construindo aumentava de tamanho aos poucos. Os dois decidiram investir dinheiro conforme conseguissem, sem se privarem de outras coisas que lhes davam prazer, como um almoço bem feito ou uma ida ao cinema e ao teatro. Chegando ao apartamento, Helena foi preparar o almoço enquanto Laura brincava na sala. Lavou bem a alface e a picou, misturando-a com a beterraba e a cenoura ralada. Sabia que se deixasse a alface inteira, Laura não comeria. Utilizava-se de uma tática: colocava a salada colorida em um pote da Barbie no qual a filha comia sorvete. Deixava o pote no balcão, à deriva. Sabia que não demoraria muito e Laura viria pedir alguma coisa. A menina sempre via o pote e o relacionava a algo gostoso. Comia tudo.

Mas só de salada Laura não conseguiria chegar ao futuro. Helena preparava um almoço saudável e que acreditava conter boa parte das vitaminas que a filha precisava para crescer bem. Preparava arroz integral, impacientando-se com a demora ao amolecimento dos grãos; preparava feijão, deixando-o com um caldo espesso e com um toque das folhas de “louro” do loureiro plantado por Felipe em um vaso grande, que precisava ser substituído a cada pouco, pois a planta extrapolava as dimensões dos vasos; Helena preparava, ainda, bolinhos de carne moída com salsinha. Esses últimos eram os preferidos de Laura. Felipe brincava com ela que os verdinhos eram os olhos da carne, e por isso não se podia tirar. Como deixar a carne cega?

Enquanto Helena preparava o almoço e Laura brincava na sala, a televisão ligada fazia-se ouvir: Você só tem uma chance⁴. Um “quadro televisivo” estava começando, cuja abertura era um eletrocardiograma. O expectador só tinha uma chance. Uma escolha entre as três colocadas. Errava ou acertava. Não havia a consideração de um contexto. De um intempestivo. De uma mudança... Era isso e pronto. Você só tem uma chance. O quadro parecia colocar o telespectador em uma encurralada. Escolha de uma vez. Morra ou viva. A escolha parecia ter um viés de morte. De urgência iminente. Urgência-extensiva, descontrole, aceleração. Em uma das “matérias”, inclusive, Helena pôde ouvir sobre como escapar de um tsunami. Como salvar-se? Vida e morte em confronto constante. Outra reportagem mencionava um ataque iminente de um urso polar, enquanto uma menina passeava no zoológico. A menina foi abocanhada pelo

⁴ Quadro televisivo exibido no Programa Fantástico, da Rede Globo, desde Agosto/2015. Apresenta situações inusitadas (que dificilmente aconteceriam ou acontecem) e possibilita que o público vote no que faria na situação: há três opções e apenas uma chance.

urso. Você só tem uma chance. O que faria para salvar a criança? Como escapar do ataque de um crocodilo gigante? E como agir ao estar no topo de uma escada rolante desenfreada? Como escapar do ataque de um polvo gigante?

O quadro televisivo parecia trazer situações que têm um mínimo de probabilidade de acontecerem, o que as aproximava de um nível de intensidade que extrapola qualquer estatística. Talvez, é possível pensar que na urgência retratada no quadro televisivo, não há uma negação do inesperado ou do surpreendente, e sim uma tentativa de estar o mais preparado possível para todo e qualquer intempestivo ou inesperado que possa advir; uma tentativa de considerar toda e qualquer possível surpresa que possa fazer com que aconteça um encontro com o intempestivo.

O programa televisivo reforçava a postura de Helena em relação ao seguro de vida. O tombar do caminhão, naquela manhã, mobilizara nela percepções que encontravam identificação com o polvo gigante, o crocodilo gigante, a escada rolante desenfreada... E com qualquer absurdo (se encarado estatisticamente). Qualquer aparente absurdo poderia acontecer.

Felipe almoçava com Laura e Helena praticamente todos os dias, e após o almoço deixava Helena no hospital, Laura na casa dos avós ou dos tios, e ele retornava para o Jardim Botânico.

Naquele dia, Helena chegou ao hospital como sempre, vestida de branco impecável. Prendeu os longos e cacheados cabelos enquanto subia as tantas escadas que a levavam até o último andar: a pediatria. Viu que os elevadores seguiam impossibilitados para o tráfego de profissionais e trabalhadores, visando facilitar o transporte de materiais, resíduos e pacientes. Tudo precisava fluir. Os degraus a serem subidos já eram conhecidos da personagem. Sabia quais as perspectivas e as visuais que teria em cada degrau, em cada rotação de corpo. Alguns leitos podiam ser visualizados em determinados degraus... Em um deles, um menino encontrava-se deitado com soro na veia, envolto por brinquedos sobre o lençol hospitalar.

Helena chegava ao corredor da pediatria e cumprimentava familiares apreensivos na porta dos quartos coletivos, cumprimentava crianças que andavam de motoca... Cumprimentava, inclusive, um outro hospital. A pediatria era corredor com interrupções e brinquedos. Tinha dor, sofrimento e morte, mas o ambiente diferenciava-se dos corredores escorridos e pálidos do restante do hospital. As paredes contavam com fotos, pinturas e palhaços. O cheiro escorrido pelos corredores da pediatria era de

talco, embora o sino das irmãs – há pouco mais de cinco anos, o hospital ainda era gerido por freiras – podia se fazer ouvir ao final dos turnos, intuindo convocar os profissionais para a breve reunião de final de plantão. Não eram mais as irmãs que tocavam o sino, mas este parecia seguir tocando algo que insistia no presente: talvez disciplina, talvez aspectos burocráticos, talvez delimitação de espaço-tempo.

Pisar no corredor da pediatria, para Helena, equivalia a cumprimentar um outro hospital, mas também uma outra Helena. Isso, porque a personagem ainda estava em processo de cumprimentar-se enfermeira: fazia cerca de um mês que fora efetivada no cargo.

Helena, em meio a seus cumprimentos, olhava minuciosamente a prancheta com anotações do turno anterior, enquanto conversava com as colegas que saíam. Cumpriu com tarefas que exigiam ação imediata, e assim que possível escapou até a sala de reuniões. Suas mãos tremiam disfarçadamente. Ainda não se recuperara do susto com o caminhão tombado. Tentou segurar com firmeza o telefone, com uma firmeza que lhe escapava em relação ao futuro da filha. Um jovem simpático a atendeu. Helena explicou que gostaria de saber mais a respeito dos seguros de vida. O jovem ouvia com atenção e iniciou com um discurso que parecia programado: vivemos em um mundo incerto em todos os sentidos. Muitas vidas dependem ou estão ligadas a nós. O seguro de vida garante uma ligação sem fim com essas vidas que você quer poder acompanhar, mesmo de dentro do túmulo. As chances de uma pessoa ser atropelada, sofrer um “mal súbito”, um infarto ou um acidente, ser atingida pela roda de um carro, entre outras fatalidades, duplicaram nos últimos anos. Precisamos estar cada vez mais preparados para o que pode nos acometer futuramente. Ou até hoje, daqui uma hora... Como saber?

O jovem simpático que explicava ao telefone sobre os seguros deixava claro que não haveria um investimento mensal muito grande, caso Helena não pudesse, no momento, arcar com despesas altas. Os planos eram compostos por coberturas e assistências conjugadas de diferentes modos, conforme as necessidades, o salário, a idade de cada segurado⁵. Ainda assim, Helena pensava que valeria optar pelo plano mais caro, o qual continha uma indenização especial por morte acidental⁶, além da

⁵ Informações obtidas em: <<https://www.portoseguro.com.br/vendaonline/vidamaissimples/home.ns>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

⁶ Informação obtida em: <<http://www.segurodevidas.com.br/seguro-de-vida-individual>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

cobertura por morte natural. Ou seja, em caso de morte de Helena, a sua filha Laura (como beneficiária) não apenas receberia a indenização... A indenização especial possibilitava que, caso Helena viesse a falecer acidentalmente, Laura receberia o valor contratado em dobro: a indenização de cobertura de morte, somada ao valor desta cobertura especial. Laura estaria assegurada, plenamente assegurada... Helena planejava.

Além dessa indenização especial, o plano mais caro também contava com a possibilidade de se obter uma segunda opinião médica direto dos Estados Unidos (EUA)⁷. Por exemplo, o jovem simpático calmamente explicava: se a senhora vir a ter câncer, poderá contar com uma opinião americana. Isso tudo capturava Helena... Afinal, ela tinha tantos conhecidos que tiveram câncer nos últimos anos, e que inclusive faleceram em decorrência da doença... A segunda opinião poderia salvá-la. Poderia impedir que Laura ficasse órfã. Além disso, esse plano mais caro contava também com indenização por diagnóstico de câncer, o que assegurava ainda mais as certezas de Helena sobre escolher esse, ao invés dos mais baratos.

Sobre possíveis acidentes de trabalho, de acordo com o que Helena compreendera, dentistas e médicos tinham benefícios especiais assegurados. Enfermeiras como ela, porém, não possuíam seguros específicos⁸, embora Helena temesse que algo lhe acontecesse, sempre que precisava fazer algum procedimento que seria da função dos técnicos de enfermagem. Talvez, telefonaria para outra seguradora... Mas a indenização especial a capturara tanto! Não sabia se havia a necessidade.

Fez mais perguntas ao jovem simpático. Gostaria de compreender melhor o plano que garante a educação dos filhos. De acordo com o atendente, Helena poderia optar por contemplar o ensino fundamental, o ensino médio, ou a faculdade da filha. Além disso, poderia optar por coberturas adicionais⁹: festa de formatura, curso pré-vestibular, material escolar, uniformes, professor particular... Helena escutava... De fato, seria interessante assegurar que a filha contasse com uma festa de formatura. Seria

⁷ Informação obtida em: <<https://www.youse.com.br/seguro-vida/assistencia/segunda-opinio-medica/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

⁸ Informação obtida em: <<https://www.mapfre.com.br/seguro-br/para-voce/outros-seguros/rc-profissional/medico/>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

⁹ Informação obtida em: <<http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/o-seguro-que-paga-toda-a-educacao-do-seu-filho-e-vantajoso-2/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

muito triste não haver dinheiro para comemorações. E quanto a curso pré-vestibular? Helena não poderia garantir que Laura iria passar “de primeira” no curso e na universidade desejados. E caso encontrasse muitas dificuldades em alguma matéria/cadeira/disciplina? Um professor particular não lhe parecia algo supérfluo.

E se Helena ficasse desempregada? O seguro garantia o pagamento das mensalidades da escola de Laura, durante três meses¹⁰. A personagem achou pouco tempo... Tentaria convencer o gerente do jovem simpático a ampliar esses meses. Pois, quem garantiria que Helena conseguiria um novo emprego em tão pouco tempo? E agora pensando... Talvez seria interessante contemplar, além da graduação, a pós-graduação para Laura. Mas Helena não sabia o curso de graduação que a filha faria, e dependendo do curso, o valor do seguro era alterado. Optaria pelo mais caro, garantindo, assim, que a filha não ficasse desassegurada.

Para Helena, muitos dos seus pensamentos acerca do seguro de vida se pareciam com melecas grudentas: a personagem ia sendo permeada por aquelas melecas, movimentando-se pouco e ao mesmo tempo enroscando-se ao seguro de vida como se ele fosse uma salvação. A salvação, como movimento desviante em relação ao aprisionamento sentido em alguns momentos, faz lembrar o poder pastoral, o qual se diferencia de um poder que se exerce sobre a unidade de um território, ao exercer-se sobre uma multiplicidade em movimento: há a busca da produção de uma salvação por meio de uma hermenêutica dos sujeitos que identifica e regula seus pequenos pecados, menores delitos, etc (FOUCAULT, 2008e). Embora a personagem, por vezes, percebia-se aprisionada pelo seguro de vida que operava como uma meleca a rondar o corpo, esse mesmo seguro também era carregado de promessas. A prisão e alívio que Helena buscava, a partir da assinatura do seguro, aproximava-se da relação de dívida e salvação produzidas no Poder Pastoral, pois não intuía um “estar salvaguardada” para todo o sempre, e sim estar salvaguardada a cada possibilidade de imprevisto, mudança, movimento: os pastores e os pecados a serem perscrutados tinham se laicizado parcialmente e se multiplicado intensamente em uma miríade de novas promessas e especialistas (médicos, seguradoras, professores, juristas, economistas, psicólogos, educadores físicos, etc.). Considerar o governo em movimento e a impossibilidade de

¹⁰ Informação obtida em: <<http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/o-seguro-que-paga-toda-a-educacao-do-seu-filho-e-vantajoso-2/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

uma previsão rígida definitiva aproxima a governamentalidade do seguro de vida, daquela presente no poder pastoral: potencializa em Helena o seguro de vida como uma salvação que acompanha os fluxos da vida e revela a morte possível escondida em cada esquina (verdade secreta de muitos sujeitos no viver na urgência contemporânea: afirmação da saúde e do bem-estar, pois apavorados com as probabilísticas da morte).

Embora entre fluxos, melear-se pelos pensamentos referidos acima era, por vezes, compor um corpo preso a um modo de funcionar padrão, por mais que esse padrão, no contemporâneo, seja maleável ou flexível... Esse padrão respinga uma norma que se movimenta, ao modo do poder pastoral, cuja abrangência implica flexibilidade e multiplicidade. Foucault (2008c), ao falar no sistema contemporâneo como sendo de segurança, esboça essa questão de uma norma que é flexível e diferente da disciplinar, a partir de

(...) urna identificação do normal e do anormal (...) urna identificação das diferentes curvas de normalidade, e a operação de normalização vai consistir em fazer essas diferentes distribuições de normalidade funcionarem urnas em relação às outras e [em] fazer de sorte que as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis. Ternos portanto aqui urna coisa que parte do normal e que se serve de certas distribuições consideradas, digamos assim, mais normais que as outras, mais favoráveis em todo caso que as outras. São essas distribuições que vão servir de norma. A norma está em jogo no interior das normalidades diferenciais. O normal é que é primeiro, e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório. Logo, eu diria que não se trata mais de uma normação, mas sim, no sentido estrito, de urna normalização (p.82-83).

O excerto acima e as problemáticas comentadas anteriormente fazem pensar na disciplina como implicando normação, e na segurança remetendo à normalização. Isso, porque o que é primordial na disciplina é a norma; o normal e o anormal desenrolam-se a partir da norma. Já na segurança, não há uma norma prévia e sim processos e técnicas de normalização, a partir dos quais análises quantitativas são possíveis e, conseqüentemente, a noção de caso e a noção de risco delineiam-se. Considera-se, desse modo, que os mecanismos de segurança implicam caso, risco, perigo e crise. Não se trata mais de apenas anular (a doença, por exemplo, como acontecia na disciplina), mas de considerar o conjunto da população, as estatísticas e taxas a se aplicarem à população. Há na segurança, assim, não propriamente uma curva normal, mas um gráfico de dispersão com diferentes tarjetas, ou seja, diferentes normalidades a serem

reguladas em movimento e não mais uma única distribuição normal (FOUCAULT, 2008c). Há, desse modo, uma curva a partir da qual o que é desviante se tentará enquadrar. É com essa curva não propriamente normal, que Helena se depara, ao obter uma apólice. A apólice não remete a uma única normalidade ou a uma única curva normal, mas a uma dispersão de uma série de perfis, de públicos-alvos, de grupos de interesse, comportamentos de risco, etc., retirando a centralidade do normal na regulamentação das condutas. Inclusive, a “normalização” é uma dentre muitas regulações possíveis no dispositivo de segurança (ao passo que no disciplinar tudo girava em torno da norma).

Ainda que a norma seja flexível, melear-se pelos pensamentos atrelados ao seguro de vida era para Helena, por vezes, engessar-se. A apólice, em especial, mostrou à personagem o quanto conseguir que o valor mensal a ser pago se mantivesse baixo, dependeria da comprovação de hábitos de vida saudáveis. Adeus batatas fritas diárias, olá exercícios físicos periódicos. O seguro de vida rondava Helena, ora como meleca, ora como gesso. Os riscos inerentes à vida eram destacados pelo seguro, nos momentos em que ele impunha a Helena um modo de viver que pretendia prever esses riscos, bem como reduzi-los. Por exemplo, caso a personagem fosse fumante, não economizaria em sua mensalidade. Afinal, quantas doenças correria o risco de vir a adquirir devido ao hábito do tabaco? Mas, caso comprovasse levar uma vida com hábitos considerados saudáveis, poderia conseguir economizar. Afinal, quantas doenças seriam impossibilitadas de se adquirir, a partir da manutenção de hábitos que potencializassem sua saúde? Helena, entre melecas e gessos, começava a compreender que os mecanismos de segurança sutis contemporâneos serviam de regulação à realidade. Mas uma regulação que era permeada pela liberdade de circulação e de deslocamentos... Trata-se, assim, de um poder enquanto regulação e que só se efetua com a liberdade de cada um (FOUCAULT, 2008d). As melecas e gessos, os movimentos e aprisionamentos de Helena em relação ao seguro de vida pareciam ganhar respiros outros a partir dessa compreensão teórica.

A segurança, a população, a regulação, entre outros aspectos referidos até o momento, interessante pensar, aparecem quando o delineamento dos dados (por exemplo: saudável x não-saudável) se produz como um possível. E, tal delineamento destaca-se a partir do valor que a estatística e as probabilidades passaram a ter com o passar do tempo, como modo de assegurar e de governar operando com técnicas

diferentes daquelas utilizadas na soberania e na disciplina, embora as três instâncias não se configurem de modo inarticulado (FOUCAULT, 2008a).

Ferreira e Tavares (2009) referem que foi a partir do século XVIII que a estatística passou a configurar-se de modo semelhante ao que conhecemos hoje. Foi nessa época que duas escolas apareceram: uma alemã e outra inglesa. A primeira preocupava-se apenas com a descrição dos estados, ao passo que a segunda atentava para o estudo numérico de fenômenos sociais e políticos. John Graunt, importante estudioso dessa escola inglesa, é considerado um dos responsáveis pelo embasamento da estatística moderna, pois

(...) estudou a mortalidade da cidade de Londres e as incidências das causas naturais, sociais e políticas nesse fenômeno. Através das Tábuas de Mortalidade (...) Graunt fez uma análise exaustiva do número de pessoas que morriam de várias doenças e estimou o número de nascimentos de homens e mulheres. Foi a primeira pessoa a fazer observações entre sexos e mostrou que nasciam mais homens que mulheres e que por cada 100 pessoas nascidas, 36 morriam aos 6 anos e 7 sobreviviam até os 70 anos (FERREIRA e TAVARES, 2009, p.21).

Seguindo por um viés de contextualização acerca da estatística moderna, William Petty destaca-se, ao criar uma empresa que não tinha como objetivo apenas o registro de batismos, mortes, casamentos. Voltava-se, também, à idade, ao nível de escolaridade de quem habitava determinadas casas, ao tamanho das famílias... Elaborou as Tábuas de Sobrevivência, as quais tinham como base as taxas de mortalidade em cada grupo etário. Começa a haver, aqui, inferências e probabilidades, além da estatística. Posteriormente, Thomas Bayes ampliou as problemáticas, ao indagar sobre como fazer, das observações, um aspecto de saber acerca do universo. Há estudiosos, atualmente, que criticam o uso redutor que por vezes se faz em relação à estatística, a partir da mera contabilidade de fatos ou listagem de acontecimentos, sem uma análise mais ampla das causas desses acontecimentos (FERREIRA e TAVARES, 2009).

Retomando a ideia de uma curva supostamente normal, e ao mesmo tempo seguindo com a contextualização histórica da estatística moderna, o belga Adolph Quételet aparece, como figura importante à aplicação da distribuição normal ao estudo das características humanas (como peso e altura, por exemplo). Quételet aperfeiçoou os métodos de recolhimento dos dados e trabalhou na análise estatística de dados como crimes e mortalidades. Talvez, seja possível relacionar essa distribuição normal

apontada por Quételet, às proposições de Foucault (2008c) esboçadas anteriormente, sobre a disciplina implicar normação, ao passo que a segurança implica normalização e outras regulações. O estudioso belga, ao que parece, já ensaiava uma compreensão estatística que partia do normal ao invés de ter a norma como princípio.

A contextualização histórica – acerca da estatística moderna – brevemente esboçada até aqui compõe ressoares à noção de segurança que já vem sendo respingada ao longo da escrita, e que dialoga com os seguros de vida existentes atualmente. Se no sistema de soberania a segurança remetia ao príncipe e a seu território, no sistema contemporâneo ela remete à população e aos que a governam: há um governo das populações. Há, assim, um governo potencializado pelo uso da estatística e das probabilidades (FOUCAULT, 2008c). O próprio Foucault (2008c) cita Graunt e suas tabelas de mortalidade, evidenciando que os fenômenos da população são constantes ao invés de variáveis. Desse modo, por mais que a norma e os planejamentos futuros sejam flexíveis e em movimento, nesse sistema que se utiliza de mecanismos de segurança para governar, há regularidades na população. Há regularidades que permitem que os dados estatísticos sirvam de referência a um governo que se utiliza de táticas e de estratégias, mais do que de leis (FOUCAULT, 2008b).

Falar das regularidades que constituem uma população (número de mortes, de doentes (FOUCAULT, 2008b)) faz pensar na Estatística como uma Ciência do Estado, no sentido de remeter a um conhecimento dos diferentes dados, fatores de poder e dimensões de um fenômeno (população). Em suma, a população e a estatística são aspectos desencadeadores de uma Ciência do Estado. É através dessa ciência, dos conhecimentos de diferentes dados, bem como do cruzamento entre eles, que a mensalidade do seguro de vida de Helena é calculada.

A propósito de tudo que foi dito até o momento sobre aspectos que rondam o seguro de vida, é importante ressaltar a questão da segurança. Parece ser a segurança o que Helena intenta, ao buscar o seguro de vida: segurança concebida como regulação da margem de riscos. E é a segurança que Foucault (2008a) evoca, pensando-a através de diferentes modulações: quando a organização social acontecia através da soberania, uma proibição infringida levava a punições, como enforcamento, multa ou morte; num segundo momento, com o mecanismo disciplinar, a mesma lei penal do sistema de soberania passa a implicar punições embasadas em um conjunto enquadrado de vigilâncias e esquadrinhamentos, objetivando-se correções; já a terceira modulação de

segurança entendida por Foucault remete ao sistema contemporâneo, o qual segue com a mesma lei penal dos outros dois, bem como com punições de enquadramento e correção, mas, além disso, as probabilidades, a estatística e as taxas médias aparecem como principais elementos do governo e previsão na segurança. Há, nesse último sistema, uma média considerada aceitável.

(...) a segurança vai se apoiar em certo número de dados materiais. (...) [Em segundo lugar,] não se trata, para ela, de reconstruir esse dado de tal modo que se atingisse um ponto de perfeição, como numa cidade disciplinar. Trata-se simplesmente de maximizar os elementos positivos, de poder circular da melhor maneira possível, e de minimizar, ao contrário, o que é risco e inconveniente, como o roubo, as doenças, sabendo perfeitamente que nunca serão suprimidos (...) Isso nunca pode ser anulado, logo vai-se trabalhar com probabilidades (p.25-26).

A estatística como modo de governo destaca-se, atrelada à população. Há um número de dados que adverte sobre os riscos inerentes ao hábito do fumo. E há, do mesmo modo, um número de dados que assegura os benefícios que hábitos saudáveis acarretam futuramente. Helena estar com a sua apólice em mãos, acarreta também estar envolvida por uma meleca que a insere como dado agregado à média. Pois, configurar-se dado fora da média implica incremento na mensalidade a ser paga para o seguro de vida.

Seguindo com a problemática da segurança a partir de estatísticas e probabilidades, e ao mesmo tempo voltando ao excerto descrito acima, faz-se importante retomar o trecho em que Foucault (2008a) explicita a lógica da segurança contemporânea como próxima de uma tentativa de impedir o encontro com o intempestivo, ao tentar minimizar o que é delineado como risco ou inconveniente. A urgência do controle, composta por um planejamento flexível, cuja lógica aproxima-se de um gerenciar o imprevisto e tentar estar o mais pronto possível para ele, tece linhas com essa lógica de segurança. Esse planejamento flexível, a propósito, lembra Foucault (2008a) quando refere que o planejamento das cidades é “bom” se leva em conta o que pode vir a acontecer. O planejamento flexível mencionado anteriormente parece relacionar-se a esse planejamento “bom”, além de ao conceito de urgência do controle. Esse planejamento flexível, ao que parece, atrela-se ao mecanismo de segurança, no sentido de Foucault (2008a) descrever tal mecanismo como caracterizado pela gestão de

séries abertas, as quais podem ser controladas apenas por uma estimativa de probabilidades.

Mesmo falando tanto em segurança, Helena sabia que havia riscos. Estar segurada implicava seguir não fumando, ter uma vida saudável e com exercícios físicos frequentes, não contar com doenças prévias... Fatores como estes barateavam o valor calculado às apólices, como já referido. Já Helena trabalhar em um hospital se configurava como um fator a incrementar a mensalidade. Tomar esses fatores que barateavam e que incrementavam o valor das apólices implica considerar os riscos inerentes a ambos. Mesmo não fumando, Helena poderia vir a adquirir câncer de pulmão, por exemplo. Os riscos não eram anulados, apenas minimizados.

Imersa em pensamentos e contextualizações teóricas, Helena segurava firme o telefone. O jovem da seguradora seguia falando. Era impossível não se sentir impregnada por aquele discurso, após o ocorrido com o caminhão. Ela e Felipe construiriam a casa ainda mais devagar, mas Helena faria um seguro de vida. Laura precisava ter garantida a sua educação e o seu sustento, em caso de falecimento de Helena. A personagem saiu lentamente da sala de reuniões, sentindo-se pesada. Todos os dias da vida de Laura pareciam estar sobre as suas costas. E estavam. E... Se a seguradora falisse ou simplesmente não pagasse as indenizações acertadas? Será que Helena podia confiar cegamente nesse serviço?



SONHANDO A CORDADA: A CORDES

Nelms vo uma mulher alta no sonho.

Estivando os swagor, alampria o teto

de qualer casa. Mas n6s conseguiu.

WHTV 17

MCT

AVENIDA
002.2455

seus braços não se erguiam. Esperava-se muito e eles não se levantavam, não abanavam, não abraçavam e nem acarinavam. Em momentos de maior desespero, fazia um esforço tremendo para levantá-los. Tentava, tentava, tentava... E eles nada. Resistiam a tudo. Passavam quados ao lado, ainda que de longe. De braços imóveis, o senho leva Helena até o supermercado. Com o auxílio de um funcionário, ela realiza as suas compras. Ao chegar a sua casa, porém, descobre que não conseguiria retirar as compras dos sacos, zinha. Descobre que jamais conseguiria retirar as coisas dos sacos, zinha. Estas coisas fazem muito. Cada vez mais. A invalidez dos braços, pela primeira vez, lhe trouxe uma ameaça de leveza: não conseguiria carregar. O peso seguiria nos sacos.

Entre cumprimentos aos pacientes, familiares e colegas em sua chegada à pediatria, Helena deparou-se, no corredor, com uma estagiária de enfermagem que supervisionava há poucos dias. Convidou-a para um café. As duas entraram na sala de reuniões e Helena pediu se ela não se importava, mas gostaria de fazer algumas perguntas que, dependendo do ângulo como eram encaradas, fugiam um pouco ao contexto do estágio. A jovem consentiu. Helena perguntou sobre a maneira como pagava sua faculdade, como crescera, onde estudara... Parecia precisar de um exemplo de vida que aparentemente “dera certo” de acordo com determinado padrão, para formular uma possível vida a Laura, bem como para criar estratégias que garantissem o futuro da filha.

A estagiária contou que cresceu em uma fazenda no interior. Referiu que brincava mais com bichos do que com outras crianças até os seis anos. Com essa idade, começou a frequentar uma pequena escola próxima a sua casa. Apresentou muitas dificuldades de aprendizagem, principalmente quando os pais se separaram e ela foi morar na cidade com a mãe. Hoje, seguia residindo com a mãe e estudava na faculdade da cidade. Aos finais de semana trabalhava em festas infantis e o seu namorado era o palhaço Pinguço da empresa de festas.

Enquanto ouvia o relato da estagiária, Helena foi percebendo que não havia como equivaler vidas. Elas eram tão singulares e podiam chegar a lugares tão improváveis, que pediu desculpas à garota. Não havia como prever o futuro de Laura, mas havia como torná-lo o mais previsível possível. Helena faria o seguro de vida. Convenceria Felipe.

Aquele dia pós-expediente fazia-se mais cauteloso do que qualquer outro. Na saída do hospital, Helena sentia o corpo pesar, carregado dos dias de vida de Laura. Andava prestando atenção nos detalhes do chão do estacionamento: cada lajota parecia igual, mas olhando de perto e com mais cuidado, percebia que havia singularidades. Nenhuma das lajotas era exatamente igual. A vida de nenhuma pessoa era exatamente igual.

Geralmente a saída do expediente de Helena contava com Felipe já a esperando, ao som de uma música americana. Hoje, porém, Felipe teria reunião no trabalho e, por isso, Helena sairia sozinha do Hospital e buscaria Laura no caminho. Seguiu o trajeto de carro, devagar, atentando para cada automóvel que tentava ultrapassá-la. A cidade era pequena, mas ao final da tarde um pequeno congestionamento se instalava na avenida

que levava até a Universidade. Naquele dia, Helena havia olhado o aplicativo do celular que lhe informava a respeito do trânsito... A personagem já sabia em quais trechos havia engarrafamento, antes mesmo de adentrá-los. E por saber de antemão, não os adentrava. Planejava, a partir do aplicativo, as rotas mais rápidas e, assim, conseguia calcular o tempo que levaria em seu trajeto. Linhas de diferentes cores indicavam o fluxo dos carros. Helena pensava no quanto essas linhas seguiam o padrão das urgências hospitalares/ disciplinares: havia uma paleta de problemas do vermelho ao verde, passando por tons de laranja e amarelo. Olhando no mapa, era como se toda a cidade se tornasse a triagem do Hospital e suas ruas ganhassem as fitas que classificavam seus riscos. Alguns casos mais agudos, como acidente, buracos intempestivos ou obras inesperadas, eram alertados por signos especiais, indicando ao usuário que essas vias deveriam ser evitadas a todo custo naquele momento. Além disso, as rotas alternativas, por mais que pudessem parecer equivocadas, asseguravam que o motorista não cairia em um beco sem saída, pois os mapas eram atualizados constantemente. A propósito, caso Helena precisasse abastecer, o aplicativo apontava o posto de gasolina mais econômico da rota a ser seguida.

O aplicativo permitia que Helena comunicasse os tios de Felipe (que haviam cuidado de Laura durante a tarde), com exatidão, o horário em que chegaria ao prédio para buscar a filha. Os tios de Felipe residiam em um apartamento próximo à Universidade. De esquina, o prédio contava com o sol de final de tarde batendo de lado e formando um desenho que parecia ser de galhos de árvores enviesados. Embora a construção fosse recente, pichações ajudavam na turbulência concedida aos raios de sol e aos galhos de árvores. No caminho até o prédio, Helena aproveitou para olhar se havia mensagens não lidas em um grupo que participava em um aplicativo. O grupo era destinado a informações de ocorrências criminais e auxiliava a personagem a sentir-se segura no momento em que desembarcaria do carro, para buscar a filha nos tios de Felipe. Verificou e o grupo não tinha mensagens novas... Ainda assim, como garantir que estaria segura ao desembarcar?

Helena imaginava as ocorrências criminais disparadas no grupo, pululando em um mapa repleto de linhas de diferentes cores (ao modo das cores da urgência disciplinar e das cores do mapa que acusa congestionamentos e outros eventos intempestivos no trânsito), contendo a indicação de horários e frequências de crimes pelas ruas e bairros. Ainda não baixara esse aplicativo, mas pelo que os participantes do

grupo comentavam, era uma ferramenta ainda mais certa do que a espera de aviso no próprio grupo.

Sem o “aplicativo de última geração” e sem mensagens recebidas no grupo, Helena chegou ao prédio exatamente no horário avisado previamente. Luzes automáticas se acenderam assim que ela aproximou o carro do prédio. Tentou entrar, mas as portas tinham grades duplas e a portaria era de vidro fumê. Podiam-se ver câmeras a filmarem o rosto de quem se aproximava. Foi a imagem do rosto de Helena que permitiu a Laura e aos tios abrirem... Helena percebia-se inundada pelos mais diferentes dispositivos de segurança predial. Lembrou-se do “botão do pânico”¹¹, que a tia de Felipe explicara a Laura em um dos momentos que a menina foi levada ao apartamento dos parentes, para se familiarizar com o local onde permaneceria algumas horas quando Helena e Felipe não pudessem ficar com ela. O botão acionava a empresa de monitoramento, em caso de a casa estar sendo invadida. Cabia ao morador acionar tal botão... Helena, esperando aproximar-se da filha, pensava no quanto gostaria de ter um botão desses ali onde aguardava. Como garantir que alguém não a abordaria naquele espaço?

Passados alguns minutos, Laura estava correndo em sua direção. Helena não subiria até o apartamento naquele dia. Estava cansada e, além do mais, adentrar no apartamento dos tios de Felipe só servia para amedrontá-la quando chegasse ao seu. Isso, porque os tios do esposo contavam até com controle de acesso biométrico¹²: o acesso às dependências do apartamento era liberado apenas após o desbloqueio, o qual era baseado na composição corporal (leitura de retina, digital ou estrutura facial). Como encarar a precariedade da segurança no prédio onde residia, após deparar-se com tamanha segurança? Abraçou a filha com força e agradeceu muito à tia de Felipe. Laura geralmente voltava da casa dos tios com manias diferentes. Dessa vez, insistia em andar utilizando apenas um chinelo. Helena tentou explicar que ela poderia pisar em algo que machucasse o seu pé, mas Laura dizia que era a policial do prédio e, por isso, seus sapatos eram invisíveis. Helena entrava na brincadeira da filha e as duas seguiam um caminho de fantasias.

¹¹ Informação obtida em: <<https://www.adt.com.br/?/empresas/central-de-seguranca/seu-sistema/como-usar-o-botao-de-emergencia>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

¹² Informação obtida em: <<http://www.fxbiometria.com.br/fechadura-residencial-biometrica-fr300-automatiza.html>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

Quando o caminho compunha-se de tanta imaginação, a chegada evidenciava o quão cinza era o apartamento onde residiam, e parecia congelar um pouco toda a magia das andanças. O apartamento onde moravam era velho e escuro. À noite, tinha sombras das janelas e barulhos altos dos vizinhos. Helena decorara o local com quadros coloridos, máscaras de couro e cortinas. Mas a luminosidade ainda se fazia lúgubre para fantasias.

Quando o sol estava se pondo, podia-se sentir um calor vindo do espaço... Pois os raios alcançavam a cortina dourada, e faziam luzir o quarto. Naqueles momentos, o apartamento avermelhava-se, ganhando um fôlego que esquentava a frieza habitual. A casa que ela e Felipe estavam construindo seria nesse fôlego: um ambiente não muito *clean* ou simétrico, e sim que acolhesse. Ao modo de um teatro com as cortinas vermelhas.

Felipe chegou tarde naquele dia. Cansado, pendurou a mochila no “porta-trecos” que haviam ganhado de brinde quando compraram uma poltrona. Laura já estava dormindo e Helena lia “Primeiras estórias”, de Guimarães Rosa, na poltrona da sala de estar, com os pés para o alto. Felipe chegou de mansinho, querendo assustá-la. O apartamento esquentava suas paredes cinzentas, com a simples presença de Felipe. Helena largou o livro sobre a prateleira e abraçou o esposo. Ele tirou os tênis gigantescos que usava no mato e foi para o banho.

Quando Felipe estava descansando na sala de estar, Helena pediu para conversarem. Referiu sobre o acontecido com o caminhão e falou sobre o seguro de vida.

Daquela vez, foi Felipe quem telefonou para receber informações acerca do seguro de vida. Acordou mais cedo do que o habitual e regou as plantas em garrafas pet, na janela, e também o vaso de louro. Viu que algumas plantas já precisavam de um vaso maior, ou teria que podá-las... Salsa, alface e manjeriço cresciam com facilidade. Já as flores precisavam de mais cuidados. Felipe se perguntava se uma pessoa, como Laura, aproximava-se mais das flores ou das verduras. Perguntava-se se eram necessárias tantas precauções desde cedo, para que houvesse crescimento. Sua filha já era tão amada por ele e por Helena, será que precisava ter um futuro já garantido?

Mas Felipe concordava com as preocupações da esposa. Helena viveu em uma família adotiva que pouco afeto lhe concedeu. E isso aconteceu, porque os seus pais

biológicos não previram a incerteza do amanhã ou a possibilidade de morte deles. Será que um seguro de vida garantia afeto? Perguntava-se...

Fez inúmeras perguntas ao responsável pelo seguro de vida. Ficou mais de trinta minutos ao telefone... Ficava inseguro com as possíveis variações que o seguro sofreria com o passar dos anos. Mas via vantagens no fato de ser Helena a segurada, pois ela era mulher e não fumante, ao passo que ele era homem e fumante. De acordo com o que a seguradora lhe informou pelo telefone, havia classificações que caracterizavam as pessoas em risco baixo (mulher, não fumante, jovem) e risco elevado (homem, fumante, idoso). Quanto maior o risco, mais cara a taxa.

E por falar em riscos, os seguros trabalham com gerenciamento de riscos, explicava o funcionário da seguradora. Ou seja, não se trata mais da repartição das perdas entre os membros (segurado e seguradora), como acontecia no passado, assegurando que não haveria perda total aos envolvidos. No seguro, há transferência do risco: a seguradora precisa arcar com as indenizações. Felipe ficava pensando no quanto as seguradoras possibilitavam que os sujeitos se arriscassem mais em suas atividades... Estando assegurada, será que Helena seguiria não fumando?

O funcionário, ao telefone, reforçava que as informações acerca das condições de saúde do assegurado precisavam ser verdadeiras. Caso algum critério fosse preenchido pelo segurado de modo equivocado, o contrato estaria anulado. Desse modo, se Helena afirmava não ser fumante, deveria seguir sendo não fumante.

A conversa ao telefone fez Felipe pensar que talvez fosse interessante ele e Helena incentivarem Laura, daqui alguns anos, a ingressar em um curso de educação financeira. Afinal, a menina também precisava contar com um planejamento pessoal financeiro, para além das possíveis indenizações e benefícios que obteria em caso de desgraças familiares. Felipe conversaria com Helena a respeito... Poderiam incluir o curso de educação financeira nas capacitações adicionais do quesito “educação”, no plano do seguro.

Um parêntese aos devaneios de Felipe: O planejamento pessoal financeiro referido no parágrafo acima faz pensar, novamente, em um planejamento flexível e em um modo de governo baseado na probabilística. Ingressando em um curso de educação financeira, Laura tinha mais probabilidade de arcar de modo responsável com as suas finanças. Os riscos de a personagem arcar de modo irresponsável com as suas finanças, porém, não eram anulados. Apenas reduzidos.

As probabilidades retomam, além disso, as tábuas de sobrevivência e de mortalidade, mencionadas anteriormente. Isso, porque há certos dados que indicam a existência de regularidades na população, além de variáveis. Poder-se-ia falar, no presente contexto, em uma tábua de educação financeira, de modo a serem tabelados os dados que comprovem – ou não – aumento significativo no que diz respeito à consciência financeira, quando a educação financeira acontece precocemente.

Voltando aos devaneios de Felipe, talvez sem tê-los abandonado de vez: o personagem tinha que concordar que o discurso de medo que era formulado pela seguradora fazia sentido. Mas fazia sentido nessa sociedade do medo e da insegurança. Felipe decidiu aceitar a proposta de Helena para acalmá-la. Fariam o seguro e construiriam mais devagar a casa. O esposo de Helena sabia que caso não aceitasse, muitos fantasmas da personagem viriam à tona, contornando a vida de Laura e colocando a possibilidade de acontecer com a filha o mesmo que aconteceu com Helena: adoção, abandono, solidão, desamparo. Felipe combinou com o jovem do telefone que ele e Helena fariam o seguro no dia seguinte, às 8h30.

No dia seguinte, Helena sentia-se radiante. O sol iluminava a janela da sala de estar desde cedo, trazendo um mundo que luzia de novo, recomeçado. Deixara a cama bagunçada, pois estava mais preocupada com a roupa e a aparência, do que com a organização da sua casa. A organização que mostraria à agência de seguros através de sua pessoa, naquele dia, era o que lhe interessava. A personagem pretendia parecer o mais saudável e bem possível, para que a agência não complicasse solicitando exames que atestassem uma saúde “sob controle”. Vestia uma calça jeans, uma blusa solta e tênis all star. Helena e Felipe ainda eram jovens, mas a personagem naquele dia tentava parecer ainda mais jovem, pois a qualidade de vida escancarada, possivelmente, reduziria um pouco a taxa que pagariam mensalmente pelo seguro de vida.

Saíram de casa cedo e chegaram à agência no horário combinado. Os pés de Helena doíam, desacostumados ao tênis sem amortecedor. Felipe sentia-se inquieto, com as pernas espremidas em uma calça que pouco usava. Os dois estavam de mãos dadas, em frente ao jovem com quem falaram pelo telefone. O jovem sentava-se bastante afastado dos clientes, com inúmeras folhas a rodeá-lo e com o telefone tocando a cada pouco. A mesa estava abarrotada de copos plásticos de café, usados. Podia-se saber o número de clientes que estiveram ali no último dia, pelo número de copos acumulados.

Helena mexia os pés, nervosa. Felipe segurava a sua mão, contendo-a. O jovem trabalhador da agência enfim desligou o telefone e voltou-se para o casal. Acolheu-os com um aperto de mão e um abraço caloroso. Helena percebeu que a mão dele suave, embora o sorriso estampasse tranquilidade. Ofereceu-lhes café. Iniciou a sua fala parabenizando-os pela atitude. Falou sobre a vida e a fragilidade dela. Escutou os anseios de Helena e de Felipe, auxiliando-os a reposicionarem-se esperançosos, a partir da possibilidade do seguro de vida. Este último foi colocado em um patamar de base sólida a se conquistar e a garantir um futuro consolidado a Laura.

O jovem funcionário ia esclarecendo a Helena e a Felipe, porém, que o seguro de vida só poderia ser efetivado após a instalação, por parte do casal, de um aplicativo que auxiliasse a regular a vida: dicas de saúde e segurança diárias compunham essa ferramenta virtual, de modo a ela apitar em determinados horários para condicionar os usuários a adotarem hábitos saudáveis e seguros. Helena e Felipe ficaram um pouco incomodados com o fato de o aplicativo configurar-se como uma condição para alguém ser segurado.

Frente aos questionamentos dos pais de Laura a respeito dos motivos de haver a necessidade de se instalar o aplicativo, o jovem atendente explicou calmamente o quão válida poderia ser essa ferramenta, à vida da família: cada usuário alimenta o sistema com dados de seus hábitos, e o aplicativo, com seus algoritmos, alerta concedendo dicas e indicações de vida mais saudáveis e seguras em certos horários. Por exemplo, hora de acordar e hora de dormir; exercícios e alongamentos necessários a cada momento; horários de alimentação; dicas de alimentação saudável, apresentando inclusive cardápios para a semana e lista de compras para o supermercado; indicações de trajetos mais seguros e dicas de segurança para sair, deslocar-se e entrar em casa ou no trabalho, etc.

O aperto de mãos final foi seco, seguro e com copos de café vazios. Laura estava assegurada em sua educação e sustento, caso o intempestivo batesse à porta da família. Quanto a Helena, teria seu cotidiano regido por uma ferramenta virtual inconveniente aos seus olhos. Mas, já não estava sendo regida por esse aplicativo, antes mesmo de baixá-lo?

O aperto de mãos que parecia final não o foi, quando o atendente viu que Felipe segurava uma carteira de cigarros. Segurou a mão de Felipe, impedindo-o de retirar um cigarro, e começou a falar de um aplicativo que, caso ele começasse a utilizar, ganharia

desconto no contrato, ao ser segurado. Tratava-se de um aplicativo parecido com o que alertava hábitos mais saudáveis, mas voltava-se estritamente à cessação do fumo. Felipe preenchia seus dados com horários em que geralmente não conseguia evitar a tragada, bem como com locais que o induziam e hábitos que estavam correlacionados ao fumo, como por exemplo, café e bebidas alcoólicas. A partir disso, o aplicativo emitia estímulos ou reforços positivos, a partir de mensagens que indicavam o quanto o corpo já sentia as horas ou dias sem a substância tóxica, o quanto as células e a respiração começavam a funcionar diferente, etc.



MAIS UM DIÁRIO DE CAMPO DE HELENA

*Senti a goma na rentir o chuve de
goma recém - cortada e ouvir o que os*

pés pediam fazer com aquilo. O de-
dão apertava logo, entusiasticamente com
a sujeira que uma grama recém-
certada produzia: inundava-a com
nominhos e levava as mãos a aia-
viá-lo. Os outros dedos espera-
vam apenas as mãos: sentir as
mãos era sentir a grama virando.
Sentir a grama era perceber-a
desemraizada. O que os pés pediam
fazer com isso?

A cidade vai se compondo, para Helena, como estriada em acontecimentos lisos. E as relações líquidas, componentes do tempo atual (BAUMAN apud OLIVEIRA, 2016), parecem potencializadas pelo liso variado, intenso e desterritorializado (DELEUZE e GUATTARI, 1997a) das avenidas. Talvez, a sensação de liquidez remeteria à multiplicação das estrias em uma trama tão densa quanto fina, tão dura quanto flexível. O mapa das ruas, desse modo, sobrepõe-se por uma ilimitada trama de linhas possíveis com distintas leituras dos eventos que estão ocorrendo ou poderiam ocorrer, tornando cada linha reta e curva de uma rua uma nuvem de acontecimentos e probabilidades.

Importante enfatizar que a multiplicação das estrias, na Modernidade Líquida ou no contemporâneo, não indica que há um espaço mais estriado do que na Sociedade Disciplinar, por exemplo. Pois, na disciplina, a molaridade sobrepunha-se à molecularidade, compondo estrias rigidamente definidas no urbano (classe social, religião...), bem como centralizando os processos de vida. Já no controle ou no contemporâneo, há mais descentralização e linhas mais difusas, de modo que se compõem estrias dispersivas e flexíveis. Pode-se dizer, a partir disso, que as estrias são multiplicadas no contemporâneo, mas ao mesmo tempo modificam-se, compondo-se de modo micro, disperso, flexível, desterritorializado. Há, assim, um flerte das estrias – no contemporâneo – com o liso, uma vez que este último sustenta-se no intempestivo, no acontecimento e no devir. Em suma, pode-se pensar que o controle leva a uma organização das vidas que não centraliza, e sim flexibiliza.

Para fins de explicação, à maneira do trecho em que o espaço liso e o estriado foram abordados em Deleuze e Guattari (1997a) (anteriormente), em Hardt e Negri (2004) a Modernidade aparece como atrelada ao espaço estriado, e a Soberania Imperial a tracejar com um espaço mais liso e com outras estrias, ou seja, conforme esboçado acima, trata-se de um outro estriado e de um poder que está em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum. Trata-se de um poder que compõe com a produção de subjetividade de modo a esta definir-se de diferentes maneiras. Para Hardt e Negri (2004), assim, o Império (ou Soberania Imperial) seria constituído por poucas e esparsas estrias gerais, tal qual o capital, o que permite uma grande capacidade de transformação-adaptação: tendo lucro, comutação pelo capital e alguma noção de propriedade, o restante pode variar.

O espaço limitado das instituições substitui-se por um espalhar-se por todo o

terreno social; interior e exterior não podem mais ser distinguidos. A Soberania Imperial organiza-se, assim, através de uma rede flexível de microconflitos, de uma fluidez da forma, de impurezas a comporem o Império... Além disso, alguns aspectos destacam-se na passagem da soberania moderna à soberania imperial: do povo à multidão; da oposição dialética à administração de híbridos; do lugar da soberania moderna ao não-lugar do Império; da crise à corrupção (HARDT e NEGRI, 2004).

Helena apega-se à corrupção, como se esta evidenciasse um pouco da mescla em cacos a compor suas vivências e seus anseios em relação ao futuro da filha. A corrupção, em seu afã de crise a reconfigurar constantemente as relações/regras, propõe-se enquanto estratégia capitalista que permite lucro e remodelações contínuas. Para fins de explicação: no Império, o conflito central se torna microconflito, e a crise, onicrise ou corrupção (HARDT e NEGRI, 2004). Seguindo essa lógica, o seguro de vida que Helena e Felipe fizeram já não basta: é preciso continuar construindo o futuro incerto de Laura no hoje, através da busca de aulas e cursos extraclases, de contatos diversos com experiências e pessoas, de brincadeiras que ampliem conhecimentos...

Seguindo com as delimitações fugidias entre a disciplina e o controle ou a soberania moderna e a soberania imperial para se pensar o liso e o estriado/ o molar e o molecular, é possível afirmar que o molecular se sobrepõe em relação ao molar no contemporâneo. Cabe enfatizar, não obstante, que o molar e o molecular não compõem processos de modo dissociado. Eles podem produzir, inclusive, microfascismos cotidianos, através da composição com as estrias. Nesse sentido, embora na Modernidade Líquida/contemporâneo a molecularidade se sobreponha, isso não indica a inexistência dos microfascismos, pois estes últimos não correspondem apenas à consequência de um sistema rígido e centralizado ou que se aproxime mais da molaridade (DELEUZE e GUATTARI, 1996b). No controle, os microfascismos acontecem através do micro, como o próprio nome já diz, e não do totalitário. Acontecem através da dispersão e de um governo que é de cada um por si, mas é também a céu aberto, flexível...

(...) o fascismo implica um regime molecular que não se confunde nem com os segmentos molares nem com sua centralização. (...) o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação (...) o fascismo é tanto mais perigoso por seus microfascismos, e as segmentações finas são tão nocivas quanto os segmentos mais endurecidos (DELEUZE e GUATTARI, 1996b, p.84-85).

Se o molecular for encarado como massas e fluxos, mutações, quanta de desterritorialização, conexões e precipitações (DELEUZE e GUATTARI, 1996b); pode-se pensá-lo enquanto próximo do espaço liso, bem como enquanto força ativa que captura o que há de potência, possibilitando que o fascismo se aproprie disso. É, assim, como se o fascismo assaltasse a potência do molecular, e tomasse isso para si. Diferente disso, o molar remete a classes, segmentos e a uma organização binária.

Talvez, considerando o esboçado no parágrafo acima, é possível entender os binarismos a regerem Helena-mãe (comentados anteriormente), e ao mesmo tempo os escapes que Helena-mãe produz, compondo-se Helena-várias. Tanto os binarismos (segurança e risco) quanto os escapes aparecem, porque “Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular” (DELEUZE e GUATTARI, 1996b, p.83). Duas segmentaridades que Helena experimentava na cidade, na urgência, em suas experiências cotidianas, no entre o risco e a segurança, no entre o seguro de vida e o futuro arriscado...

Helena liquefazia-se: operação, processo, experimentação, corpo de intensidades fluídas e que circulam, corpo que vibra, e não corpo-órgãos, organismo ou corpo-sistematizado (DELEUZE e GUATTARI, 1996a). Helena-apps, Helena-whats, Helena-carro, Helena-seguro, Helena-trabalhadora, Helena-médica, Helena-nutricionista, Helena-psicóloga, Helena-autoajuda, Helena-esotérica, Helena-policial, Helena-escritora, Helena-estudante, Helena-atleta, Helena-música, Helena-mãe, Helena-administradora, Helenas muitas aqui e agora em um aqui e agora que nunca está apenas no aqui e no agora.

Um aqui e agora que é fluído e faz pensar na Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), a qual opera um fluxo que pinga-corpo: o sujeito de direitos passa a buscar afirmação no espaço social; estruturas de competição e disputa destacam-se, em detrimento a estruturas de solidariedade coletiva; incertezas sobressaem-se, frente à proteção estatal enfraquecida; um planejamento a longo prazo se desfaz (BAUMAN apud OLIVEIRA, 2016). Paremos por aqui. Será que o planejamento a longo prazo se desfaz, como o autor aponta, ou trata-se de um novo modo de planejar: mais flexível, que tenta “dar conta” do intempestivo, da demanda “*just in time*”? E que tenta impedir o imprevisto sem findar com ele, mas estando sempre pronto para o inesperado (impedindo que o inesperado seja inesperado de fato)?

Sobre a demanda “*just in time*”: remete a uma multiplicação das pernas e dos caminhos de Helena para que o encontro com o intempestivo seja o menos imprevisível possível. A multiplicação das pernas e dos caminhos tenta, assim, planejar de modo flexível. A demanda “*just in time*” não remete, desse modo, apenas a uma rapidez ou a uma aceleração extensiva. Talvez, seja possível falar em uma ansiedade *just in time*, e em uma dupla afirmação de liquidez e previsibilidade-controle na aceleração intensiva.

A liquidez e uma previsibilidade flexível fazem pensar no funcionamento da “bolsa de valores” como paralelo a uma ansiedade crônica vivenciada na Sociedade de Controle. Há risco na especulação da bolsa, e há especulação do risco através da gestão de riscos, da ansiedade e da urgência contemporânea. O risco na especulação da bolsa parece se aproximar do risco de adoecer, de perder o emprego, de divorciar-se, bem como de o futuro de Laura ser interrompido, prejudicado... A urgência aparece, nesse interim, em uma tentativa de gerenciar os riscos e planejar flexivelmente o depois, para que o intempestivo aconteça o mínimo possível.

Sobre o planejamento da Modernidade Líquida ou da atualidade, talvez seja possível pensar que não se desfaz, mas se transforma. Desse modo, não se trata do fim de um planejamento, mas do fim de um planejamento ao modo da disciplina: Se na Sociedade Disciplinar havia um planejamento futuro endurecido e determinista, que intuía excluir todo imprevisto ou intempestivo e acabar com todo acaso; na Sociedade de Segurança há um planejamento flexível, mais atrelado ao controle e à liquidez, bem como um planejamento probabilístico, que gerencia o imprevisto e tenta estar pronto para ele. Diferente da Sociedade Disciplinar, hoje o intempestivo ou o imprevisto não são mais excluídos do “campo de ação”, e sim gerenciados. Busca-se minimizar os efeitos do intempestivo e estar o mais preparado possível para que a surpresa não seja surpreendente demais. O intempestivo, assim, não é visto como algo necessariamente ruim, desde que se esteja o melhor preparado para ele.

Oliveira (2016) respinga um Zygmunt Bauman que por vezes parece desfazer ou destruir, ao invés de movimentar ou reinventar os fluxos: por exemplo, como se houvesse um rompimento abrupto das estratégias de solidariedade coletiva às estratégias de competição; e como se houvesse um total desfazimento do planejamento futuro. Ao mesmo tempo, porém, talvez seja possível abrir pensares em relação às supostas rupturas. Torná-las heterogêneas em um movimento de si a se compor no “entre todas”.

O risco, na tentativa de exemplificar, parece dançar com o enfraquecimento estatal e a insegurança. Os pés andam em um lamaçal que não se sabe.

A ruptura abrupta demais – que destrói e não reinventa – traz Lipovetsky e Charles (2004), quando tecem críticas à expressão “pós-modernidade”, afirmando que ela aludiria a uma modernidade superada e a um contemporâneo desvinculado do que o precedeu (se é que seja possível falar em tempos sucessivos). Os autores argumentam que vivenciamos hoje uma modernidade de outro gênero, e não apenas uma superação ou ruptura com a anterior. O tempo contemporâneo, assim, contorna-se de outros tempos, produzindo-se de resquícios. Lipovetsky e Charles (2004) traçam, ainda, extremos aos valores e princípios modernos: “Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa?” (p.53). Helena vê-se compondo uma modernidade exacerbada e baseada em uma lógica urgentista. Uma “(...) cultura do “tudo já”” (p.62); uma sociedade que incita à rapidez e evita a lentidão (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004). Quisera ela correr mais do que o caminhão tombado.

Com o andar das linhas escritas e dos encontros com a vida... Helena encontra-se com Lipovetsky e Charles (2004) e estes começam a se questionar se, de fato, o sujeito contemporâneo encontra-se apenas mergulhado no tempo de uma urgência da instantaneidade, ou em um tempo da urgência de um planejamento flexível. Delineiam algumas distinções entre a ideia de pós-modernidade (ênfase ao presente e ao aqui e agora) e a de Hipermodernidade, ao apontarem que esta última prioriza, em alguns momentos, o depois em detrimento ao aqui e agora;

(...) a obsessão narcísica com a saúde e a longevidade segue de mãos dadas com a prioridade dada ao depois sobre o aqui-agora (...) o hiperindividualismo é menos instantaneísta que projetivo (...) a relação com o presente integra cada vez mais a dimensão do porvir (...) manifestam-se numerosas formas de valorização do duradouro (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004, p.73-74).

Um planejamento a longo prazo flexível e diferente do planejamento rígido da Sociedade Disciplinar (BAUMAN apud OLIVEIRA, 2016) é tencionado também por Lipovetsky e Charles (2004), conforme excerto acima. Além disso, Lipovetsky (2016) reforça um investimento dos sujeitos, atualmente, num instante presente... Mas que pretende o futuro.

Será que o indivíduo contemporâneo vive realmente num estado de “imponderabilidade temporal”, confinado numa imediatez esvaziada de qualquer projeto e herança? Será que ele se confunde com o homem presente, transformado em estrangeiro no tempo, mergulhado apenas no tempo da urgência e da instantaneidade? (...) Declina a cultura do *carpe diem* (...) o instante puro está longe de ter colonizado por completo as existências privadas, pois a sociedade hipermoderna dá nova vida à exigência de permanência como contrapeso ao reinado do efêmero (LIPOVETSKY, 2016, p.6-10).

O planejamento líquido que se quer pronto para toda demanda, para toda situação imprevista, se apresenta inclusive na vida dos infantes: se o empresário se torna estudante-constante, as crianças se tornam empresários sempre em formação. Os cotidianos do trabalho infantil saem das classes proletárias e invadem o mundo dos abastados em uma série de atividades preparatórias para um futuro incerto ou até mesmo para realidades pós-apocalípticas.

Laura tinha sete anos e esfregava a borracha na escrivainha da sala do curso de inglês, em uma tentativa de limpá-la. Desde que aprendera a escrever palavras inteiras – tanto no português quanto no inglês – sujava muito esse objeto branco com resquícios improváveis. Havia vezes em que apagava com tanta força, que rasgava a folha do caderno e fazia um barulho que interrompia a aula. Então recomeçava a palavra e a frase. Traçava devagar, com mãos de quem ainda tem dúvidas sobre se a letra é “s” ou “z”. Mas a sala do curso de inglês tinha o ambiente projetado de modo a ensiná-la: palavras, frases, desenhos, brinquedos, sons, cheiros... O ambiente projetava-se para que o aprendizado em língua inglesa fosse efetivado com rapidez.

O curso de inglês era apenas uma das tantas tarefas a que Laura era submetida, devido à preocupação de seus pais com o seu futuro. A aula de inglês precedia a de *ballet*, na qual o corpo precisava espichar-se, movimentar-se aos passos da professora. Laura, com suas sapatilhas apertadas, usava um vestido adequado à ocasião e conseguia acompanhar as outras crianças, sem se destacar. Era apenas mais uma das alunas. Em determinados momentos, as aulas de *ballet* e de inglês se uniam, pois os exercícios e alongamentos realizados durante os ensaios de dança contavam com palavras em inglês: *stop, guys; left leg...*

Aos sete anos, a filha de Helena já contava com uma boa base de língua inglesa e com uma postura corporal de bailarina. Começou, então, a praticar tênis para melhorar os reflexos, a atenção e a resistência cardiorrespiratória. Demonstrou habilidade no

esporte, principalmente nos lances do jogo que lhe exigiam um movimento de corpo extremamente ligeiro. O local onde jogava, por vezes, lhe parecia de uma dureza que nem o tênis com o maior amortecedor do mundo conseguia amaciar. As árvores que contornavam a quadra balançavam-se com força, pois Laura praticava tênis à noite. As folhas das árvores batiam-se entre si e o cheiro do pastel da cantina alcançava o local dos jogos. Felipe buscava a filha entre bocejos. Ela parecia não se deixar abater pelo cansaço: chegava em casa e ainda estudava mandarim. Iniciaria o curso no próximo mês, pois era uma das línguas que Helena e Felipe consideravam importante à formação, e era um idioma “não-abarcado” pela grade curricular da escola. Laura estudava mandarim após o treino de tênis, com a pretensão de chegar às futuras aulas mais preparada.

Às vezes, em intervalos curtos encontrados “no entre” as aulas-extras da grade curricular, Laura sentava-se em frente ao prédio onde morava com os pais, e ficava parada. Precisava de uns cinco minutos por semana, para reorganizar-se em sua vida-agenda de gente grande-pequena. Passado esse instante ínfimo, Laura se recompunha e sentia-se disposta para novas aulas e cursos. Iniciara, no último mês, aulas de francês com uma tia, irmã de Felipe que morou durante alguns anos na França. As aulas aconteciam na casa dela. Quando Laura chegava ao local, o ranger do trinco da porta velha fazia-se ouvir. A tia aparecia com o cabelo preso por um lenço e com as calças desbotadas. Sentar-se na cadeira de madeira, com a bancada de palha e uma almofada florida, era para Laura envolver-se pelo cheiro de incenso e pelo abraço regado a tabaco, da tia-professora. Estudar francês era, também, provar delícias típicas do país onde o idioma estudado prevalecia. A tia-professora, enquanto morou na França, trabalhou como garçomete em uma espécie de café. Conhecera, assim, receitas, e preparava-as para Laura: desde sobremesas e *croissants*, até batatas.

Adentrar o espaço onde aconteciam as aulas de francês era, na maioria dos dias, experimentar uma mistura de cheiros: incenso, comida e tabaco. As palavras estranhas e o sotaque por ainda se aprender, ganhavam gosto. O francês, enquanto idioma a ser aprendido, compunha-se como um corpo complexo, rodeado por cheiros, afecções, encontros, curiosidades, sons, palavras, trocas... O francês foi sendo apropriado por Laura de modo diferente, se comparado aos outros idiomas aprendidos. O francês tornava-se um idioma de palavras carregadas de afeto.

Entre composições diferentes com suas tarefas/atividades, aos dez anos, Laura já

apresentava importantes habilidades esportivas e também fluência em inglês, francês e espanhol. Em mandarim ainda apresentava dificuldades, mas considerava que “saberia se virar”, caso no futuro precisasse. O mais difícil parecia ser, para Helena e Felipe, manter a filha em tantas aulas e cursos durante tantos anos. O contato com todos esses idiomas, afinal, precisava ser mantido. Caso contrário, Laura esqueceria os aprendizados e o esforço envolvido iria pelo ralo.

Quando a filha voltava do *ballet* à tardinha, saltitante com suas sapatilhas que ensaiavam até no assoalho do apartamento velho, Helena lembrava-se do momento em que soube da gravidez. Embora adolescentes, ela e Felipe se apoiaram reciprocamente e tentaram ofertar a Laura uma composição de vida que ofertasse estímulos neuronais desde a gestação. A música era, assim, uma constante durante a gravidez e intuía favorecer conexões neurais, facilitando assim a aprendizagem e a criatividade da filha futuramente.

A barriga de Helena crescia; Laura crescia. E Laura seguia crescendo. Junto a ela, uma ansiedade em relação a estar pronta para o fluído. Laura, com seus inúmeros cursos, tentava estar pronta para o futuro, para a vida de adulta. Embora esse “estar pronta” se configurasse impossível, a personagem precisava estar pronta de algum modo: Um processo de culpabilização por seus atos e pelos consequentes riscos destacava-se.



Helena estava sentada com os pés esticados, lendo um livro. No sonho, as palavras da página aberta em seu

151

como apareciam nitidamente " (...) muitas vezes, antes de ter a coragem de ir Para a grandeza do sono, Finjo que alguém está me dando a mão e então vou, vou Para a enorme ausência de Forma que é o sono. E Quando mesmo assim não tenho coragem, então eu sonho" (LISPECTOR, 2009, p.16). No sonho, eu esse trecho fez com que Helena segurasse firme o livro e também o seu corpo que tremia na poltrona. Havia forma, havia forma. A dureza dos seios, dos dias e da retina, acabou lentamente reduzindo mundos.

Correr na velocidade do caminhão tombado implica também um desempenho físico a delinear uma vida saudável, longínqua. Estar pronta, mental e fisicamente, para perceber rapidamente e lidar adequadamente com imprevistos da vida, e não apenas com o caminhão tombado, evitando ser esmagada, é um modo de planificação próprio do nosso tempo. Pode-se pensar que há uma preocupação com a saúde que invoca preparar-se para um futuro sempre incerto a ser vivenciado plenamente e não apenas um instantâneo a se experienciar. Um futuro pensado através dos seus riscos, a enroscar-se num sistema hegemônico de controle (DELEUZE, 2008a), que faz dos exercícios físicos e dos alimentos saudáveis, muitas vezes, uma tentativa de o sujeito assegurar-se em seus níveis de colesterol (LIPOVETSKY, 2016), glicose, leucócitos, vitamina D, ferro, corticoides, pressão, etc, mas principalmente, o sujeito passa a ser assegurado em uma rede invisível de controle.

Cada vez mais vigilância, monitoramento e prevenção: alimentação saudável, perda de peso, controle do colesterol, repulsa ao fumo, atividade física — a obsessão narcísica com a saúde e a longevidade segue de mãos dadas com a prioridade dada ao depois sobre o aquiagora (LIPOVETSKY, 2016, p.10).

Manter-se com os níveis de colesterol adequados lembra uma normalização implicada à segurança e que se diferencia de uma norma prévia e rígida, ao modo disciplinar (FOUCAULT, 2008c). Alcançar os níveis supostamente adequados de colesterol é um movimento incessante e não isento de riscos. Precisar Helena manter-se em uma hiper-norma dispersiva para, imbricada ao presente, compor vacúolos (DELEUZE, 2008b) e signos (DELEUZE, 2003) a desamarrarem-na da condição urgentista e da própria norma? Ou, diferente disso, seria possível encontrar na norma disciplinar um modo de desvio à norma hiper-dispersiva/normalização, produzindo ruptura com a mesma?

Responder as duas perguntas do parágrafo acima implica ressaltar que se pretende divergir de ambas. Isso, porque a primeira delas pode ser pensada como atrelada a uma solução liberal, que impele à ação; enquanto a segunda delas remete a uma solução conservadora, que impele ao arcaico. Pretende-se, desse modo, voltar-se a um entre que não apenas se grude à ação e nem apenas ao arcaico e, ainda assim, produza vacúolos e outros ritmos à narrativa-vida.

Manter-se com os níveis de colesterol adequados; exercitar-se; alimentar-se saudavelmente... Lembram, além disso, uma tentativa de impossibilitar um intempestivo

inerente à vida, às relações. Uma tentativa de enquadrar e de segurar firme com as mãos o que é da ordem das transformações e do inesperado gera, assim, uma urgência. Uma urgência que belisca a bochecha e tenta mostrar que, talvez, o encontro com o intempestivo seja um possível em tempos de tanto controle. Como não manter-se nos níveis, se tudo nos impele a tal? Importante ressaltar que esses níveis de que se fala diferenciam-se da norma prévia e rígida colocada por Foucault (2008c) como componente da lógica disciplinar. Os níveis, aqui, remetem a variações e aspectos em constante modulação... Uma flexibilização que intenta impedir o encontro com o intempestivo.

Sobre o encontro com o intempestivo, implica desligar-se do registro do sucesso e do fracasso e aproximar-se de outra coisa que não sabemos o que é, mas se soubéssemos de antemão talvez já não fosse intempestivo.

Intempestiva ou não, a tarde escurecia e a noite chegava a galope. Helena encontrava-se em um banco da rodoviária, esperando o ônibus que a levaria até a filha. Laura viajaria para um intercâmbio na França em três dias, e Helena decidira auxiliá-la com as malas e demais questões burocráticas a serem resolvidas antes do voo. O banco da rodoviária não era confortável, mas a personagem decidiu chegar cedo, devido à ansiedade com a viagem e à tentativa de reduzir as chances de possíveis imprevistos que pudessem impedi-la de viajar, caso chegasse “em cima do horário”. Subiu a escada do ônibus lentamente, suas pernas travadas por momentos, pois passageiros se mantinham no meio do caminho. A poltrona na janela era mais confortável do que o banco da rodoviária. Helena relaxou o corpo e pôde, inclusive, avistar as luzes se multiplicando, quando a capital se aproximava. O trajeto contou com um corpo relaxado, mas que não deixava de sentir o cheiro de ônibus com umidade, e de suores de um dia quente de trabalho. Sentar-se naquele ônibus e visitar a filha fez Helena recordar-se dos dias em que passava horas viajando, para realizar o tão sonhado mestrado e o tão sonhado doutorado. Seu corpo, ao adentrar o “templo ônibus”, relaxava e dormia. O ônibus era templo, porque era o momento em que podia olhar para si.

Naquela noite de viagem, porém, parecia que o ônibus era um templo a permitir que Helena recordasse situações e vivências com a filha, Laura. A noite mantinha-se entre nuvens. Helena mantinha-se nublada, por mais que o seguro de vida havia sido realizado há anos, e o futuro da filha estivesse garantido em partes. A capital ainda era caótica a seus olhos atentos a vidas interioranas, vidas pequenas em dimensão mundial

ou estadual, vidas de cidades pequenas. Pequenas em extensão. Sentada no ônibus, percebia-se em um limiar tênue. As vidas pequenas do interior, talvez, fossem menores ainda na capital-imensidão.

Helena sentiu que o chão balançava com o andar do ônibus. Sentiu que ela balançava junto. Percebeu que o mundo se balançava sozinho. Não precisava dela. Ela seguia sentada, aparentemente passiva a tudo, observando esse movimento que agora a fazia tanto. Tanto parar. Parada e alheia a movimentar-se, Helena sentia-se conduzida pelos sopros que o mundo lhe apresentava. Tantos sopros concordavam com suas inseguranças em relação ao tempo e ao futuro da filha e, ainda, aos perigos que a garota estava exposta na capital e de agora em diante em outro país. Tantos sopros impeliam a personagem a seguir freneticamente em busca de uma velocidade que não encontrava em si. Mas seguia buscando. Seguia correndo, embora sentada e aparentemente alheia. Seguia ágil, seguia fazendo, seguia sem finalizar ou encontrar o que buscava ou se propunha, seguia não terminando nada (DELEUZE, 2008a). Seguia em um exercício de fazer-se, em um conhecer-se produzindo, autodisciplinando-se, operando mais técnicas de si conformadoras do que o sempre inconformado cuidado de si ao modo greco-romano (FOUCAULT, 1994). Poderia ela produzir algum devir-minoritário nesse constante fazer-se?

Queria parar, queria parar. Como? Tinha vontade de rachar as paredes e os tetos e até o chão que não parava de balançar, para um pouco de abrandamento quiçá encontrar. Não encontrava. Mais tentava parar mais isso a fazia mover-se. E mover-se para lugares incertos. Precisava mover-se constantemente para acompanhar o movimento das paredes, do chão e do teto a balançarem, pois do contrário, se não seguisse o embalo, cairia ao solo sem poder se levantar. Precisava de movimento. Precisava. Precisava correr e acelerar suas mãos e pés e pensamentos. Todos juntos, juntos se fariam mais imbatíveis. Será? Descobriu-se em um combate invencível: nunca alcançaria o que o sistema propõe, pois este desterritorializa-se a cada passo. E ela junto, desterritorializada (des)encontra-se.

O sistema invencível e o desassossego que ganha peso levam Helena a vislumbrar uma imagem: a cidade constituía-se selva. Descer do ônibus era já ingressar em outro, e então na avenida aberta, no elevador do prédio de Laura, no apartamento com vista para o “trensurb”... Tudo precisava fluir. Paradas e encontros deviam ser raros (COSTA e FONSECA, 2013). No viés da fluidez, as formas pareciam inexistir. Hardt e

Negri (2004) afirmam a desterritorialização das formas como o que compõe a atualidade, chamada por eles de Império. Para os autores, o Império remete à descentralização, à desterritorialização, às fronteiras abertas e em expansão, a um poder sem limites, que tem como objeto de governo a vida social como um todo. O poder imperial corresponderia, assim, à singularização de redes produtivas, a um espaço aberto e expansivo com reterritorializações contínuas (HARDT e NEGRI, 2004). Para fins de retomada: o abrandamento que Helena buscava e o alcance do previsto/proposto pelo sistema (retratados acima), pode-se pensar que se constituíam quase impossíveis, frente a um contemporâneo implicado à desterritorialização. Um quase a abocanhá-la inteira.

3.3 Helena e a potência de não reagir

A desestabilização, o risco, o planejamento flexível, a ansiedade *just in time...* Impeliam Helena a ir compondo uma história de vida baseada em reações instantâneas, em movimentos precisos, em atualizações constantes, em um fluir em um ritmo que fazia o corpo acelerar intensivamente, produzindo uma urgência através da tentativa de estar o mais preparada possível para o intempestivo. Em meio a essas reações instantâneas, a personagem vai descobrindo a potência do não reagir; do parar sem ser bruscamente, ininterruptamente ou baseado em uma lógica prévia. Lembra-se da fala proferida em uma palestra sobre Nietzsche: “O ressentido é aquele que reage o tempo inteiro e que não pode não reagir”¹³. Helena perguntava-se se, envolta pelo sistema urgente atual de poucos tempos “intermédios” (HAN, 2015), podia não reagir.

A personagem aposta na potência de sua “não reação”, e tenta produzir com a sua vida algo diferente de urgências. De início, a música parece auxiliá-la em uma composição de outros ritmos, impelindo-a a assistir um recital...

¹³ Informação verbal fornecida por Oswaldo Giacóia Junior, em Palestra denominada “Nietzsche e a Psicologia”, durante o evento Semana Nietzsche e a Psicologia, realizado na Faculdade IENH, no dia 17 de março de 2017.

Um recital. Uma nota. Um piano. Uma pianista. Um teclado. Uma tecla. Uma música. Um som. Uma sensação. Uma “não ação”. Uma ação latente. Um ouvir a desencadear tantos suspiros! O corpo da pianista estava entregue. Seus movimentos entregavam cada tom da melodia! A melodia fazia-se sentir na plateia. Como um ritornelo a delimitar um trecho musical na partitura, os ritmos da música pareciam delimitar um território a Helena, naquele momento. Como um ritornelo a delimitar um trecho musical a ser repetido na partitura, os ritmos da música pareciam uma expressão a se repetir com a diferença, a provocar ecoares e paradas (DELEUZE e GUATTARI, 1997b).

O ritmo das canções lembrava o ritmo da vida. Dos dias. Do cotidiano. Rápido, rápido, rápido, a provocar uma sensação de transbordamento, de algo a estourar, de algo que não suportará... A plateia quase se afoga junto. E aí a calma. A quase parada. A tecla que demora a ser tocada. A tecla que insiste devagar, mais um pouco. O ritmo que desacelera, que provoca sensação de “poxa, anda logo”. Uma espera lenta. Um lento que logo é abortado pelo silêncio retumbante de um tom obscuro e enorme. A saturar tudo que ali se fazia devagar.

Assumir-se em um posicionamento de poder não reagir, e ao mesmo tempo experienciar o recital, levavam Helena a se perguntar se havia acontecido um vácuo de silêncio em meio à música; se havia acontecido um experienciar o intempestivo em meio à música e seus ritmos variados. Encontrar uma resposta, talvez, dissipasse o vácuo...

O tempo, no recital, parecia não poder ser outro que o da partitura, que o do compositor, que o previsto para afetar a plateia. O tempo da pianista parecia não poder esquecer a partitura. A canção e os ritmos não tinham escolha. As mãos da pianista eram incumbidas de tornar potentes aquelas tantas notas. E faziam isso a partir de algo prévio, embora o que provocavam àquele que escutava desmembrava dedos e ossos, desmembrava braços e encontrava jeitos de desmembrar até fios de cabelo, sem ossos. O tempo da pianista parecia não poder esquecer a partitura, diferente do tempo da urgência, que atinge e atravessa em diferentes ritmos e tons, sem exigir que o tempo a cada ritmo seja premeditado ou descrito em uma partitura. Não obstante, há uma tentativa, no tempo da urgência, de preparar-se para o inesperado, de planificar o fluxo sem torná-lo rígido. Talvez, seja possível dizer que no tempo da urgência não há uma

partitura rígida com as notas a serem tocadas, mas há ensaios de preparação para que o inesperado não seja tão inesperado assim.

DIÁRIO

As mãos enfileiravam - a quando o fazer era automático. 1 e 2, tui e toc, direita e esquerda, os dedos e empunha. Fôz pino e delicados, direi-fiziam de seu teste um teste. Cabriam além dos dentes, cabriam tocar, além dos dentes ali pincavam. O que fazia involuntário. Toca tritar paredes de teste que a fazia tocar. Toca As mãos não tocavam tocar, apenas toca. Mas aquilo não aqui, imões! As mãos mesmas, o modo de teste, era teste: antes toca mesmo, quando o imões seva, corulo. Tocar tocavam, quando o dedão de enfileiravam - a, batiam palmas. Ou dedão chassem ou tocar de um violão, espregassem ou tocar de um piano. Tocar era ritmo e era ou vir, era com e era silêncio.

Comparecer ao recital trouxe, a Helena, lembranças de ritmos e de músicas que foram cerzindo o seu corpo ao mundo. A personagem recordava-se de fitas cassetes que ouvia com amigas da escola ou com o primo Henrique, na infância. As fitas compunham-se por cerca de doze canções. O som era programado, as músicas aquelas específicas, poucas alterações ao repertório faziam-se possíveis além de um aperto no botão do aparelho de som, para passar à canção seguinte.

A garagem onde ouviam a fita tinha um chão retalhado e cheirava a cera. Podia-se deslizar pelo chão encerado e ao mesmo tempo ter os pés freados pelas frestas em retalhos. Tudo dependia do ritmo da canção ouvida... E, por mais que eram sempre as mesmas, os bailares pela garagem aconteciam diferentes.

Helena e seus companheiros de dança não compunham coreografias. Brincavam de dançarinos. Ritmados pelo mundo/fita, podiam não reagir. Esse não reagir não se aproximava apenas de uma “não reação instantânea” do corpo ao ritmo da música, mas também de uma reação outra do corpo. De um atravessar-se pelo ritmo entoado, permitindo-se à criação de outros.

Poder não reagir, talvez, para além de poder frear-se e paralisar-se, aproximava-se de poder não reagir conforme o ritmo que embalava as canções, quando esse ritmo colocava-se como o majoritário ou algo de antemão tomado mais em um viés de representação ou coreografia prévia, do que do sensível e do afetivo.

4 PARADA VIBRÁTIL

Os ônibus passavam baforando poeira. Eu estava na parada de ônibus. Uma mulher ao meu lado movimentava a perna ritmicamente, parando a cada vez que um ônibus estacionava à frente; olhava de perto e via que não era o ônibus esperado. A batida da perna seguia e eu seguia ali. Um casal adolescente começou a se beijar em meio às chegadas e partidas de ônibus. Um homem parou ao meu lado, dizendo: “o amor é lindo”. Pensei que era, mas pensei também no quanto a alegria exposta causa incômodos, burburinhos. A alegria daquele casal movimentava a parada de ônibus... Uma idosa encarava aqueles tantos beijos com desdém; uma mulher olhava com olhar divertido; um jovem ocupava-se com a bunda da garota que beijava o namorado. A parada de ônibus girava em torno do casal. Eu estava tonta.

A parada de ônibus tinha poucos lugares que permitiam o “sentar-se”. A chuva fina imperava no entorno, levando cabeças e corpos a se recolherem para baixo da pequena proteção calcada em frente a um empreendimento de *fast food*. Uma jovem sentou-se ao lado de Helena, em um dos poucos lugares restantes. O vento e a chuva fina tornavam os cabelos daquela viandante escorridos, líquidos, de modo a se derramarem no sanduíche que ela comia. O quão poética se fazia aquela imagem aos olhos de Helena: a chuva fina e escorrida a emoldurar uma garota de cabelos escorridos e que salivava pelo sanduíche. Quanto movimento era possível fazer vibrar e reverberar, em uma parada de ônibus concretada, estagnada!

Os prédios da capital se aglomeravam, contornando cada detalhe da paisagem. Furos existiam, porém. Os prédios deixavam marcas e continham barulhos estranhos.

Poderiam tombar como o caminhão? Poderiam desabar? Seguiam firmes. Mas na imaginação de Helena eram derretidos pela poluição rasante dos automóveis e ônibus a permearem-nos. Diluíam-se efervescentes, como uma aspirina.

Os prédios antiquíssimos lhe traziam resquícios de memórias que nem tinha. Quem vivera naquele prédio rosado e caindo aos pedaços? Quantos dividiram o espaço daquela casa que hoje abriga um café? E quem rondou as estradas por entre aquele prédio que parecia misturar suas partes quebra-cabeças? E quanto à praça com a qual se deparava... Quantos beijos, desentendimentos e esperas suas árvores testemunharam?

Em primeiro lugar: encontrar um lugar. Um lugar onde se sentar. Onde parar. Estando no lugar, logo aparece um representante de assessoria esportiva. Ver alguém parado requer fazê-lo se movimentar. Requer apresentar um plano esportivo semanal e estratégias eficazes a uma “corrida perfeita” (sic): como movimentar os braços, como posicionar-se... O que mais enxergo, enquanto estou sentada no banco da praça, são pessoas se exercitando: correndo, caminhando, andando de bicicleta. Idosos andam em duplas, parecendo combinar um treino. Uma mulher sentada próxima ao banco onde estou não se mexe. Rodeada de sacolas de supermercado, com coisas que não parecem de supermercado, ela permanece estática. Mantém-se na mesma posição, com um olhar desconfiado. Reparo nos tênis dos idosos e das pessoas que passam por mim caminhando ou correndo: são adequados ao exercício físico e enfatizam a velocidade, a aceleração, o caminhar mais em menos tempo. Aqueles que não usam tênis se destacam, pois destoam. Parece haver algo de encontro em meio aos exercícios... Por mais que o exercício e o movimentar o corpo sejam os imperativos, há um encontrar-se, há pessoas reunidas para se exercitarem juntas. Idosos se encontram, conversam, falam do esplendor que é o sol nascendo através do prédio do colégio militar. Falam de praia, de férias, de feriado, de um tempo diferente. Riem solto, divertidos e contentes com uma aparentemente simples caminhada. E não só. Dois idosos conversam ao meu lado. Sentados, falam sobre coisas banais. O jogo de futebol que acontecerá após a meia-noite só será assistido se se perder o sono. Começo a sentir frio. Parar parece expulsar o calor, deixando o vento invadir e a temperatura baixar. *Selfies*. Uma senhora vestida com uma roupa colante de academia rosa bebê, faz *selfie* mandando beijo. Vou percebendo que escrevo mais sobre o que se movimenta ao meu redor, do que sobre o que para... Como se pudesse haver uma distinção estanque entre movimentar e parar...

Um tripé se posicionava ao lado do banco onde Helena estava sentada. Um senhor de bengala arrumava com dificuldades esse tripé que serviria para apoiar a sua pintura e, ao que parecia, seu corpo frágil. Helena viu que a tela ainda estava em branco, embora parecesse um objeto antigo: amarelado pelo tempo, roído nos cantos. A bengala não era largada; a mão que sobrava conseguia iniciar um traço. E outros. Helena acompanhava os movimentos do pincel, as cores que se misturavam, o delineamento que escapava a qualquer forma. O senhor pintava a praça, deformando-a. Helena buscava compreender os traços dentro de uma lógica formatada, mas a obra era respingos. Podia-se saber que dialogava com a praça, porque a cada pouco o senhor se virava e olhava para o entorno. Olhava e traçava, traçava e olhava. A noite vinha vindo de mansinho, o dia passara entre trocas de cores e traços informes. O tripé começou a balançar com o vento, por incrível que parecesse. E o vento começou a fazer as tintas voarem, dificultando o trabalho. Até o corpo do senhor de bengala parecia balançado pelo vento... A bengala sustentava com dificuldades. O vento mandou embora o senhor, o tripé, aquela obra. Mas que ficassem, também já teriam ido embora.

Helena conta-se urgência ao contar sua história ficcional. Mas pretende contar-se, também, por entre vacúolos de silêncio, por entre desvios que lhe permitam criar com o intempestivo algo que não sabe o que será.

Devido à segunda pretensão de “contar-se” (esboçada acima), a personagem para. Para de ler conceitos e autores e teorias que poderiam ajudá-la a pensar a sua prática; para em meio à praça, em meio ao shopping, em meio ao Museu, em meio ao jardim de casa. Na maioria das vezes permanece sentada, parada. Em alguns momentos levanta-se, mas sem a intenção de buscar o que faria ali. Apenas para.

O processo de parar não foi, para Helena, tão leviano ou simples como o parágrafo acima pôde, talvez, fazer transparecer. A personagem tinha dúvidas a respeito de se estaria de fato conseguindo parar. Sentia culpa e incômodos por não estar escrevendo, lendo ou produzindo. A parada, assim, enquanto desvio que se pretendia potente, por vezes era capturada pelo sistema e passava a ser tomada com o peso da obrigação, do acontecer imediatamente.

Entre a lentidão e a parada, outros modos de habitar o urbano e a vida tentam se desenhar com Helena. Exercícios de “escrita parada”, ou de tentativa de operar paradas e lentidões através da narrativa, fazem ver o quão difícil é parar e encontrar-se com o entorno. E, ao que parece, são justamente as aproximações com o que permeia o corpo

que podem lentificá-lo. Contaminações exteriores parecem produzir lentidões. Porém, é preciso que o corpo se abra a isso. Sem contaminações, como lentificar?

A escrita de uma parada inicia em uma tentativa de parada... "É preciso não se mexer demais, para não espantar os devires" (DELEUZE, 2008c, p.172). Ao modo desse excerto, pretende-se que os "movimentos de parada" sejam potencializados pela ambiguidade que os compõe (movimento-parada; não dicotômicos), pelo advir que os possibilita reinventares sempre outros. Nesse viés, a parada aparece como uma possibilidade de advir outro, de não imitação ou fazer igual.

Parada que se faz "vibrátil", se roubarmos a palavra de Rolnik (2004). A autora refere-se ao "corpo vibrátil" enquanto um "exercício intensivo do sensível" (p.2). Discorre sobre o corpo, no contemporâneo, estar em coma, pois despotencializado da possibilidade de encontrar-se com o mundo enquanto força e não apenas forma ou representação. Por "parada vibrátil", desse modo, poder-se-ia pensar uma parada que não é ruptura de agenciamentos ou estagnação, e sim potencialização de relações outras e de um "corpo vibrátil" que tencione o corpo em coma e o modo urgente de existir.

Talvez, a "parada vibrátil" pode ser encarada como uma parada que agencia encontros sensíveis com o mundo, a partir de uma abertura do "corpo-pesquisador". Ao mesmo tempo, porém, esse corpo-pesquisador é cerzido pela exigência de uma parada que "vença" a urgência logo, pois há prazo à finalização da dissertação; ou seja, exige-se urgentemente a parada da urgência, o que leva a uma dupla captura: "É urgente que pares com a urgência"; "precisas correr em parar de correr"... Deleuze e Parnet (1998) concedem corpo a essa questão, ao escreverem que

Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (...) As núpcias são o contrário de um casal (...) A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura pois "o que" cada um se torna não muda menos do que "aquele" que se torna (p.10).

Essa dupla captura apontada por mim e teorizada por Deleuze e Parnet (1998) lembra o tensionamento que tento fazer em relação à urgência do controle, através das paradas vibráteis. Ao mesmo tempo, porém, é urgente que eu escreva e opere uma narrativa que pressione essa urgência imediatamente, pois há prazo para finalizar a dissertação. Como fazer núpcias entre essa urgência que urge e essa que faz urgir? Como não apenas reproduzi-las ou tomá-las paralelamente, e sim compor um entre que

possibilite uma abertura à produção de devires? Como propor núpcias, também, entre uma urgência do controle e uma parada vibrátil?



O mundo para colaborar para que
 você ocorra na lógica desconhecida,
 desconhecida, de não fazer nada de se
 atualizar, de se formar, de aprender, de
 criar... Fazer o movimento contrário
 configura-se difícil. Almedar-se no
 sentido de não apenas desconhecida - a
 automaticamente exige um esforço que
 é corpo. O corpo inteiro precisa ajudar,
 não o processo e inclui a mula. O
 corpo inteiro precisa colocar um um
 movimento contrário a vida urgente.
 Será?
 Será?

Os imperativos comentados nos últimos parágrafos produzem efeitos na narradora e também em Helena. A escrita-história de Helena, em uma tentativa de compor vacúolos ao tensionar a urgência do controle e potencializar paradas vibráteis, evidencia Helena como uma personagem *alter ego* (outro eu e eu-outro do corpo pesquisadora) da Narradora, assim como a Narradora é personagem e *alter ego* de Helena. Desse modo, esta última por vezes serve de defesa, evitando a confissão e exposição de quem não quer dar-se em entranhas ao olhar dos estranhos e familiares. Ao mesmo tempo, porém, Helena possibilita uma abertura do corpo da narradora ao diferente, ao não saber, a uma história reinventada enquanto se conta.

Helena, além de defesa, aparece como abertura. E tomar a “parada vibrátil” como um possível, quando de uma abertura do corpo em relação ao mundo, faz pensar nos vacúolos de silêncio como agenciamentos que se produzem no encontro, por meio dessa abertura “corpo – pesquisador”.

Tanta abertura faz pensar no que é informe, inacabado, devir. Helena parece suportar um devir, ainda que ele se apresente, por vezes, potente demais. Arrastada para longe de si, a personagem encontra um fora a traçar linhas de encontro entre suas experiências cotidianas no urbano e o campo problemático com o qual dialoga. Helena vai conseguindo seguir em processo ao operar as paradas, ao invés de interromper ou frear. Mergulha na lama do intempestivo. É possível pensar que a personagem se torna médica de si e do mundo – não à maneira de “Cada um deve tornar-se médico de si mesmo” (FOUCAULT, 1994, p.793), respingada pelo sistema biopolítico atual, mas ao modo de um diagnóstico do presente que opere outros modos de viver em um espaço-tempo urgente – tomando a literatura como saúde, pois processo (DELEUZE, 2006). “A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta” (p.14). O que parecia próprio a Helena é desmanchado. Helena-povo-por vir.

Enlameada, Helena delira. É literatura e literatura é delírio. Delírio a gritar suas vertentes imbricadas: uma de doença, a arquitetar uma raça pura e dominante, outra de saúde, a compor resistências e agitações frente às dominações ou aprisionamentos. Atrelada a processos, essa última vertente abre um sulco na literatura. Embora corra o risco de ser arrastada a um fascismo doentio com o qual luta, a vertente da saúde parece remeter àquilo que se propõe a literatura: “(...) por em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida” (DELEUZE, 2006, p.15). Sem a intenção de compor binarismos com a urgência do

controle e a parada vibrátil, mas ao mesmo tempo bebendo das ideias de Deleuze (2006) referidas, é possível pensar a urgência como atrelada à doença: pois aprisionamento; e a parada vibrátil à saúde: pois processo, desvio, criação, possíveis...

Se literatura, vida e parada vibrátil compõem processos, a interrupção do processo seria morte? Talvez, possa haver uma parada que também é vida. Afinal, por que pensar processo e interrupção como opostos? Por que e como seria possível pensar morte e vida como opostos? Helena lembra-se de Deleuze (2016a) quando ele aborda os fluxos decodificados como implicados à lógica capitalista, diferente do que acontecia em outras formações sociais. O estudioso argumenta sobre a decodificação poder cair em um vazio mortífero, ou possibilitar recodificações.

Ainda sobre a interrupção do processo na lógica capitalista contemporânea, pode-se questionar o fato de estar colada a uma parada enquanto morte e risco biomédico. É possível pensar que a interrupção remete também a uma tentativa de controlar a decodificação, aquilo que escorre por entre os dedos, que se esvai em uma aceleração intensiva da urgência. A literatura e a vida remetem a processos informes e de fluxos decodificados a serem recodificados continuamente, impossíveis de serem representados ou expressos através de mera descrição. Como esboçá-las? A literatura é saúde ao possibilitar aberturas aos processos, às linhas de fuga e às linhas feiticeiras que insistem em provocar desvios ao sistema dominante (DELEUZE, 2006). Quando remete à saúde, a literatura é menor. É devir minoritário para além de minoria (DELEUZE, 2013). É operação e não categoria. Nesse embalo, a parada vibrátil pode ser literatura e pode ser saúde, ao se propor a operar processos desviantes à lógica da urgência.

Tentando operar, na narrativa, paradas e desvios, Helena percebe que o processo é composto por nós de saturação, nós que fixam, nós que impedem o fluxo... A escrita de sua vida ficcional satura-se, por vezes, aprisionando-se em meio ao próprio processo. Processo que não se opõem à fixidez... Processo que evidencia saturação, também, em relação ao tempo e ao espaço: “O chefe nos alcança em qualquer lugar, a qualquer hora. O expediente nunca mais acaba. Já não há espaço de trabalho e espaço de lazer, não há nem mesmo casa. Tudo se confunde” (BRUM, 2016, p.1). O corpo não precisa mais de uma instituição para seguir o que é previsto ou esperado. Os corpos, senhores e escravos de si (BRUM, 2016), evidenciam um controle que não precisa mais da materialidade corpo ou instituição para ser exercido (TIRADO e DOMÈNECH, 2001). Torna-se

inevitável estar no processo que é movimento, e ao mesmo tempo ser capturado por ele, aprisionando-se. Fixidez e flexibilidade não mais se opõem...

Flexibilidade e abertura, especificamente, a remeterem à extitucionalização e não à desinstitucionalização (TIRADO e DOMÈNECH, 2001). Ou seja, as instituições se converteram em extituições: “Una extitución es una superficie imposible de geometrizar, más bien es una amalgama de conexiones y asociaciones cambiantes” (SERRES e LATOUR apud TIRADO e DOMÈNECH, 2001, p.201). Não se trata, desse modo, de reclusão. E sim de um controle contínuo e aberto, a ultrapassar barreiras físicas, mas a seguir com a vigilância: “(...) en la extitución, vigilar implica, sobre todo, un dejar hacer, un permitir el movimiento continuo. Cuanto mayor sea el movimiento del usuario, mayor será la probabilidad de marcar y predecir su trayectoria (...) En la extitución, (...) el cuerpo pierde significación” (TIRADO e DOMÈNECH, 2001, p.203).

Trata-se de um controle que aprisiona sem impedir o experienciar o processo. E de um entendimento de saúde e doença, bem como de urgência e parada, indissociados... Helena vai percebendo o “devir potente demais” que a amedrontava no início desse subcapítulo, como composto por hesitações e equívocos a saturarem, e ao mesmo tempo movimentarem, seu mundo urgente. Urgir paradas potencializa devires. E sim, é possível sobreviver a tanta potência.

Entre tentativas de contaminação com outros ritmos, e de composição com exercícios de parada, Helena potencializava devires. Potencializava-os, desse modo, ao fazer urgir paradas: através do sentar-se em praças, shoppings, museus e no jardim de sua casa (conforme já mencionado). Apenas parando...

Parar tem trazido uma sensação atrelada à grandeza do mundo, em detrimento a minha pequenez. O mundo parece se abrir imenso quando o passo se reduz a se sentar. Ao mesmo tempo... Será que são "paradas" o que produz? Paralisei seguindo

Não sei se paro de vez. Me parece que vou passando a ouvir mais. Os pássaros, o cabelo batendo no vento, os automóveis

Tentativas de operar paradas vibráteis ou paradas não estagnadas na própria narrativa delineiam-se, já nos três capítulos anteriores, entre tentativas de vacúolos de silêncio perante a tagarelice acadêmica na busca de lentificar o texto... Tal processo desenrolou-se nos capítulos precedentes, embora talvez em alguns momentos permeado por uma obscuridade. Nesse capítulo quatro, não obstante, tal processo evidencia-se de modo mais explícito, ainda que entre dificuldades e deslizos. As hesitações, equívocos e dúvidas, mencionados anteriormente como potencializadores de devires, serão abraçados para que se tente não resvalar em uma marca majoritária de sucesso ou de acerto *versus* erro.

Cabe ressaltar que a parada estagnada e passiva parece se aproximar de uma atenção totalmente focada e grudada a aspectos prévios, prontos. Uma atenção que dificulta o funcionamento atencional do cartógrafo, impossibilitando um encontro afetado, em movimento e em processo, com o território. A propósito, “O cultivo da atenção pelo aprendiz de cartógrafo é a busca reiterada de um tónus atencional, que evita dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada” (KASTRUP, 2007, p.21). A rigidez controlada parece se relacionar a uma parada estagnada, ao passo que o relaxamento passivo parece se vincular a um movimento infinito e que não implica uma atitude de encontro, apenas uma passividade. Talvez, a parada vibrátil possa ser pensada como um exercício que não se posiciona em nenhum dos extremos, compondo assim um “entre” importante à atenção que a cartografia busca inventar. Compondo, aliás, um “entre” importante à criação de diferentes temporalidades, as quais parecem se produzir, também, através de uma atenção concentrada e aberta (KASTRUP, 2007).

Nesse interim paradoxal e não binário entre uma parada estagnada e uma parada vibrátil, é possível pensar articulações com o cansado e o esgotado. Se tomarmos o primeiro como aquele que esgotou todas as possibilidades, ele poderia compor agenciamentos com a parada estagnada. Já o esgotado, se for tomado como aquele que

esgotou todas as possibilidades para criar outras, poderia agenciar-se à parada vibrátil. O esgotado, nesse viés e conforme pincelado na escrita anteriormente, aproxima-se de um “perder-se” para não procurar, de um “perder-se” que não procura algo e, por isso, não se gruda mais aos modelos, mas cria outros possíveis.



tempo que nós é para produzir e para

G

o quê? Talvez, para toda. E aí a angústia aparece. O nada surge sem força e aí o mundo se expande, a reinvenção se torna possível e a angústia cresce junto com as possibilidades. Ao que parece, é o mundo de possibilidades e o empinamento com as coisas prévias e presentes, que causa uma ansiedade que acaba paralisando não no sentido de uma outra temporalidade ou de uma produção de lentidão, mas no sentido de uma parada endurecida, paralisada, anestesiada dos afetos e encantos do mundo. Ao que parece, é essa parada anestesiada que tem me tomado pela mão e me levada a seguir reproduzindo uma lógica cômica cômica de desacomodar-se. Uma lógica cômica de seguir no automático, compulsivamente dando conta dos tarefas.

4.1 Para uma delicadeza

Os passos de Helena eram desabituais. Lentos, tão lentos... Ela caminhava de modo a ser a mais lenta das passantes. Eram passos difíceis. Era preciso atenção para não cair no ritmo majoritário das pernas que andavam lado a lado com a personagem. Ao atravessar a rua na faixa de segurança, por exemplo, o ritmo lento não permitia o atravessar completo. Era preciso aumentar o ritmo, para evitar o atropelamento e o impedimento do fluxo àqueles que queriam atravessar nos cinco segundos restantes. Modificar o ritmo já parecia, a Helena, uma tentativa de abrir-se aos vacúolos. De não tomá-los enquanto entidades prontas e prévias, mas resquícios que podem reverberar quando o ritmo modula a si, variando-se.

Enquanto caminhava tentando manter esse ritmo inabitual, Helena também tentava identificar aspectos que os outros passantes não viam: um barbante sujo na fresta da calçada; um rasgo da calça de um transeunte; uma lasca mínima na pintura de um prédio; um passarinho tentando se esconder da chuva... A personagem narra isso, como tentativa de que essas efemérides provoquem desvios, mudanças de uma rota ou de uma rótula que faz girar em torno de si mesma apenas. As efemérides fazem ver uma outra cidade, uma outra Helena, um outro ritmo, uma outra parada.

Potencializando o sensível... A “parada vibrátil” e os possíveis “vacúolos” parecem articular-se à delicadeza (KEHL, 2014), proposição-conceito que não remete a uma característica intrínseca humana ou a uma essência, e sim a uma condição humana que se compõem a partir de condições presentes na vida social. A delicadeza se aproxima, assim, mais da ousadia do que da polidez (KEHL, 2014) e, pode-se pensar, mais de desvios e paradas-vibráteis do que de paradas-estagnadas ou aspectos majoritários (estes últimos, contrários à intenção da literatura menor).

Como tornar a delicadeza possível? "A delicadeza é possível justamente nas culturas em que a perda está incluída como parte da vida. Ao contrário, os que nada admitem perder, talvez desprezem tudo o que é efêmero, frágil, transitório" (KEHL, 2014, p.1). O perder descrito no trecho faz pensar no “perder tempo”, bem como na parada vibrátil como remetendo a tal perda (pois, em uma lógica capitalista, parar é perder dinheiro). O perder descrito no trecho faz pensar, aliás, na perda de um futuro garantido e passível de um planejamento certo, o qual é atrelado à disciplina (como já

comentado em outros subitens). Tomando a reflexão de Kehl (2014) sobre o perder possibilitar a delicadeza, a parada vibrátil (enquanto perda de tempo, de dinheiro e de certezas) parece propiciar uma existência de uma estética da delicadeza. De uma delicadeza que, por não ser intrínseca humana, potencializa devires.

Importante ressaltar que a produção de agenciamentos em relação à parada vibrátil (passando pela delicadeza) não tem a intenção de defender um “caminho certo” para um desvio à urgência. Sem intenções muito definidas, a parada vibrátil compõe-se como um modo de operar com as forças mundanas da sociedade de controle. De uma sociedade que objetiva um planejamento flexível, ou seja, um estar o mais preparado possível para o imprevisível, e que remete mais a um devir-urgência do que a uma urgência específica (disciplinar, a remeter ao hospital).

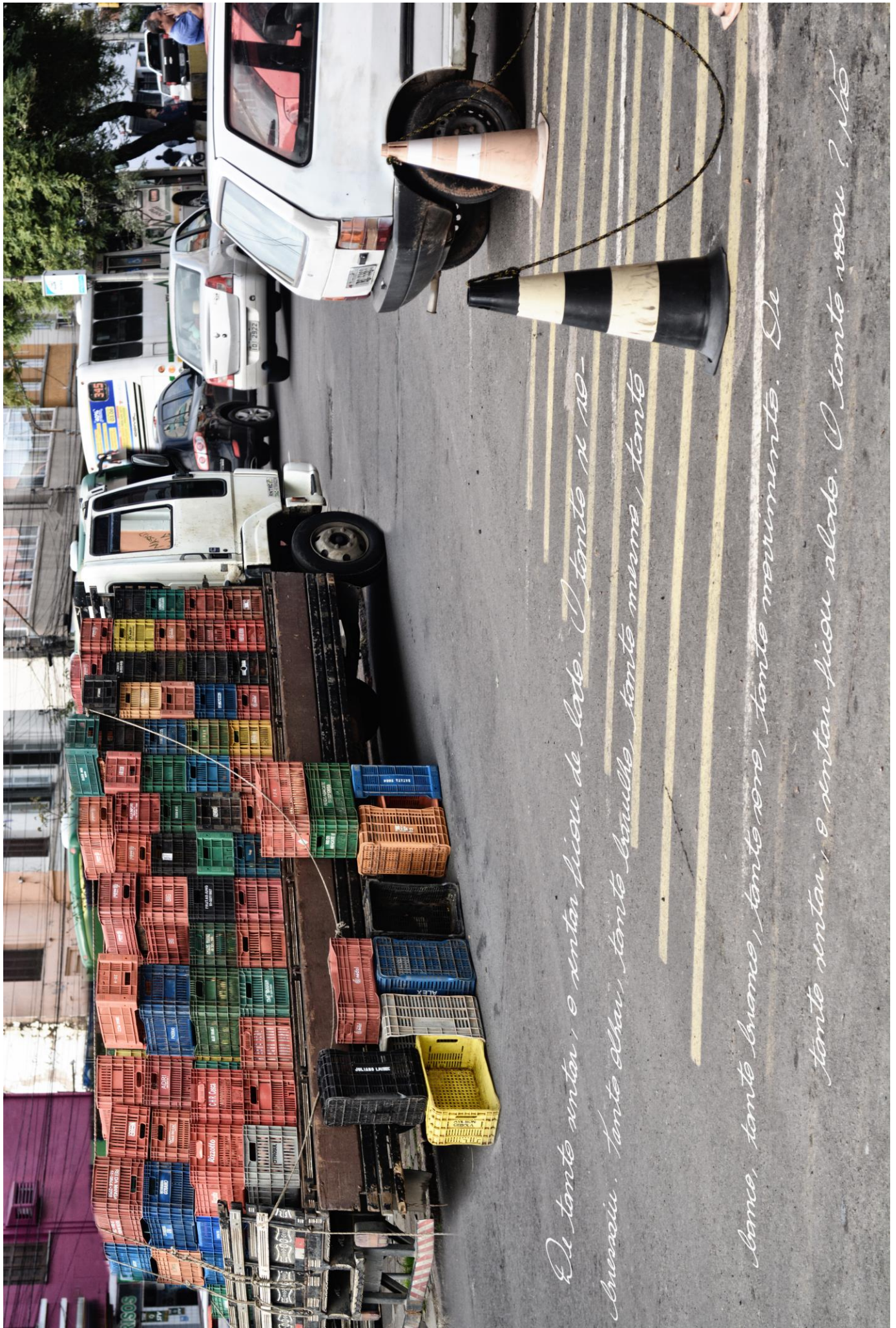
Talvez, seja possível pensar que a parada estagnada remeteria mais à sociedade disciplinar e a uma urgência da disciplina, pois se faz externa ao sistema e compõe paradas rigidamente definidas, ao modo da sabotagem referida por Deleuze (2008b): colocar o tamanco (*sabot*) em meio às engrenagens para fazer parar as máquinas e impedir o trabalho. Já a parada vibrátil se aproximaria mais da sociedade de controle e de uma urgência do controle, pois é parte constituinte do sistema, compondo paradas que fazem os fluxos do próprio sistema escaparem, desviarem. Ou seja, em meio a um fluxo de conexões que demanda criatividade, flexibilidade, responsabilidade, etc, há uma parada intensiva, a qual se diferencia de uma parada definitiva dos fluxos – como acontece na sabotagem – e se aproxima de um desvio dos fluxos de uma dinâmica extensiva (das soluções, produções, resoluções, produtos, consumos passíveis de serem capitalizadas) para a delicada dinâmica intensiva de quem “quer-se” perdido (não por não achar o rumo certo, mas por desistir, desertar de procurá-lo). Tal desertar, tal desistir é a operação intensiva desta parada vibrátil.

Entrando em miúdos nas paradas esboçadas acima e nos agenciamentos produzidos com cada uma delas, pode-se pensar com Bechler (2014): “O ritmo frenético da linha de produção se espalha para as ruas, imprimindo nos corpos as gestualidades e rotinas das máquinas, que se acoplam definitivamente à subjetividade” (p.13). Tomar o excerto de Bechler (2014) é embeber-se por subjetividades que não se diferenciam do modo como as máquinas operam em cada espaço-tempo, em cada sociedade. Assim, retomando o que já foi colocado, se na sociedade disciplinar a sabotagem produzia uma parada total na máquina operada, o mesmo era possível às subjetividades: produzir

paradas definitivas, momentos em que a vida estagnava. Já na sociedade de controle, sem a possibilidade de paradas definitivas devido aos fluxos incessantes e em constante transformação, as máquinas se compõem abstratas no sentido de engendrarem esses fluxos sem a necessidade de uma fábrica, de uma linha de produção ou de um lugar entre quatro paredes. E o mesmo acontece com as subjetividades: não param definitivamente; mas pode-se pensar que compõem uma parada vibrátil ao desviarem dos fluxos extensivos, desertarem e desistirem de encontrar um rumo certo a ser seguido na vida-pesquisa-escrita.

A impossibilidade de uma parada definitiva, na sociedade de controle, lembra a “deriva parada” de Bechler (2014):

Deriva parada produzia um contrassenso entre essas duas palavras. Deriva é um correlato de movimento, variabilidade, alternância. Produzi intencionalmente essa tensão, pois era como eu sentia nos passos da experiência. O movimento criava um estado de deriva, estar parada com a disponibilidade para a rua e sem finalidade, também. Pois se tratava de um “estado de deriva”, uma forma de atenção e de disposição psíquica, que se relacionava com o espaço, com o tempo, mas que não era determinado somente pelo movimento. Estando parada, operou-se uma inversão, eu estava parada, o mundo em movimento (p.143).



*De tanto untar, o untar ficou de lado. O tanto n ro-
brezuiu. Tanto alho, tanto braulte, tanto mesmo, tanto*

come, tanto brume, tanto erro, tanto movimento. De

tanto untar, o untar ficou alado. O tanto roou? nê

havia vento para tomte. As asas eram sedentárias: a-
dentar por outros áreos. Sedentarizar-a na rede. Sentar-
a na tomte.

... Foi a mancha de uma borboleta no asfalto que fez a
personagem parar. A mancha parecia respingada pela
chuva, levada pelas tomtas paragens de carnos e de
ondantes e de chuva e sol. Vavia além do asfalto,
mas a sua mancha seguia ali, modificando-a a cada
parse de cada tramente que a depunava com ela,
em vê-la. E como vê-la no lneu retorno? No es-
cure da noite? Quais manchas a noite deixa em
notas?

A deriva parada de Bechler (2014) tensiona a parada vibrátil comentada acima, pois a primeira implica a disposição de um corpo e, pode-se pensar, de um corpo que não esteja em coma (recordando Rolnik (2004)); implica a disposição de um corpo que se volte ao mundo em suas forças e fluxos, bem como se permita sensibilizar-se através de uma abertura encarnada, potente, que reverbere na carne e na vida. Derivando disso, a parada vibrátil pretende operar, com esse corpo vibrátil, paradas que desviem de um sistema majoritário, respingando “outrares” a uma lógica urgente.

Talvez, a parada vibrátil e suas reverberações coengendrem-se à delicadeza, pois esta última, em sua ética-estética do inacabado, do parcial e do frágil, permite a parada vibrátil de quem se perde por não tentar se encontrar, assim como o movimento de se perder por desertar nos permite a delicadeza e sua fragilidade fugaz. Desertar implica, desse modo, desviar da urgência sem se opor a ela; pois se a resistência do *sabot* é disciplinar e se opõe ao movimento como forma de resistir, ao controle não resistimos parando, mas desviando (vacúolos de silêncio, por exemplo), vibrando de modo delicado e não de modo massivo, sem a intenção de resolução ou de obtenção de sucesso. Ao invés do fracasso, desiste-se do sucesso. O esgotado aparece, novamente, como agenciamento possível às ideias colocadas.

A desistência de uma marca hegemônica se aproxima da desistência em relação a um caminho certo, o que pode ser relacionado à delicadeza e à parada vibrátil como desertoras de uma urgência do controle, como desertoras a potencializarem um perder-se implicado à desistência de encontrar:

A consciência cai do trono e o sujeito se perde no deserto. E perder-se é sempre perder-se de si e perder o mundo. Abre-se aí o espaço, o deserto, a fissura que racha o Eu e o Mundo e permite que o entendimento se dê no encantamento intempestivo e na experiência paradoxal (OLIVEIRA apud FARINA e FONSECA, 2013, p.100).

Farina e Fonseca (2013) colocam faíscas ao que se vinha tentando dizer. As autoras lampejam um intempestivo e uma experiência paradoxal, possíveis a partir de um perder-se e de um espaço em aberturas (deserto) a desmanchar binarismos (eu-mundo). Helena perdida pela cidade, pela sua história, pelo sistema urgente contemporâneo. Helena perdida e sem a intenção de buscar algo: poderá a personagem, nessa atitude delicada e desertora, compor e se encontrar com o intempestivo?

Mas é preciso hesitação para que a delicadeza e a parada vibrátil não sejam colocadas como posturas certas ou lugares prometidos. Como o deserto (FARINA e FONSECA, 2013), a delicadeza e a parada vibrátil são funções ou movimentos e não “terras prometidas”; são desvios e outros modos de experienciar o mundo: acompanhar um mundo em fuga, ao invés de fugir de um mundo que se tem (FARINA e FONSECA, 2013).

Como função e movimento, o deserto, a delicadeza e a parada vibrátil agenciam composições com um espaço-tempo de diferentes temporalidades. Como compô-las? Como uma urgência do controle pode, em suas modulações de urgência, fazer urgir e rugir paradas vibráteis?

Ao que parece, a delicadeza pode ser encarada como um movimento que tensiona e desvia de uma lógica hegemônica, e não como algo intrínseco a ser atuado. A delicadeza exigida no caminhar de Helena fez reduzir o passo e pareceu potencializar o toque e o pouso em relação ao mundo. Como modulações da atenção do cartógrafo, o toque e o pouso, através da delicadeza, parecem se desenhar de outros modos. A delicadeza vai sendo delineada, por/com Helena, como uma tentativa de produzir outras modulações de urgência e temporalidade na experiência contemporânea e na história da personagem...

Helena a tocar o chão com o salto que fazia saltar. Pousa o corpo inteiro no mundo da cidade. Andança que levou às amoras. Às frutas que sujaram o caminho e o salto. Pintaram o andar. A árvore de amoras parecia destoar do entorno cinzento, cimentado da cidade. A delicadeza com que se portava em meio a tanta estrutura cimentada fez sujar os pés... Fez Helena manchar-se com a cidade, ao modo do que acontece em relação à dissertação, que ao paradoxalmente “começar a finalizar-se”, deixa marcas de um processo que segue na vida e que vai se transformando à maneira dos resquícios de amora deixados pelas ruas da cidade...

Uma das marcas de amora remete aos vacúolos de silêncio. A pesquisa se desenrolou, em grande parte dos momentos, tentando produzir esses vacúolos com as experiências, a ficção, a história de Helena... Passado o auge da angústia para produzi-los, é possível vislumbrar que foram possíveis justamente nos momentos de narrativa, nos momentos em que Helena teve palavra, nos momentos em que a personagem pôde se contar. Talvez, ao modo da parada vibrátil que não remete a algo estagnado e não se opõe a movimento, os vacúolos de silêncio não se grudam apenas a silenciamentos, mas

também a narrativas e, principalmente, a narrativas de experiência que não se querem prontamente úteis, que não querem comprovar pontos prontos ou atingir objetivos... Tais narrativas estão tão escassas nesses tempos urgentes de necessidade de opinião imediata... Helena não silenciar ou Helena narrar experiências também pode ser pensado como um interruptor ou um desvio em relação aos tantos silenciamentos e às tantas falas hegemônicas que uma vida imersa no controle e no risco experiencia.

4.2 Para umas histórias

Vejo um guardinha no shopping, enquanto fico sentada no banco defronte a uma loja de roupas. O guardinha permanece parado todo o tempo. Sua postura e sua parada já falam por si. Fico pensando que não é a parada do guardinha que pretendo operar. E sim uma parada que não se imponha por si mesma, mas pelo que de redemoinho arrasta consigo, modificando. Uma parada que não impõe, compõe. Uma parada que não se isola e que não passa verniz para diferenciar-se do entorno, mas indiferencia-se. Lembrei-me da parada cardíaca que tanto se destacava nos escritos das oficinas de escrita: a parada era o que propiciava um outro movimento às relações no Pronto Atendimento. A parada que me proponho não é cardíaca, fisiológica ou próxima da morte. Não é em si. Não é um objeto ou um acontecimento espetacular. Apenas uma outra engrenagem ao vivido. Percebo que, ao produzir ou tentar produzir as paradas, produzo também a mim mesma. Sou produtora de mundo e de mim mesma... E quando não se é? O shopping não foi feito para se sentar. Estou há 1h aqui, e minha bunda dói. O banco é desconfortável: de madeira, reto, duro; é para sentadas ligeiras, entre uma compra e outra, um andar pelas lojas e um lanche... Tento ignorar o incômodo banco, e fico mais um pouco. As escadas rolantes não opõem o parado e o movimento. Permitem o estar parado que se movimenta; o deslocamento que acontece mesmo com o ser parado. As escadas rolantes impõem o ritmo delas. É preciso atenção, cuidado, pés ao centro do degrau, segurar firme. Por estar sentada próxima às escadas rolantes, vou percebendo que não são tão rápidas assim. Deixo-me contaminar pelo ritmo que acelera quando alguém “embarca” em seus degraus. Poucos optam pelas escadas tradicionais. A

maioria dá preferência à escada rolante, ao movimento programado, à possibilidade de manter-se parado enquanto se movimenta.

Parada e aberta aos encontros, Helena tenta contaminar-se com o mundo, para compor uma temporalidade outra. Tenta, assim, produzir vacúolos que façam estremecer as amarras de uma vida imersa na urgência do controle. Há um rompimento, desse modo, com uma temporalidade interna ou alheia aos contágios.

Parada, Helena deparou-se com o vazio que o modo urgente de vida contemporâneo evocava. Desacelerar o passo esvaziou o mundo.

Em um ímpeto vazado de encontros, Helena passou a tentar ocupar esse vazio com histórias. Talvez, ocupar a vida com histórias fosse um modo de reinventar o ritmo cotidiano. Reinventá-lo com afecções produzidas no encontro corpo-mundo. Afinal, o que durava enquanto transformação, na urgência do tempo, além das histórias que cada um que passava por ela compunha?

Ocupar com histórias. Mas ocupar não para preencher, e sim ao modo da água que se encaixa ao coco verde: um vácuo flexível e andante, que permite furos, escorreres, pingos e canudos.

Histórias, ao modo da água que percorre o coco verde, percorrem o mundo. Produzem pessoas, mundos, realidades, espaços e tempos. Duram, ao reinventarem-se. Histórias inevitavelmente ficcionais. Histórias que dilatam o tempo, ao evidenciarem a impossibilidade de serem narradas tal e qual ocorreram. Passado, presente e futuro misturam-se e compõem temporalidades outras, ao modo da noção de contemporâneo já apresentada por Costa e Fonseca (2007).

A palavra é pensada, nesse contexto, como aquilo que rasga o tempo, dilatando suas dimensões e tornando sensível aquilo que conta. O sensível, por sua vez, é pensado como aquilo que impede o tempo de voltar ao tamanho anterior. É aquilo que se agarra a suas beiradas, tornando-as cada vez mais flexíveis e ampliadas ao fora.

Parar fez Helena. Fez Helena perceber que contar suas histórias possibilitaria produzir vacúolos de silêncio e outros modos de habitar o urbano, a vida, o mundo. A história de Helena, não por acaso, delineou a dissertação.

4.3 Para umas inutilidades

Como dar palavra ao silêncio dos vacúolos, ao silêncio que só encontra palavra ao se constituir como uma imagem, um esboço incontornável?

De algumas inutilidades, tentou-se compor uma dissertação que se descarta a todo o tempo:

Primeira inutilidade:

nuvens, como uma peneira, deixam vaziar os raios do sol;

Segunda inutilidade:

um grão de areia que olha para o mar e o vê como um tecido;

Terceira inutilidade:

o abraço que sufoca os braços, mas amplia o mundo;

Quarta inutilidade:

a respiração ofegante de quem acaba de perder o filho em um acidente automobilístico;

Quinta inutilidade:

a respiração serena de uma criança que acabou de ser amamentada...

Quinta, sexta, sétima... poderia seguir com as inutilidades. Mas, a questão que percorre o que descrevi até o momento se aproxima disso: Como fazer das inutilidades da vida (que se apresentam como potentes durante os exercícios de parada) material potente à construção de vacúolos e de outros modos de existir no contemporâneo da urgência do controle? Como encarar as inutilidades enquanto narrativas que enriquecem a vida (rompendo com o esvaziamento de mundo retratado) e produzem outras temporalidades?

Talvez, finalizar a dissertação configure-se enquanto mais uma inutilidade. Talvez, encarar a “conclusão” como um ponto inútil a ser abordado possa fazê-lo murmurar outros ventos.

Septuagésima oitava inutilidade:

o vento murmura Helena e ela (in)venta-se.

...ventava muito... Helena suave menos.
Não sentia os pingos escorrendo lentamente
por baixo da blusa, até alcançarem os pés e
desaparecerem nos chinelos velhos...

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2010. pp.55-73.

_____. La potencia del pensiero. **Revista do Departamento de Psicologia** – UFF. vol.18, n.1, pp.11-28, 2006.

_____. El autor como gesto. In: AGAMBEN, Giorgio. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005. Disponível em:
<file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/agamben%20-%20o%20autor%20como%20gesto%20(espanhol)%20(2).pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

ALEXANDRE, Agripa Faria. A dinâmica da sociedade de risco segundo Antony Giddens e Ulrich Beck. **Geosul**. Florianópolis, v.15, 0.30, p 150-167, jut/dez. 2000.

ARAUJO, Ricardo A.; ARAÚJO, Cleber C. A ficção como laboratório do possível: ficções críticas de Juan José Saer. **AFUERA**: estudos de crítica cultural. vol.8, n.5, 2010.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana.(org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. pp.52-75.

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. Clínica Política e as modulações do capitalismo. **Lugar Comum** – Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro. n.19-20, 2004. pp.159-171.

BARTHES, Roland. O ator de Harcourt. In: BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2009. pp.26-28.

_____. **Aula**. 14ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BECHLER, Janaina. **Deriva parada**: experiência e errâncias urbanas. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BECK, Ulrich. “Momento Cosmopolita” da Sociedade de risco. **ComCiência**. n.104, Campinas, 2008. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000700009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2016.

BOTTONI, Francine Delavald. **Por entre cores, corredores!** Cartografando urgências em um Pronto Atendimento. 2016. 20f. Trabalho de conclusão (Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde: Intensivismo, Urgência e Emergência). Hospital Santa Cruz – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul/RS.

BRUM, Eliane. **Exaustos-e-correndo-e-dopados**. 04 jul. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html>. Acesso em: 05 jul. 2016.

_____. **É urgente recuperar o sentido de urgência**. 29 abr. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/04/e-urgente-recuperar-o-sentido-de-urgencia.html>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

CÓRDOBA, Marcelo. Políticas de la vida, retrato de una forma de vida emergente. **Astrolábio**. n.8, 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/2041-5688-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/2041-5688-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

CORREIA, Telma de Barros. **Espaço, tempo e cidade**: as tecnologias da velocidade e o ambiente urbano. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5367&Itemid=361>. Acesso em: 01 mai. 2016.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tania M. Galli. O personagem conceitual e a poética ficcional: uma estratégia de escrita no empirismo transcendental. In: LEMOS, Flávia C.S.; GALINDO, Dolores; BICALHO, Pedro Paulo de G.; OLIVEIRA; Flávio V.; SANTOS, Igor do C.; SANTOS, Arthur; ELMENESCAY, Erica (org). **Criações transversais com Gilles Deleuze**: artes, saberes e política. 1ª edição. Curitiba: CRV, 2016. v.1, p.191-214.

_____. Cidades sutis: dispersão urbana e da rede de saúde mental. **Psicologia e Sociedade**. vol.25, n.especial 2, 2013. pp.21-30.

_____. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Revista Interamericana de Psicología**. vol.42, n.3, 2008. pp.513-519.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tania M. Galli. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. vol.59, n.2, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal Revista de Psicologia**. vol.26, n.esp., 2014. pp.551-576.

_____; DUTRA, Daniel; FONSECA, Tania M. Galli. Natureza desumana: desmesuras do mundo ao homem. **Psicologia e Sociedade**. vol. 23, n.1, 2011. pp.5-14.

_____; KIRST, Patrícia. Mais geografia do que história: o tempo do fora no fora da cidade. In: FONSECA, Tânia M. Galli; COSTA, Luciano Bedin da (org). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. pp.191-201.

DECOTELLI, André Miranda. **O cuidado de si socrático-platônico e sua recepção em Foucault**. Universidade Federal Fluminense. Grupo de Estudos Helenismo e Religião. Disponível em:

<<http://www.uff.br/helenismo/sites/default/files/Cuidado%20de%20si%20em%20Plat%C3%A3o%20e%20a%20recep%C3%A7%C3%A3o%20de%20Foucault.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Los códigos, el capitalismo, y otros temas**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/Deleuze_Los_Codigos_el_capitalismo_y_otros_temas\[1%E2%80%A6%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/Deleuze_Los_Codigos_el_capitalismo_y_otros_temas[1%E2%80%A6%20(1).pdf)>. Acesso em: 29 fev. 2016a.

_____. **Abecedário de Gilles Deleuze parte 3 M Z**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJtufcBntO0>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

_____. **Ser de esquerda** – Deleuze. Publicado em 19 mai.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Wer1VGBZi8>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. Post scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 7ª edição. São Paulo: Editora 34, 2008a. pp.219-226.

_____. Controle e devir. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 7ª edição. São Paulo: Editora 34, 2008b. pp.209-218.

_____. Sobre a filosofia. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 7ª edição. São Paulo: Editora 34, 2008c. pp.169-193.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **Proust e os signos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. A imanência: uma vida... **Educação e realidade**. vol.27, n.2, 2002. pp.10-18.

_____. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____. **Lógica do sentido**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: Para uma literatura menor. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

_____. Introdução: rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 2000. pp.10-36.

_____. O liso e o estriado. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.5. São Paulo: Editora 34, 1997a. pp.179-214.

_____. Acerca do ritornelo. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.4. São Paulo: Editora 34, 1997b. pp.100-149.

_____. Como criar para si um Corpo sem Órgãos. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996a, p.9-29. v.3.

_____. Micropolítica e Segmentaridade. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996b, p.76-106. v.3.

_____. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ECO, Umberto. A escolha do tema. In: ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 13ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2007. pp. 35-68.

FARINA, Juliane Tagliari; FONSECA, Tânia Mara Galli. **Fuga para o deserto por uma psicologia pagã**. Barbarói. n.39, Santa Cruz do Sul, dez.2013. pp.87-107.

FERREIRA, Maria João; TAVARES, Isabel. **Notas sobre a história da estatística**. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa/Portugal, 2009. Disponível em: <http://www.alea.pt/html/statofic/html/dossier/doc/publicacao_2009_web.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2017.

FONSECA, Tania Mara Galli. A cidade subjetiva. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia G. **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. pp.253-258.

_____; COSTA, Luis Artur; FILHO, Carlos A. C.; GARAVELO, Leonardo M.C. Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetividade contemporânea. **Athenea digital**. vol.15, n.1, pp.225-247, 2015.

_____; MOEHLECKE, Vilene; NEVES, José Mário. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, UERJ. vol.10, n.1, pp.169-189, 2010.

FONSECA, Tania Mara Galli; THOMAZONI, Andrea R.; COSTA, Luis Artur; SOUZA, Vera Lúcia; LOCKMANN, Vivian da S. Microfascismos em nós: práticas de exceção no contemporâneo. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro. vol.20, n.2, p.31-45, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica?** Espaço Michel Foucault. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/critica.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

_____. As relações de poder passam para o interior dos corpos. In: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. pp.35-43.

_____. Prefácio à História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. pp.207-213.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

_____. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a. pp.3-38.

_____. Aula de 1º de fevereiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. pp.117-154.

_____. Aula de 25 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c. pp.73-116.

_____. Aula de 18 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008d. pp.39-72.

_____. Aula de 08 de fevereiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008e. pp. 155-180.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. pp.99-116.

_____. A formação das Modalidades Enunciativas. In: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. pp.57-62.

_____. O Pensamento do Exterior. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2001. pp.219-242.

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975 - 1976)**. SP: Ed. Martins Fontes. 2000.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IV**. Traduzido por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994. pp.783-813.

_____. **De outros espaços**. Architecture, Movement, Continuité, vol. 5, 1984.

Disponível em:

<file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/foucault_outros_espacos_.prn%20(2)%20(3).pdf>. Acesso em: 02 mar. 2016.

FURTADO, Rafael Nogueira. A atualidade como questão: ontologia do presente em Michel Foucault. **Natureza Humana**. vol.17, n.1, São Paulo, 2015. pp.144-156.

GUATTARI, Félix. Restauração da cidade subjetiva. In: GUATTARI, Félix. **Caosmose**. 4ª edição. São Paulo: Editora 34, 2006. pp. 169-182.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia e Sociedade**. vol.19, n.1. Porto Alegre. Jan/Abr. 2007.

KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. 24 de fevereiro de 2014. Disponível em:

<<http://toleranciaecontentamento.blogspot.com.br/2014/02/delicadeza-por-maria-rita-kehl.html>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**: tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/17062062/Os-Tempos-Hipermodernos-Gilles-Lipovetsky>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

_____; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009.

_____. **A descoberta do mundo**. 3ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. **Água viva**. São Paulo: Circulo do Livro, 1973.

LOURAU, René. **A análise institucional**. Petrópolis: Vozes, 1975.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a literatura**. Publicado em 05 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aOn8xy4N5hc>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

MENDES, José Manual. Obituário “Ulrich Beck: a imanência do social e a sociedade do risco”. **Análise Social** – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. vol.214, n.1, 2015. pp.209-215.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. pp.26-51.

MORAIS, Ronaldo Queiroz. Paul Virilio: o pensador do instante contemporâneo. **Contexto e Educação**. Editora Unijuí. vol.17, n.65, 2002. pp.37-54. Disponível em: <file:///C:/Users/Fr%C3%A3/Downloads/1181-4852-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 mai.2017.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, Neuza M.; HÜNING, Simone M.; FERREIRA, Arthur A (org). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. pp.143-157.

NIETZSCHE, Friedrich. Apêndice: Fado e História. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.163-172.

OLIVEIRA, Dennis. Entrevista – Zygmunt Bauman. **Revista Cult**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevis-zygmunt-bauman/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. A ficção literária como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll**. vol.1, n.28, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4ª reimpressão. vol.1. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. pp.7-16.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 3ª edição. vol.1. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014. pp.17-31.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: Editora N-1, 2013.

_____. Íntegra: tempo e loucura. **Café Filosófico** – CPFL Cultura, 16 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/wp/2009/10/16/integra-tempo-e-loucura-peter-pal-pelbart/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

PICOLI, Arlindo Rodrigues. A Crítica como Ferramenta de Liberdade. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação** – RESAFE. n.13, 2010. pp. 31-40.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**. v.1, n.2, pp.241-251, 2010.

ROLNIK, Suely. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, Tânia M. G.; ENGELMAN, Selda (org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. pp.231-238.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Biblioteca Luso-Brasileira: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ROSE, Nikolas. ¿La muerte de lo social? Re-configuración del territorio de gobierno. **Revista Argentina de Sociología**. año/vol.5, n.008. Consejo de Profesionales en Sociología. Buenos Aires, Argentina. pp.111-150.

ROSSI, André; PASSOS, Eduardo. Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. **Revista EPOS**. vol.5, n.1, Rio de Janeiro, 2014.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Sopro**: panfleto político cultural. Agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

SANTOS, Guilherme Soares. **Entrevista Virilio**. 12 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/entrevista-virilio-%E2%80%9Cminha-l%C3%ADngua-estrangeira-%C3%A9-velocidade-%C3%A9-acelera%C3%A7%C3%A3o-do-real%E2%80%9D>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

SILVA, Vinicius Pablo. **Protocolo de Manchester**. 6 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://aenfermagem.com.br/materia/protocolo-de-manchester/>>. Acesso em: 01 fev.2017.

SOUTO, Caio Augusto T. Deleuze, a imagem do pensamento e a literatura. **Trilhas Filosóficas**. vol.3, n.2, 2010.

SPEZIALI, Marcelo Gomes. De aromas e perfumes, o mercado da indústria do "cheiro". **Química Nova**. vol.35, n.4, São Paulo, 2012.

TESTA, Federico. Michel Foucault e o Helenismo: subjetivação e cuidado de si. **Intuitio**. Porto Alegre. vol.4, n.1, jul.2011. pp.03-15.

TIRADO, Francisco J. The politics of the Itself. **Athenea Digital**. n.14, 2008. pp.331-338.

_____; DOMÈNECH, Miquel. Extituciones: del poder y sus anatomías. **Política y Sociedad**. Madri. vol.36, 2001. pp.191-204.

REFERÊNCIAS OUTRAS

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Disponível em: <<https://msamoraes.files.wordpress.com/2014/07/manoel-de-barros-o-livro-das-ignorc3a3c3a7as.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

_____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya 2010.

_____. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Ricardo, 2001.

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CUNNINGHAM, Michael. **As horas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HILLESHEIM, Betina. **Entre a literatura e o infantil**: uma infância. Editora Abrapso Sul, 2008.

KAFKA, Franz. **O castelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O processo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

KUNDERA, Milan. **A Lentidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

QUINTANA, Mário. **Poeminha do Contra**. Disponível em:
< http://www.pensador.info/autor/Mario_Quintana/3 >. Acesso em: 24 abr. 2016.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio/ Editora rio de janeiro, 1968.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. 48ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SCHWEBLIN, Samanta. **Pássaros na boca**. São Paulo: Benvirá/Saraiva, 2012.

STRINDBERG, August. **Inferno**. São Paulo: Editora Max Limonad, 1982.

WOOLF, Virgínia. **A marca na parede**. Disponível em:
<<http://estrolabio.blogs.sapo.pt/1368767.html>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

_____. **As ondas**. Osasco/São Paulo: Novo século Editora, 2011a.

_____. **Mrs. Dalloway**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011b.